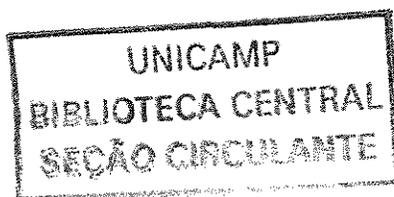




UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**O LAZER E O IDOSO: UMA POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÃO**

**MINÉIA CARVALHO RODRIGUES**



**CAMPINAS- SÃO PAULO  
2002**

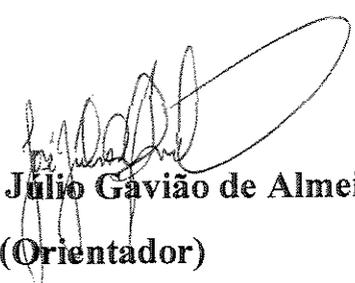


**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**AUTORA: MINÉIA CARVALHO RODRIGUES**

**TÍTULO DA DISSERTAÇÃO:  
"O LAZER E O IDOSO: UMA POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÃO"**

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação de mestrado, defendida por Minéia Carvalho Rodrigues e aprovada pela Comissão Julgadora em 1º de julho de 2002.



**Prof. Dr. José Julio Gavião de Almeida  
(Orientador)**

**CAMPINAS- SÃO PAULO  
2002**

**UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL**

UNIDADE BC  
Nº CHAMADA UNICAMP  
R618L  
V \_\_\_\_\_ EX \_\_\_\_\_  
TOMBO BCI 50935  
PROC 16.837/02  
C \_\_\_\_\_ DX \_\_\_\_\_  
PREÇO R\$ 14,00  
DATA 26/09/02  
Nº CPD \_\_\_\_\_

CM00173420-0

BIB ID 259079

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA-FEF-UNICAMP**

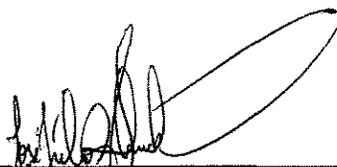
Rodrigues, Minéia Carvalho  
R618L O lazer e o idoso: uma possibilidade de intervenção / Minéia Carvalho  
Rodrigues. -- Campinas, SP: [s.n.], 2002.

Orientador: José Júlio Gavião de Almeida  
Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade  
Estadual de Campinas

1. Lazer. 2. Idosos. 3. Educação. 4. Pesquisa-Ação. 5. Velhice. 6.  
Envelhecimento. I. Almeida, José Júlio Gavião de. II. Faculdade de Educação  
Física, Universidade Estadual de Campinas. III. Título.

**MINÉIA CARVALHO RODRIGUES****O LAZER E O IDOSO: UMA POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÃO**

Dissertação defendida e aprovada em 04 de Julho de 2002, pela Banca Examinadora constituída pelos professores.



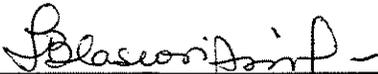
---

**Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida**  
(Orientador)



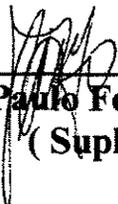
---

**Prof. Dr. José Luiz Rodrigues**  
(Titular)



---

**Profa Dra. Silvana Maria Blascovi de Assis**  
(Titular)



---

**Prof. Dr. Paulo Ferreira de Araújo**  
(Suplente)

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a minha mãe, que sempre esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis da minha vida conduzindo meus passos com amor e segurança.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por guiar meus caminhos.

Ao meu pai, que apesar da distância, sei que torce por mim e à minha mãe Divina, por dedicar sua vida a suas filhas.

À minha irmã, por estar ao lado da minha mãe durante as minhas ausências.

À minha avó Filhinha, que sempre acreditou em mim.

Ao Wesley, por compreender minhas ausências e aflições na realização deste trabalho, por estar sempre ao meu lado apoiando nas horas de maiores dificuldades e, acima de tudo, por estar sempre torcendo e incentivando meu crescimento profissional.

Ao Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida, meu orientador, pela confiança que depositou em mim e pela dedicação e competência no processo de orientação deste trabalho, sem a qual eu não teria êxito.

A Márcia, a Tânia, a Simone e a Dora, por terem estado sempre dispostas a nos auxiliar no que for necessário e por esclarecerem todas as dúvidas com relação aos procedimentos técnicos necessários na qualificação e defesa deste trabalho.

A todos os meus colegas de trabalho do Curso de Educação Física, do Campus Avançado de Jataí- UFG, que sempre incentivaram a minha caminhada e que se desdoblaram para garantir minha licença, substituindo minha ausência em disciplinas, projetos e demais atividades acadêmicas da instituição.

A todos os funcionários do Campus Avançado de Jataí.

À minha amiga Cátia, com quem sempre pude contar nos momentos de aflição que se fizeram presentes durante a realização deste trabalho, e pela amizade, que construímos ao longo de mais de oito anos de convivência.

Às amigas Viviane e Katiúscia, que foram companheiras nesta nossa escalada, sempre dispostas a servir e ajudar quando era necessário.

Às professoras Márcia, Luciene, Renata e Rosana, que me auxiliaram na construção do pré-projeto de mestrado: sem este primeiro passo não chegaria aqui.

À professora Enilva, pela correção ortográfica e gramatical

Às amigas Si, Rê, Cris, e Lu, que me acolheram em Campinas e me deram todo apoio de que precisei nesta cidade.

A todos os meus colegas de mestrado.

A todos os professores que contribuíram para a minha educação.

Ao professor Nivaldo Antônio Nogueira David, que sempre incentivou nossa caminhada e que lutou com todas as suas forças pela nossa qualificação.

Ao professor Walter Celestino, um exemplo de vida para nós, que possibilitou o meu engajamento na vida acadêmica.

Aos professores doutores José Luiz Rodrigues, Paulo Ferreira Araújo e Silvana Blascovi de Assis, pelas adequadas arguições nos momentos do meu exame de qualificação e defesa desta dissertação.

À Professora Doutora Heloisa Reis, pelas contribuições oferecidas neste trabalho.

A todos os alunos que conviveram comigo, pois, querendo ou não, foram eles que permitiram meu crescimento, através de uma reflexão constante que se faz presente na prática docente.

A todos os alunos-bolsistas do Projeto PAI, que vêm conseguindo desenvolver um bom trabalho

A Ana Mireile, que muito me auxiliou na coleta de dados deste trabalho

À Prefeitura Municipal de Jataí, à Superintendência de Assistência Social e a todos os funcionários do Condomínio Vila Vida.

Aos idosos, que foram autores principais deste trabalho e que não fizeram papel apenas de objeto de nossa pesquisa, mas sujeitos da mesma, tornando-se pesquisadores de sua realidade.

## Tocando em Frente

(Almir Sater e Renato Teixeira)

Ando devagar porque já tive pressa  
E levo esse sorriso porque já chorei demais  
Hoje me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe  
Eu só levo a certeza de que muito pouco eu sei  
E nada sei

Conhecer as manhas e as manhãs, o sabor das massas e das maçãs  
É preciso amor pra poder pulsar, é preciso paz pra poder sorrir  
É preciso chuva para florir

Penso que cumprir a vida seja simplesmente  
Compreender a marcha e ir tocando em frente  
Como um velho boiadeiro levando a boiada  
Eu vou tocando os dias pela longa estrada eu vou  
Estrada eu sou

Conhecer as manhas e as manhãs, o sabor das massas e das maçãs  
É preciso amor pra poder pulsar, é preciso paz pra poder sorrir  
É preciso chuva para florir

Todo mundo ama um dia, todo mundo chora  
Um dia a gente chega, no outro vai embora  
Cada um de nós compõe a sua história  
E cada ser em si carrega o dom de ser capaz  
De ser feliz

Conhecer as manhas e as manhãs, o sabor das massas e das maçãs  
É preciso amor pra poder pulsar, é preciso paz pra poder sorrir  
É preciso chuva para florir

Ando devagar porque já tive pressa  
E levo esse sorriso porque já chorei demais  
Cada um de nós compõe a sua história  
E cada ser em si carrega o dom de ser capaz  
De ser feliz

## SUMÁRIO

RESUMO.....	xix
ABSTRACT .....	xxi
INTRODUÇÃO.....	01
I    ENVELHECIMENTO: UM PROCESSO MULTICULTURAL.....	05
1.1 Os vários termos utilizados para denominar o envelhecimento.....	07
1.2 Homogeneização do envelhecimento: uma questão cronológica?.....	10
1.3 O desenvolvimento humano rumo ao inacabamento.....	14
II   LAZER.....	22
2.1 Discussão conceitual sobre lazer.....	23
2.2 O lazer e o idoso.....	28
2.3 Educação para e pelo lazer.....	36
III  TRAÇANDO UM CAMINHO.....	46
3.1 Uma reflexão.....	48
3.2 Fase diagnóstica e de tematização.....	49
3.3 Problematização e programação da ação.....	50
3.4 Avaliação em forma de reflexão das ações.....	51
3.5 Os sujeitos da investigação.....	51
3.6 A coleta dos dados .....	53
3.7 Análise dos dados.....	54
IV   O CONDOMÍNIO VILA VIDA.....	55
4.1 Características iniciais.....	55
4.2 As pessoas que trabalham no Condomínio Vila Vida.....	57
4.3 As atividades existentes no condomínio.....	59
4.4 Critérios para ingresso no condomínio.....	60
4.5 Outras considerações sobre a instituição.....	60

V	AS POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO.....	62
5.1	Como surgiu a necessidade de intervir no projeto?.....	62
5.2	O lazer: uma possibilidade de intervenção.....	68
5.2.1	Nosso passeio começa: para além dos muros do condomínio.....	73
5.2.2	Próxima parada: da acomodação à integração.....	75
5.2.3	Nosso passeio não para por aqui: lembranças do passado, a possibilidade de aprender e ensinar.....	77
5.2.3	O desafio como possibilidade de desenvolvimento.....	79
5.3	Ciclos de estudos.....	80
5.3.1	Ciclo de estudos 1.....	80
5.3.2	Ciclo de estudos 2 e 3.....	82
	DISCUSSÃO.....	86
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	95
	ANEXOS	

## RESUMO

Partindo em busca de uma melhor compreensão a respeito do papel do lazer na contribuição do desenvolvimento das pessoas idosas, realizamos um processo de intervenção junto a um grupo de dezenove idosos do Condomínio Vila Vida, localizado no município de Jataí-GO. O problema que norteou a presente pesquisa refere-se a relação entre o lazer e o desenvolvimento das pessoas idosas. No que diz respeito aos objetivos específicos, foram traçados os seguintes: diversificar os interesses culturais do lazer; proporcionar meios e condições aos sujeitos envolvidos para que tenham condições de refletir, através das atividades realizadas sobre suas atuais condições de vida, sobre os seus direitos e deveres de cidadãos; identificar as possibilidades de lazer que tenham correlação com os interesses dos idosos; conscientizar sobre as oportunidades de lazer existentes no município; ensinar aos idosos conhecimentos e habilidades que sirvam de base para o desenvolvimento de novas afinidades, satisfações, gostos; proporcionar aos idosos, conhecimentos em relação ao lazer que possibilitem a liberdade de escolha. Para que estes objetivos pudessem ser atingidos, lançamos mão dos recursos metodológicos da pesquisa-ação para realização de uma intervenção. Simultaneamente, realizamos um estudo teórico visando discutir alguns aspectos do envelhecimento e desenvolvimento humano e compreender melhor o papel do lazer dentro deste contexto. Este estudo teórico foi de fundamental importância nas observações empíricas, na análise e na interpretação dos dados. A investigação nos permitiu delinear alguns objetivos buscados e podemos afirmar que houve mudanças por parte dos idosos no que diz respeito a uma alteração de valores em relação ao lazer; à diminuição das barreiras para participação no lazer; à maior liberdade de escolha em relação ao lazer; à possibilidade de identificar experiências de lazer que sejam do interesse dos idosos; ao maior conhecimento a respeito dos espaços de lazer existentes no município fatores estes que interferem no desenvolvimento pessoal e social dos idosos, gerando uma maior autonomia e independência dos indivíduos. Mediante isto podemos inferir que o processo de intervenção no permitiu identificar o lazer como instrumento que, dependendo do contexto, pode auxiliar no desenvolvimento das pessoas idosas.

## ABSTRACT

Going to search of a better understanding about the paper of the leisure in the contribution of the senior people's development, we accomplished an intervention process in a nineteen aged people group who lives in the Condominium Vila Vida, located in the municipal district of Jataí-GO. The problem which oriented the present research refers the relationship between the leisure and the aged people's development. What refers to the objectives specifics, the following ones were traced: diversify of the cultural interests of the leisure; to provide means and conditions to the involved subjects have conditions to reflect, leaving from the activities accomplished, about its current life conditions, and its citizens' rights and duties; identify the leisure possibilities which have correlation with the aged' interests; identification of the existent opportunities of leisure in the municipal district; teach the senior people's knowledge and abilities which serve as base for the development of new likeness, satisfactions, tastes; to provide to senior people's knowledge relative to the leisure which make possible the freedom of choice. So that these objectives could be reached, we use methodological resources of the action-research for accomplishment of an intervention. Simultaneously, we accomplished a theoretical study thinking about to discuss some aspects of the aging and human development and to understand the paper of the leisure inside this context. This theoretical study was of fundamental importance in the empiric observations, in the analysis and in the interpretation of the data. The investigation allowed us to delineate some looked for objectives and we can affirm that there were changes on the part of the seniors in what refers to an alteration of values in relation to the leisure; to the decrease of the barriers for participation in the leisure; to the largest choice freedom in relation to the leisure; to the possibility to identify leisure experiences which can be the seniors' interest; to the largest knowledge about the existent leisure spaces in the municipal district. These factors interfere in the personal and social seniors' development, generating individuals' bigger autonomy and independence. By means of this we can infer that the intervention process allowed us to identify the leisure as instrument that, depending of the context, it can aid in the aged people's development.

## INTRODUÇÃO

O tema envelhecimento tem ganhado atenção significativa, sendo alvo de crescentes discussões no meio acadêmico e na sociedade como um todo. Verifica-se nas últimas décadas um aumento considerável de pesquisas que se voltam para a compreensão do fenômeno do envelhecimento.

Todas estas alterações estão associadas a um aumento gradativo das pessoas com mais de 60 anos de idade. Atualmente os brasileiros com mais de 60 anos chegam a ocupar 7,3% da população, e as previsões apontam que, em 25 anos, chegarão a 15%. O crescimento da população idosa gera importantes repercussões sociais, econômicas e culturais, chamando a atenção da população para este fenômeno.

As idéias que iremos apresentar neste trabalho fazem parte da necessidade de se ampliar a discussão acadêmica sobre o tema e guardam também estreita relação com nossa trajetória acadêmica e profissional, entrelaçada, por sua vez, com nossa própria história de vida profissional, iniciada no ano de 1995, durante o curso de graduação, momento em que estabelecemos os primeiros contatos com pessoas idosas. Este ocorreu através de um trabalho de três anos, como professora de natação em uma academia. Finalizando o curso de graduação, adentramos em uma especialização em Cuiabá-MT. Na disciplina de natação tivemos uma parte destinada ao exercício aquático para pessoas idosas, e mais uma vez me via envolvida com as questões ligadas ao envelhecimento. Posteriormente, em 1998 engajei-me no ensino superior, ministrando a disciplina de Ginástica II<sup>1</sup>, na qual parte do conteúdo é direcionado à atividade física para pessoas idosas. Os estudos da disciplina nos levaram a implantar o projeto PAI- Projeto de Atendimento ao Idoso -, que atende um grupo de pessoas idosas através de atividades físicas. O projeto deu certo, e estamos a três anos engajada neste trabalho.

---

<sup>1</sup> Estudo dos diversos conceitos de saúde física e atividades compensatórias pela via do exercício corporal. Aplicação de um modelo teórico-prático da ginástica para o atendimento às gestantes e/ou idosos. Análise e aplicação dos testes mais utilizados para o controle e a manutenção da saúde física. (Ementa da disciplina do curso de Educação Física do Campus Avançado de Jataí- Universidade Federal de Goiás).

Algumas reflexões advindas de nosso trabalho nos fizeram compreender o idoso como um indivíduo com grandes potencialidades de desenvolvimento. Além de nossas reflexões, vários estudos<sup>2</sup> vêm confirmando as possibilidades de desenvolvimento das pessoas idosas. Alguns paradigmas em relação ao envelhecimento são rompidos, e uma nova forma de compreender a velhice vem surgindo em nosso cotidiano.

Duas idéias básicas constituíram o ponto de partida de nossa pesquisa: a do desenvolvimento humano, como sendo inacabado, e a do lazer, como possibilidade de contribuir para o desenvolvimento pessoal e social da pessoa idosa. Assim, o enfoque deste trabalho não se restringiu a uma abordagem sobre lazer apenas como uma forma de entretenimento, por acreditarmos que o mesmo proporciona ao idoso uma rica troca de experiências que contribuem com seu crescimento.

Fomos em busca de maiores conhecimentos que nos levassem a compreender melhor nosso problema "*a relação entre o lazer e o desenvolvimento das pessoas idosas*". Questionávamo-nos a todo momento sobre qual a melhor forma de levar, através do lazer, contribuições ao desenvolvimento dos idosos e como responder às necessidades do grupo com o qual estávamos trabalhando.

Na busca para respostas a tais questionamentos, várias reflexões vieram à tona possibilitando o estabelecimento de algumas diretrizes que nortearam este trabalho:

- diversificar os interesses culturais do lazer,<sup>3</sup> possibilitando aos sujeitos apreensão de novas experiências e de novos interesses em relação ao lazer;
- proporcionar meios e condições aos sujeitos envolvidos para que tenham condições de refletir, através das atividades realizadas, sobre suas atuais condições de vida, sobre os seus direitos e deveres de cidadão;
- identificar as possibilidades de lazer que tenham correlação com os interesses dos idosos;
- conscientizar estes sobre as oportunidade de lazer existentes no município;
- ensinar aos idosos conhecimentos e habilidades que sirvam de base para o desenvolvimento de novas afinidades, satisfações, gostos.

---

<sup>2</sup> Debert (1999a, 2000), Dets (1993), Neri (1993, 2001), Beauvoir (1990), dentre outros.

<sup>3</sup> Dumazedier (1999) aborda como sendo eles físicos, manuais, estéticos, intelectuais e sociais. Marcellino (1996), nos traz uma classificação semelhante a de Dumazedier, que distingue seis interesses: os artísticos, os intelectuais, os físicos, os manuais, os turísticos e os sociais.

- proporcionar aos idosos conhecimentos em relação ao lazer que possibilitem a liberdade de escolha;

A partir do estabelecimento destas diretrizes, pudemos iniciar nossa investigação, que se concretizou em um processo de intervenção, junto a um grupo de 20 idosos do Condomínio Vila Vida, que freqüentavam o projeto PAI.

A investigação proposta por nós foi pautada nos recursos metodológicos da pesquisa-ação a qual nos possibilitou, através de um diagnóstico, levantar, a princípio, alguns temas a serem abordados na investigação. Verificamos nesta uma relação circular, na qual temas, problemas, ações e avaliações se mostravam intrincados de tal maneira que não conseguíamos visualizá-los de forma separada. Cada problema gerava novos temas e novas ações que, por meio de avaliações, traziam novos problemas.

Em um último momento deste trabalho e, a partir da sistematização da discussão anterior, cotejada junto à minha experiência de 6 anos em trabalhos com idosos, procuro formular uma proposta de intervenção.

Em nossas discussões procuramos, primeiramente, trazer algumas considerações a respeito da criação dos termos que envolvem o envelhecimento, na busca de compreender como estes foram e são criados e sistematizados. Apresentamos algumas reflexões significativas sobre a importância de se conceber o envelhecimento como uma experiência heterogênea na qual o desenvolvimento humano é visto através de estágios descontínuos, de forma dinâmica e contextualizada, um processo contínuo que não cessa: o homem é um ser inacabado.

Das discussões empreendidas, procuramos, ainda, apresentar um levantamento das diversas concepções de lazer, procurando estabelecer uma relação entre lazer e envelhecimento, e as possibilidades de educação para e pelo lazer que poderiam ser estabelecidas.

Sentindo a necessidade de estruturar melhor o nosso trabalho, procuramos traçar alguns caminhos os quais apresentamos as estratégias metodológicas.

Posteriormente, trouxemos algumas especificidades do Condomínio Vila Vida, de cujo contexto poderíamos conhecer melhor a realidade vivida pelos idosos.

Em nossa análise, tentamos apresentar uma sistematização de toda a discussão, apresentando a forma como a intervenção se procedeu e as possibilidades de desenvolvimento pessoal e social das pessoas idosas encontradas nas atividades de lazer.

*"Não me pergunte sobre minha idade, porque eu tenho todas as idades, eu tenho a idade da infância, da adolescência, da maturidade e da velhice". (Cora Coralina<sup>4</sup>)*

*"Os critérios da avaliação da idade, da juventude ou da velhice, não podem ser os do calendário. Ninguém é velho só porque nasceu há muito tempo ou jovem porque nasceu há pouco. Somos velhos ou moços muito mais em função de como pensamos o mundo, da disponibilidade com que nos damos curiosos ao saber, cuja procura jamais nos cansa e cujo achado jamais nos deixa imovelmente satisfeitos, Somos moços ou velhos muito mais em função da vivacidade, da esperança com que estamos sempre prontos a começar tudo de novo e se o que fizemos continua a encarnar sonho nosso, sonho eticamente válido e politicamente necessário". (Freire, 1995, p.56)*

## **I ENVELHECIMENTO: UM PROCESSO MULTICULTURAL**

Abordar a respeito de envelhecimento, para nós, se constitui num desafio, uma vez que estamos entrando em uma área constituída por uma série de divergências, cujo campo é extenso, heterogêneo e complexo. Todos estes conflitos, que marcam o envelhecimento, são resultantes de uma sociedade repleta de conceitos e pré-conceitos, alterados de acordo com o contexto político, econômico e cultural.

Estaremos colocando em pauta assuntos relativos a uma parcela da população, com um alto crescimento demográfico, apontando para um aumento em relação às outras faixas etárias. Para Machado (1993), o senso demográfico evidencia que o Brasil, até por volta de 1970, apresentava uma estrutura populacional caracterizada, em sua maioria, por

---

<sup>4</sup> Cora coralina foi ma grande escritora do Estado de Goiás, nasceu na cidade de Goiás em 20 de agosto de 1889 e faleceu em 10 de abril de 1985. Escreveu oito livros de contos e de poesias, suas obras tiveram boa recepção por Carlos Drummond Andrade e pela imprensa e, na velhice, recebeu grande aclamação em Goiás. Cora Coralina não recebeu educação universitária, mas obteve o título de doutora *honoris causa* da Universidade Federal de Goiás, quando publicou O cântico da volta (1956), um conjunto de crônicas em estilo atual e poético. Em suas poesias rememora o passado histórico de Goiás Velho, capital do Estado até 1937. Tanto na espontaneidade da poesia quanto na simplicidade temática de seus contos, guarda as origens interioranas de Goiás.

jovens com idade até 15 anos; a partir de 1980, o número de jovens passa a representar um grupo menor em relação ao grupo de 15 a 64 anos e de idosos de 65 anos ou mais. Este envelhecimento populacional é resultado de um alto controle de natalidade, de uma redução da mortalidade infantil, de um declínio da mortalidade e de uma série de avanços científicos, tanto no que se refere ao processo de cura de doenças, como na prevenção das mesmas. Todos estes fatores levam a um aumento da expectativa de vida em torno de 14 anos, um fenômeno que vem atingindo tanto países desenvolvidos quanto os em desenvolvimento.

Estas alterações demográficas têm gerado transformações econômicas para o Estado, propiciando uma maior atenção das autoridades, transformando o envelhecimento em um problema que ganha poder e autenticidade. As alterações, não só no campo econômico, mas também na área científica, revelam que a velhice, enquanto objeto de estudo, deixou de ser um campo relegado a segundo plano. Estamos assistindo a uma proliferação de estudos a respeito do envelhecimento em suas várias dimensões. Estas recentes transformações, em relação à imagem da velhice, nos trazem uma nova configuração sobre os conceitos de corpo, saúde, tempo e idade.

A nova imagem da velhice, que vem sendo construída, traz mudanças nas relações sociais, trabalho, política, lazer e economia, representando uma época marcada por mudanças culturais redefinidoras da construção de novas identidades em relação às pessoas idosas. Como relata Debert (2000), vivemos em um contexto no qual o espaço social, o tempo, o curso da vida, o corpo e a saúde ganham novas configurações.

Todas estas transformações apontam para uma reflexão a respeito dos conceitos de envelhecimento, desenvolvimento humano e periodização da vida, discutidos neste capítulo.

## 1.1 OS VÁRIOS TERMOS UTILIZADOS PARA DENOMINAR O ENVELHECIMENTO

Pretende-se, aqui, delinear a trajetória da formulação dos termos vinculados ao envelhecimento, procurando compreender como estes são elaborados e reelaborados pela sociedade. Na verdade, buscar uma denominação é um pouco complicado frente a uma variedade de expressões utilizadas: "melhor idade", "maturidade", "meia idade", "maior idade", "idade da loba", "idade legal" e o mais utilizado atualmente "terceira idade". A dificuldade de se nomear esse período de vida e a multiplicidade de designações apontam para uma negação implícita da velhice e para os preconceitos, sempre em busca de uma nova definição que camufle os problemas ligados ao envelhecimento.

Para melhor compreender a criação destas denominações, nos reportaremos a Peixoto (1998). A autora, ao estudar as origens dos termos classificatórios da velhice, relata que tais designações originaram-se na França, e posteriormente foram trazidas para o Brasil. Neste país, no século XIX, a expressão velhice era utilizada para caracterizar as pessoas destituídas de condições econômicas favoráveis, pois aquelas com certo patrimônio, designadas os patriarcas, detinham certa posição social, administravam seus bens e desfrutavam de respeito. Esse recorte social da população de mais de 60 anos foi acompanhado de locuções diferenciadas para tratar cada grupo de pessoas da mesma idade: designava-se mais correntemente velho (*vieux*) ou velhote (*vieillard*) os indivíduos não portadores de status social, enquanto aqueles que o possuíam eram em geral designados idosos (*personne âgée*).

Até mesmo na denominação os privados de poder, dinheiro e prestígio social são tratados de forma diferenciada. A associação comumente utilizada entre velhice e pobreza, desligamento do processo de produção e da vida social, faz com que o termo seja corrompido pelo uso e carregado de alta dose de aspectos negativos. Não é sem motivo que os indivíduos negam seu envelhecimento e não se aceitam envelhecendo.

O advento da aposentadoria levou os idosos a serem olhados de maneira diferenciada: são mais valorizados pela sociedade, uma vez que o dinheiro advindo da aposentadoria introduz melhorias nas condições de vida destas pessoas. Junto a esta nova

realidade emerge um novo vocábulo para designar os novos aposentados, possuidores de uma realidade econômica diferenciada: terceira idade. Este termo surge como sinônimo não só de independência financeira, mas de um envelhecimento ativo, independente, uma etapa da vida cheia de possibilidades de poder realizar aquilo não permitido em outros momentos da vida.

Como ressalta Lenior (1977), o novo vocábulo "terceira idade" surge na França, para designar mais respeitosamente a representação dos jovens aposentados, denominação também adotada para designar um modelo de escola aberta a velhos, criado pelas universidades francesas.

Reportando-se ao caso do Brasil, a autora revela-nos que, apesar de o objeto velhice ter entrado em cena brasileira há bem pouco tempo, a conotação negativa do vocábulo velho seguiu um processo semelhante ao da França. Empregado de maneira geral, esse termo não possuía um caráter especificamente pejorativo, como o *vieux* ou o *vieillard* francês, embora apresentasse uma enorme ambigüidade, por ser um modo de expressão afetivo ou pejorativo, cujo emprego se distinguia pela entonação ou pelo contexto no qual era utilizado.

As transformações ocorridas na Europa em relação à imagem da velhice chegam ao Brasil no final da década de 60, e, junto com esta imagem, o termo idoso, que fazia parte do vocabulário português, ganha maior ênfase no sentido de trazer um tratamento mais respeitoso a estas pessoas. Esta nomenclatura se multiplica como uma nova marca adentrando-se no mercado. O termo velho é banido passando a sinônimo de decadência e, deste momento em diante, uma série de denominações vêm à tona. Dentre elas, a terceira idade, originária da França, que chega ao Brasil através de gerontólogos brasileiros formados naquele país.

A expressão "terceira idade", no Brasil, seguindo o modelo francês, passa a ser utilizada para designar a idade na qual geralmente a pessoa se aposenta. Esta denominação vem com uma nova face, procurando romper com os estereótipos existentes em relação ao envelhecimento. Em sua nova roupagem traz a visão de um envelhecimento ativo. A "terceira idade" surge como uma opção para o indivíduo se engajar em um estilo de vida alternativo, trazendo novos modelos para gestão da a experiência de envelhecimento.

A imagem que se apresenta da terceira idade, na mídia, é de um indivíduo independente dos filhos, com uma independência financeira, ativo e capaz de ir em busca de novas realizações. Mostra-se a promessa de uma eterna juventude, sem isolamento, doença, decadência e dependência. Todos estes artifícios estão criando novas regras de consumo e levando a terceira idade a se interagir no meio social. Não muda, então, só o termo de velho para terceira idade, altera-se, também, o mercado de consumo trazendo uma nova imagem do velho, assunto abordado de forma mais detalhada no segundo capítulo deste trabalho.

Alves Jr (1997) apresenta algumas considerações sobre a denominação terceira idade. Relata que a mesma vem sendo criticada pelos cientistas sociais, por permitir a ilusão de que, após a aposentadoria, não existiriam mais as distinções sociais, ou seja, todos pertenceriam a uma mesma categoria social na qual tudo seria permitido e acessível, independente da condição social.

Não só o termo terceira idade traz a promessa de um envelhecimento digno ao cidadão. Uma série de denominações surge no cenário contemporâneo: maturidade, melhor idade, maioridade, terceira idade, quarta idade, idade legal, meia idade e maior idade. Algumas delas persistem e ganham espaço, outras passam como uma moda que não veio para ficar, todas no intuito de trazer uma conotação menos depreciativa ao idoso; entretanto, não adianta alterar os termos, e os estereótipos continuarem existindo.

A maioria destas expressões, utilizadas para designar o envelhecimento, são apenas mais um rótulo; dependendo do contexto, podem ser utilizadas para mascarar preconceitos, tanto por parte dos idosos como das demais pessoas da sociedade.

*"Se não houvesse preconceito, não seria necessário disfarçar nada por meio de palavras. Se as palavras parecem assumir conotação negativa ou pejorativa, o problema não está nelas, mas nas razões pelas quais elas tiveram seu significado modificado. Se as várias realidades da velhice e do processo do envelhecimento fossem bem conhecidas, não seria necessário temê-las, evitá-las ou negá-las".(Neri e Freire, 2000, p.14)*

Tendo ciência de que não é a adoção de novos termos que irão mudar os preconceitos sobre o envelhecimento, para o que é necessária uma conscientização e melhor compreensão por parte da humanidade a respeito do desenvolvimento humano como um processo dinâmico, que não cessa com o envelhecimento, nossa opção será por usar o termos idoso e velho, para designar as pessoas que se encontram em idade igual ou superior a 60 anos.

## 1.2 HOMOGENEIZAÇÃO DO ENVELHECIMENTO: UMA QUESTÃO CRONOLÓGICA?

Ao nos reportarmos à dimensão social do envelhecimento, podemos verificar a existência de diferenças em relação às formas de periodização da vida dos indivíduos. Cada sociedade, e até mesmo na mesma sociedade, os períodos que compõem o ciclo de vida das pessoas são definidos de acordo com as influências culturais, sociais e históricas.

Nas sociedades pré- modernas, o curso da vida não se apresentava em estágios muito diferenciados, o status social era mais significativo que a idade, para exemplificar isto, buscamos um dado importante em Featherstone (1994, 1998): o Rei Luiz XIV, mesmo quando criança, era tratado como adulto e detinha o poder, ao passo que um escravo, independente de sua idade cronológica, não conseguia durante toda sua vida sair da infância, era, pois, classificado como dependente e um ser inferior.

Ariès (1981) fez um estudo histórico da construção social das categorias de idade, ressaltando que, na Idade Média, a criança, enquanto categoria de idade, não existia. Na França medieval, as crianças não eram separadas do mundo adulto, participavam então integralmente do mundo do trabalho e da vida social adulta. A duração da infância reduzia-se ao período mais frágil; quando a criança conseguia algum desenvolvimento motor, era logo misturada aos adultos e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criança se transformava em jovem adulto, sem passar pela etapa da juventude, que se tornou uma categoria de idade nas sociedades contemporâneas. A infância foi uma categoria criada a

partir do século XIII, desenvolvendo-se gradativamente ao longo dos séculos. As crianças deixaram de ser tratadas da mesma forma que os adultos, parando de trabalhar, mudando suas vestimentas e deixando de sofrer punições como os adultos.

Nas sociedades modernas, encontramos uma outra forma de periodizar a vida através da definição de faixas etárias. Este processo de cronologização surge em uma sociedade caracterizada pelo processo de industrialização e urbanização e pela formação de grupos de idade distintos um dos outros (infância, adolescência, adulto, velhice), representando estágios de vida demarcados pela idade cronológica. Justamente neste período iniciam-se os registros a respeito das taxas de natalidade e mortalidade, e os registros de doenças que acometem as diversas faixas etárias.

Segundo Featherstone (1998), a partir do desenvolvimento da modernidade<sup>5</sup>, possuímos uma formação cronológica do curso da vida, embutida de modo muito forte em nossa percepção. Esta criação de idades cronológicas, surgida nas sociedades modernas, possui maior prevalência nas culturas ocidentais. Verificamos claramente em nossa cultura brasileira uma série de normas, que possuem como padrão idades determinadas, nas quais as pessoas podem iniciar seu processo educacional formal: dirigir automóveis; possuir CPF; possuir seu título de eleitor; aposentar; possuir carteira de trabalho. A idade se liga a todos os atos da vida social; é, pois, um signo freqüentemente utilizado e carregado de fatores sociais, psicológicos e econômicos. Assim sendo, a velhice é uma criação do sistema social no qual vivemos.

A pós-modernidade<sup>6</sup> nos traz um período de transição no que diz respeito à compreensão do curso da vida. Podemos observar uma maior flexibilidade e variedade entre as faixas etárias. Isso traz novos hábitos e estilos de vida às pessoas.

Na perspectiva de Moody apud Debert (1999a), na cultura pós-moderna, encontramos a promessa de que é possível escapar dos constrangimentos, dos estereótipos,

---

<sup>5</sup> Modernidade refere-se ao período histórico que se inicia por volta do século XV e se estende até nossos dias. Nesse período, um conjunto de mudanças na maneira de pensar a realidade e de se relacionar com ela passa a distinguir o ser humano de seus antepassados de séculos anteriores, séculos esses agrupados genericamente sob a denominação de Idade Média. (Duarte Jr, 1997, p.9)

<sup>6</sup> Pós-modernidade se evidencia muito mais como um desejo de transformação do modelo de civilização a que estamos submetidos, do que como a efetiva transposição da Idade Moderna, já ocorrida. (Duarte Jr., 1997, p.13)

das normas e dos padrões de comportamento baseados nas idades. Entretanto, necessitamos de tempo para avaliar se essa promessa é uma ilusão ou uma esperança realista a indicar mudanças libertárias.

As formas de se periodizar a vida não alteram apenas em diferentes épocas e sociedades, mas também apresentam variações segundo os grupos existentes em uma mesma sociedade. Segundo Guedes (1994), os Suyá, um grupo indígena que vive no Parque Nacional do Xingu, foram pesquisados por Anthony Suger, em 1980. Em seus estudos concluiu que a divisão de idades desta comunidade classifica-se em sete classes de idade: 1ª, do nascer ao andar; 2ª, do andar até os primeiros sinais de puberdade; 3ª, do começo da puberdade até a entrada na casa dos homens; 4ª, da entrada na casa dos homens até o nascimento do primeiro filho; 5ª, de um filho a muitos filhos; 6ª, de muitos filhos a muitos netos; 7ª, de muitos netos até a morte.

Segundo a autora, a última classe de idade, na qual os velhos são chamados de Mikényi, inicia-se através de um rito de passagem e implica num comportamento absolutamente notável dos velhos Suyá.

*"Para resumir, os Mikényi são velhos que, de várias maneiras, são intermediários entre o ideal Suyá de homem adulto, o mundo menos social dos mortos e o reino animal. São pessoas marginais de quem se espera que façam coisas hilariantes e que não são censuradas por fazerem coisas que, tratando-se de outro Suyá, seriam altamente criticadas. Têm papéis importantes e claramente distintos na vida pública e cerimonial da aldeia. Recebem sua comida nessas cerimônias e podem, a qualquer momento, comer a comida que o resto do Suyá não come. O 'Mikényi' não abandona o sistema: nele desempenha um papel importante".(Guedes, 1994, p. 9).*

Através do descrito, podemos elucidar que o envelhecimento é um processo marcado por diferentes aspectos culturais, sociais, econômicos, sendo o mesmo interpretado de forma diferente em cada contexto. As palavras de Bourdieu (1980) demonstram isto claramente. Para o autor, é a idade uma variável biológica, socialmente manipulada e manipulável. Desta forma ela é plena de ambigüidades, e não devemos tomá-la em consideração isoladamente, como único parâmetro, para dizer quando alguém é velho. A

sociedade é que fornece o significado de cada período da vida, definindo papéis e normas de comportamento de acordo com cada idade.

A cultura também se constitui num fator de grande importância na periodização da vida. Featherstone e Hepwoeth (2000) nos advertem para o fato de que a luta não é com a biologia, mas com a cultura. Sendo o corpo coextensivo da cultura, inseparável dela, podemos analisar uma oportunidade para a reconstrução radical do envelhecimento por meio do curso da vida, especialmente nas sociedades modernas e pós-modernas.

A sociedade contemporânea nos traz a possibilidade de repensar as formas pela qual a vida era antes definida: infância, adolescência, juventude, idade adulta e velhice, associando-se cada um destes períodos a práticas consideradas próprias às mesmas. Por exemplo: as crianças deveriam brincar; os adolescentes e jovens estudar; os adultos trabalhar, e os velhos, descansar. Esta descronologização da vida encontrada na sociedade contemporânea pode nos levar a uma forma de organização na qual a idade não será um aspecto determinante na vida das pessoas. Acreditamos na possibilidade de romper com os estereótipos relacionados ao envelhecimento, fugindo das normas e dos padrões de comportamento relacionados à idade.

Conforme Debert (1999a), no contexto brasileiro estamos encontrando uma outra imagem do envelhecimento e formas contemporâneas de gestão da velhice que são ativas em relação à revisão dos estereótipos pelos quais o envelhecimento é tratado, desestabilizando, assim, imagens culturais tradicionais. Deparamo-nos com um panorama mais positivo do envelhecimento, que passa a ser concebido como uma experiência heterogênea no qual a doença física e o declínio mental, considerados fenômenos normais nesse estágio da vida, são redefinidos como condições gerais, afetando as pessoas em qualquer fase. Acreditamos que a velhice não pode ser vista por meio de um processo linear e determinista, e só deve ser analisada a partir de uma realidade contextualizada.

Esta nova maneira de encarar o envelhecimento vem abrindo portas para uma outra concepção de envelhecimento, com tendências a analisar o desenvolvimento humano através de estágios descontínuos e reconhecendo que qualquer ponto da vida das pessoas precisa ser analisado de forma dinâmica. Assim como temos uma tendência a fugir dos padrões que homogeneizam as pessoas através de grupos etários, o mesmo vem ocorrendo quando nos referimos ao desenvolvimento humano, tratado a seguir.

### 1.3 O DESENVOLVIMENTO HUMANO RUMO AO INACABAMENTO

De que desenvolvimento falamos? Do desenvolvimento de todas as potencialidades do ser humano no campo cognitivo, afetivo, motor, dentre outros. Falamos do desenvolvimento do homem como uma totalidade, uma vez que não compreendemos o homem de forma fragmentada que desenvolve de maneira separada aspectos cognitivos, motores, afetivos e sociais.

O desenvolvimento humano vem sendo um tema de grandes debates quando se pensa nos desafios enfrentados pela sociedade brasileira contemporânea. Os estudos sobre este assunto estão sendo acompanhados por um crescimento das pesquisas em relação à velhice e por uma série de transformações a respeito das experiências de envelhecimento. Muitas vezes encontramos a idéia de desenvolvimento vinculado à idade. Gallahue e Ozmun (2001) apontam que o desenvolvimento pode até estar relacionado à idade, todavia não depende exclusivamente dela. Para este autor, confiar excessivamente neste processo de periodização da vida seria negar os conceitos de continuidade, especificidade e individualidade do processo de desenvolvimento.

O desenvolvimento, no decorrer dos séculos, vem sendo entendido através de padrões universais de estágio como infância, adolescência, vida adulta e velhice. Thompson apud Debert (1999a) aponta para as armadilhas que a idéia de estágios de desenvolvimento prepara. Algumas teorias clássicas de desenvolvimento o descrevem com padrões ordenados e universais de mudanças. As seqüências de estágios, presentes na vida, são vistas através de parâmetros geneticamente determinados e atribuem importância limitada às influências iniciadas depois da adolescência. Não se dá atenção ao desenvolvimento dos indivíduos após a adolescência por se acreditar que, após esta etapa, ocorre um declínio no desenvolvimento. Gallahue e Ozmun (2001) chamam atenção para esta questão, abordando que devemos ter cuidado para não limitar o desenvolvimento aos anos de crescimento da infância, uma vez que os adultos estão tão envolvidos no processo de desenvolvimento quanto as crianças pequenas, *"o desenvolvimento é um processo contínuo que se inicia na concepção e cessa com a morte"* (Gallahue e Ozmun, 2001, p.6)

As pesquisas, que oferecem pouca atenção à possibilidade de desenvolvimento nos últimos anos de vida, acabam por desconsiderar as potencialidades das pessoas idosas, enfatizando esta fase da vida como um período de perdas e declínio.

*"Constata-se,...um negativismo implícito em muitas abordagens sobre o envelhecimento. Há um viés na literatura que exclui o potencial individual e a capacidade para o desenvolvimento; auto-realização e crescimento na vida adulta avançada". (Deps, 1993, p.71).*

Estas pesquisas contribuem para a formação de uma visão negativa a respeito do desenvolvimento, propiciando a elaboração de estereótipos em relação ao idoso, sendo este visto: um indivíduo incapaz de produzir, criar, elaborar. Muitos destes estudos se pautam em aspectos biológicos, gerando conceitos, enfatizadores apenas do processo de perdas.

Segundo Carvalho Filho e Alencar (1994), o envelhecimento é um processo dinâmico e progressivo que gera modificações tanto morfológicas como funcionais, bioquímicas e psicológicas, que determinam progressiva perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando, assim, maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por levar os indivíduos desta faixa etária à morte.

*"No ciclo biológico do homem, a velhice leva a desvantagem de ser a última fase, a do declínio, a do retorno inexorável à mãe terra. Sustar esse mecanismo será, talvez, atentar contra as leis naturais" (Queiroz, 1999, p.47).*

Presenciamos tentativas de se homogeneizar o processo de envelhecimento julgando-o, apenas por meio de perdas físicas, cognitivas, fisiológicas e sociais, desconsiderando o ser humano no seu processo de desenvolvimento. Enfatizar apenas os aspectos negativos do envelhecimento, considerando-se somente as perdas, é olhar parcialmente para o desenvolvimento do indivíduo, ignorando uma série de processos que podem levá-lo a desenvolver-se. O envelhecimento, entendido apenas dentro de aspectos biológicos e cronológicos, iguala todos os indivíduos de todas as nações, de todas as culturas, de todos os tempos, não permitindo a manifestação de diferentes processos.

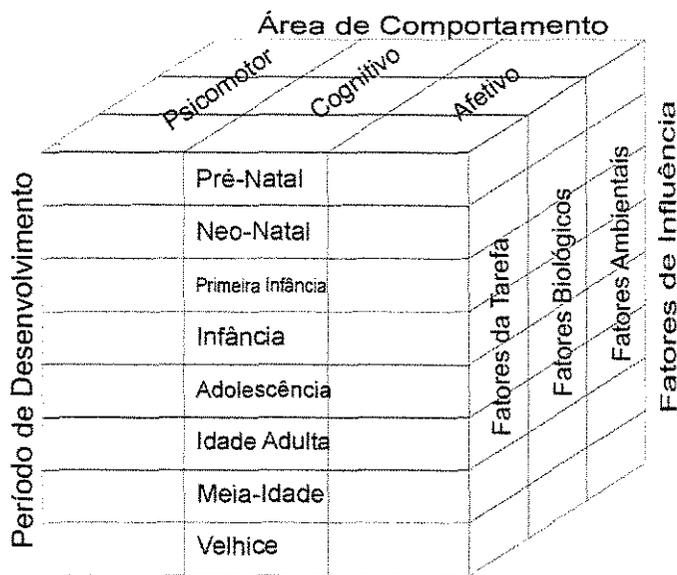
Acreditamos que o envelhecimento não deve ser enxergado tal qual uma somatória de degenerações de processos psicológico, fisiológico e cognitivo que atingem as

peessoas. Esta visão deve perpassar como possibilidade única na vida do ser humano, dotada de grandes possibilidades de desenvolvimento. Estas teorias tradicionais que homogeneizam e consideram o desenvolvimento humano, pautado apenas em uma perspectiva biológica, vêm sendo questionadas e repensadas por uma série de estudiosos.

Gallahue e Ozmun (2001) abordam a respeito da forma estanque em que o desenvolvimento é estudado, o que gera um visão bastante desequilibrada deste processo.

*"O desenvolvimento é freqüentemente estudado em termos de esferas (cognitiva, afetiva e psicomotora) ou de comportamentos relacionados à idade (neonatal, infância, adolescência idade adulta, meia-idade, velhice) ou a partir da perspectiva biológica, ambiental ou de tarefas motoras.*  
(Gallahue e Ozmun, 2001, p.4)

Esta visão estanque do desenvolvimento humano é ilustrada pelo autor através da seguinte figura:



Fonte: Gallahue e Ozmun 2001, p.5.

Estes autores ainda relatam que o estudo do desenvolvimento deve ser analisado a partir da perspectiva da totalidade da espécie humana, incluindo todos os aspectos do comportamento humano.

Uma alteração em relação a esta forma fragmentada de se compreender o envelhecimento, começou a ser repensada nos séculos XVIII, XIX e na primeira metade do século XX. De acordo com Neri (2001), nesta época existiram os pioneiros de uma visão *life-span* que acreditavam que as teorias tradicionais de mudança ordenada eram insuficientes para explicar o desenvolvimento ao longo de toda a vida humana. Os questionamentos destes pioneiros gerou um estímulo as pesquisas de forma que nos anos 50 e 60, cientistas da Europa Ocidental e Estados Unidos, iniciaram uma série de pesquisas, seminários, congressos e publicações sobre a vida adulta e a velhice, com base em uma perspectiva diferenciada do desenvolvimento humano.

A partir deste momento, passamos a verificar uma nova vertente de estudos a respeito do desenvolvimento na vida adulta e na velhice, mostrando que o desenvolvimento se constitui num processo dialético referenciado por um conjunto dinâmico de perdas e ganhos. Os estudos surgidos a respeito do desenvolvimento humano tendem a direcionar na consideração do mesmo em estágios descontínuos, julgando que qualquer fase da vida humana deve ser analisada de forma dinâmica e contextualizada, contemplando as experiências pessoais de cada indivíduo, o contexto social e cultural no qual se insere e também suas expectativas para o futuro.

A psicologia do desenvolvimento se constitui numa área fornecedora de grandes contribuições para a alteração das concepções em relação ao desenvolvimento humano e ao envelhecimento, propondo que, tanto envelhecimento quanto desenvolvimento, são processos normais, envolvendo tanto ganhos quanto perdas.

Como afirma Neri (2001), hoje um conceito altamente adotado na psicologia da vida adulta e da velhice é que tanto o desenvolvimento quanto o envelhecimento são processos adaptativos, trazendo conceitos contrários à concepção clássica. Considera-se desenvolvimento e envelhecimento estão presentes ao longo de todo o curso da vida e comportando uma tensão constante entre ganhos e perdas. Todavia, admite-se que, na infância, existe maior probabilidade de alterações evolutivas, comumente identificadas como ganhos e, na velhice, aumenta-se a probabilidade de mudanças identificadas como

perdas, justamente porque o desenvolvimento é referenciado a normas compatíveis com o funcionamento do adulto sadio, produtivo e envolvido socialmente. A mesma autora aborda a necessidade de se considerar o desenvolvimento através de um processo multidirecional e multifuncional, no qual não há ganhos sem perdas e que, tanto o desenvolvimento quanto envelhecimento, são processos heterogêneos.

Barroso (1988), Beauvoir (1990), Neri (1993), Debert (1999a), entre outros são enfáticos ao afirmarem que o envelhecimento é uma experiência heterogênea; não só no que diz respeito à individualidade de cada um, mas também com relação aos seus condicionantes culturais que refletem os valores de cada sociedade.

Uma visão heterogênea de desenvolvimento e envelhecimento nos permite mostrar as diferenças existentes entre os diversos indivíduos em razão do seu percurso diferenciado de vida. As pessoas possuem experiências sociais distintas umas das outras, personalidades diferenciadas, experiências de vida individuais, que, apesar de serem compartilhadas com outras pessoas do seu convívio, lhes compete uma certa individualidade. Esta heterogeneidade é característica do ciclo vital dos indivíduos, que não seguem o mesmo caminho, conferindo a cada um uma identidade própria; assim, a idéia de que os idosos são todos iguais é equivocada.

Compreendemos o processo de envelhecimento através de uma dimensão de movimento, do fluir da vida e das possibilidades de desenvolvimento. Pensamos o desenvolvimento como um aspecto evolutivo multilinear, que ocorre de forma dinâmica, passando por influências sociais e culturais. Portanto, não possui um aspecto universal. Concordando com Iwanowicz (2000), acreditamos que a análise da relação entre o envelhecimento, o trabalho e o lazer, necessariamente, deve ser orientada pela perspectiva, não de declínio, mas de desenvolvimento contínuo da pessoa ao longo da sua vida.

Ao discutirmos o processo de envelhecimento, enquanto possibilidades de desenvolvimento, não temos a intenção de mascarar os problemas que ocorrem com esta parcela da população. Sabemos que existem alterações biológicas, psicológicas e sociais. Contudo, notamos que tais alterações ocorrem em todo o transcurso de nossa vida sem serem notadas. Por que enfatizar este processo de alterações apenas em uma etapa da vida (velhice), sendo que esta ocorre continuamente?

O processo de trocas é um contínuo em nossas vidas, o ser humano não tem limites para o seu desenvolvimento, portanto, é um ser inacabado. Neste momento, chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter partido: o inacabamento do ser humano *"com o fim das certezas e a irrupção das incertezas, penso que se deva recuperar a idéia do devir, do sendo, do tornar-se, da inconclusão, do inacabamento essencial"*. (Zuben, 2001, p. 169).

Concebemos o ser humano não como uma máquina perfeita pronta e acabada, mas um ser em constante reflexão e desenvolvimento. Nossa concepção de homem se funde com a de Freire (1996), ao considerar os homens: seres históricos e inacabados, em constante desenvolvimento e que sempre têm muito o que aprender. Petraglia (1995) também aborda a respeito do inacabamento humano, afirmando que o ser humano adulto é inacabado, tendo em vista que seu cérebro continua se desenvolvendo e aprendendo, mesmo ultrapassada a fase da infância e a da juventude. Ele aprende sempre, durante toda a vida.

O inacabamento não é característica apenas do homem. Este não se destaca por ser uma criatura inacabada, afinal de contas não só ele é inacabado, mas também os animais, a natureza, a terra, sendo a inconclusão um fenômeno natural e vital.

*"Inconclusos somos nós, mulheres e homens, mas inconclusos são também as jaboticabeiras que enchem, na safra, o meu quintal de pássaros catadores; inconclusos são estes pássaros como inconcluso é eico, meu pastor alemão, que me "saúda" contente no começo das manhãs"*. (Freire 1996, p. 60-61).

Uma infinidade de seres são inacabados. Aliás, em locais em que a vida persiste, existe inacabamento, quem sabe até mesmo onde a vida não está presente? A pedra não possui vida, entretanto, é um objeto inacabado em constante reconstrução pela vida existente ao seu redor. O inacabamento está presente em toda parte, mas apenas o homem se sabe inacabado, só ele tem consciência dessa realidade; esta é a diferença presente no inacabamento humano. O homem tem consciência de sua infinidade, da necessidade de

intervir em sua realidade, de se construir, e ao mesmo tempo, de construir o mundo no qual vive.

Esta consciência da permissão aos homens de se inserirem no mundo da busca, da consciência do mundo e de si, como ser em constante reconstrução, fazem com que o indivíduo se mantenha em um permanente movimento de busca. *"Na verdade, seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse em tal movimento"*. (Freire, 1996, p.64). A essência da busca deve fazer parte da vida de cada indivíduo, na intenção de saber mais sobre o mundo e sobre si mesmo. Esta busca impulsionadora do desenvolvimento humano se faz presente no estabelecimento de novas metas na vida, nos novos objetivos a serem alcançados, nos novos conhecimentos a serem adquiridos e repassados. Isto através de uma abertura para o mundo, no qual não encontraremos o final da linha, uma vez que este movimento de busca não tem ponto final

*"...tanto individual quanto socialmente, a vida dos homens dentro da dialética é sempre totalização em curso, sem jamais ser totalidade acabada; por isso, a entrada na vida não se faz como passagem de um estágio a outro, mas como um enfrentamento que não tem mais ponto final"*. (Oliveira, 1999, p.46)

É justamente pelo fato de o homem se saber inacabado que devemos proporcionar a inserção do mesmo em um permanente processo de busca pelo conhecimento existente no mundo ao seu redor, de forma a instigar a curiosidade como ponto fundamental na produção do conhecimento que, por sua vez, também é inacabado. Nenhum conhecimento é definitivo, não há conhecimento que possa arvorar o poder desvelador da totalidade.

*"...é na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornam educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua*

*inconclusão é que gerou sua educabilidade. É também na inconclusão de que nos tornamos conscientes e que nos insere no movimento permanente de procura que se alicerça a esperança".(Freire, 1996, p 64).*

A educação é fundamental para que o homem, na sua busca por ser mais, não se acomode e esteja em constantes questionamentos, buscando respostas e perguntas a sua vida, fundamentais no seu desenvolvimento. O verdadeiro desafio da educação é levar o ser humano a ser mais, para que possa ser este o sujeito de sua própria educação.

*"...ajudar o homem a desenvolver-se em todas as suas dimensões: tanto como agente do desenvolvimento, agente da transformação e autor da sua própria realização..."*  
(Faure, 1977, p. 243).

## **MEU OLHAR**

*"O meu olhar é nítido como um girassol.  
Tenho o costume de andar pelas estradas  
Olhando para a direita e para a esquerda,  
E de vez em quando olhando para trás...  
E o que vejo a cada momento  
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,  
E eu sei dar por isso muito bem...  
Sei ter o pasmo essencial  
Que tem uma criança se, ao nascer,  
Reparasse que nascer deveras...  
Sinto-me nascido a cada momento  
Para a eterna novidade do Mundo..."*  
(Fernando Pessoa, Ficções do interlúdio)

## **II LAZER**

Os estudos do lazer, no decorrer da história, estiveram, segundo alguns autores que veremos a seguir, relegados a planos secundários. Esta situação se deve à sua associação com o não fazer nada, com a ociosidade, com a preguiça, com a espontaneidade, com a liberdade e com a improdutividade, levando o lazer a receber uma conotação de atividade não séria.

Esta visão, que permeou o lazer através dos séculos, vem ganhando uma outra conotação, principalmente em função dos diversos debates surgidos neste campo e da preocupação de diversos autores em abordarem os valores do lazer em seus diversos aspectos. As discussões a respeito do tema lazer ganham ênfase, principalmente, em função da crise contemporânea, que trouxe grandes mudanças no mundo do trabalho e no capitalismo, gerando a discussão existente sobre a descentralidade do trabalho na vida humana. Os estudos sobre o lazer, que nem sempre foram tema central nas discussões teóricas, crescem notoriamente, podendo-se verificar um aumento das publicações e pesquisas em relação ao tema.

Sendo o lazer um dos pontos de estudo em nosso trabalho, acreditamos na necessidade de se repensar a temática do mesmo; para tal se faz necessário considerar as diversas reflexões sistematizadas no decorrer dos tempos, no intuito de se ter um ponto de partida como início de reflexão.

Tendo em vista que estamos abordando um tema abrangente, de diversas vertentes para discussão, e discutido por diferentes áreas do conhecimento científico - sociologia, antropologia, psicologia, história, geografia, dentre outras -, é fundamental delimitar nossa discussão. Entendemos o viés da educação para e pelo lazer como ponto ideal para nosso debate, sem desconsiderarmos as diversas contribuições das demais áreas que poderão contribuir para nossa reflexão.

## 2.1 DISCUSSÃO CONCEITUAL SOBRE LAZER

Estamos frente ao primeiro desafio de nosso trabalho: discutir a respeito do conceito de lazer. Entretanto, sabemos que as dificuldades nos trarão a possibilidade de avançar. Será possível e coerente encontrar um conceito único para o lazer ? A resposta deixaremos como ponto de reflexão no decorrer deste capítulo. É necessário, então, analisá-lo sob seus vários ângulos, o que, por sua vez, exige a colaboração de diferentes pontos de vista<sup>7</sup>.

Para iniciar nossa análise, faz-se necessário ponderar sobre os conceitos historicamente construídos, na busca de contribuir para o debate existente e talvez de suscitar novos pontos de reflexão. Para tal, traremos conceitos de diversos autores, de diferentes correntes filosóficas. Tal atitude não vem marcada por uma posição eclética, mas pela necessidade de melhor compreender as diferentes concepções de lazer existentes.

Verificamos, entre os teóricos, uma diversificação do conceito de lazer, conseqüência do enfoque oferecido por cada autor e pelas diversas áreas de conhecimentos que discutem sobre esse assunto.

---

<sup>7</sup> A este respeito Magnani (2000) aborda o lazer como sendo um campo interdisciplinar de pesquisa.

Dumazedier<sup>8</sup> (1976) considera o lazer como:

*"Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações, familiares e sociais." (p. 34)*

Neste conceito estabelecido pelo autor, encontramos três funções destinadas ao lazer. A primeira se refere ao descanso, cujo objetivo é a recuperação psíquica do esforço de um dia de trabalho, visando recuperar a fadiga causada pelo mesmo. A segunda função é a do divertimento, que vem para romper com a monotonia do trabalho ou levar o indivíduo a criatividade, muitas vezes renegada no sistema produtivo, mas que atualmente vem sendo apontada como uma necessidade no sistema produtivo contemporâneo. A terceira função se refere ao desenvolvimento pessoal, no qual deve-se ampliar a participação social voluntária e a formação desinteressada.

Além das funções, Dumazedier (1999) destaca algumas características específicas e constitutivas do lazer, considerando completo aquele possuidor de caráter liberatório, caráter desinteressado, caráter hedonístico e caráter pessoal

O **caráter liberatório** é aquele resultante da livre escolha do indivíduo. O lazer seria a liberação do trabalho profissional e das demais obrigações impostas pelos organismos básicos da sociedade: instituição familiar, instituições sócio-políticas e sócio-espirituais. Partindo deste pressuposto, os idosos teriam maiores condições de exercer a liberdade de escolha, levando-se em consideração o desengajamento profissional, a desobrigação política (voto) e as desobrigações familiares. Todavia, mesmo livre de todas estas obrigações impostas pela sociedade, sua liberdade de escolha, assim como a de outros indivíduos não idosos, ainda se encontra limitada por fatores econômicos, culturais e educacionais. Não podemos esquecer que existe uma série de determinismos por parte da

---

<sup>8</sup> O francês Joffre Dumazedier é um dos autores que mais se destacou no campo do lazer. Vários de seus trabalhos foram publicados no Brasil, dentre os quais podemos citar: Sociologia Empírica do Lazer (1999) e

sociedade que atuam nas escolhas e formas de lazer dos indivíduos. Cremos que o caráter de livre escolha não perpassa apenas pelo desligamento de obrigações, mas sim pelas condições de escolha oferecidas aos indivíduos de saber distinguir, entre as diversas possibilidades de lazer, aquelas que atenderão suas necessidades.

Dentro do **caráter desinteressado**, o lazer não pode estar submetido a nenhum fim lucrativo, como o trabalho profissional; fim utilitário, como as obrigações domésticas, fim ideológico ou religioso, como os deveres políticos ou espirituais, não colocando o indivíduo a serviço de nenhum bem material ou social.

No **caráter hedonístico**, talvez tenhamos encontrado um caminho para explicar o sucesso das atividades de lazer, a procura por estados de satisfação, alegria e felicidade, tomado como um fim em si. Quando não existe o caráter hedonístico de alegria, fruição, o lazer perde seu sentido, tornando-se empobrecido.

No **caráter pessoal**, a participação no lazer depende do interesse pessoal de cada um; as funções existentes no lazer devem atender às necessidades dos indivíduos, possibilitando a liberação das fadigas física e mental impostas pela vida moderna. O lazer permite ao indivíduo sair das rotinas e dos determinismos comportamentais da sociedade.

Se o lazer completo contemplar todas estas características relacionadas anteriormente, parece-nos uma ilusão afirmarmos a existência do lazer em uma sociedade capitalista, na qual a livre escolha do indivíduo é limitada por questões econômicas, culturais, sociais e políticas. Em uma sociedade, em que a maioria das atividades de lazer estão vinculadas a fins lucrativos, utilitários ou ideológicos e não visam atender às necessidades dos indivíduos, mas de um mercado em expansão. Sendo assim considerando as características levantadas por Dumazedier para a existência de um lazer completo, podemos verificar a não existência do mesmo.

Camargo (1999) nos apresenta algumas colocações semelhantes à de Dumazedier, considerando que o lazer possui algumas características específicas: é gratuito, é de escolha pessoal, é sempre liberatório de obrigações, é prazeroso, é sempre fazer alguma coisa. Este autor traz o lazer dentro de uma visão compensatória ficando claro em algumas de suas argumentações que *"o lazer é compensatório na sua forma mais*

*criativa, de liberação da fadiga e de reposição das energias para o trabalho no dia seguinte". (Camargo, 1999, p.14).*

Nas palavras dos autores Miller e Robinson apud Requixa (1976), "*o lazer é um conjunto de valores de desenvolvimento e enriquecimento pessoais alcançados pelo indivíduo, utilizando o tempo de lazer graças a uma escolha pessoal de atividades que o distraiam". (p.21)*

Parker (1978) explicita três formas de se definir o lazer. Segundo ele, uma delas é considerar as vinte e quatro horas do dia, subtraindo delas os períodos que não são de lazer: trabalho, sono, alimentação, atendimento às necessidades fisiológicas etc. Um segundo tipo de definição de lazer não insiste essencialmente em período de tempo, mas na qualidade da atividade a que alguém se dedica. Tais definições são apoiadas por escritores religiosos e filosóficos, que consideram o lazer uma atitude mental e espiritual, e não simplesmente o resultado de fatores externos, pois é uma atitude do espírito, uma condição da alma. Um terceiro tipo de definição tende a combinar os dois anteriores, existindo nesta um componente residual, ou de tempo, acompanhado de uma afirmação normativa sobre o que o lazer deveria ser: "*O lazer é o tempo de que um indivíduo dispõe, livre de trabalho e de outros deveres, e que pode ser utilizado para fins de repouso, divertimento, atividades sociais ou aprimoramento pessoal".(Parker 1978, p. 20)* Na concepção deste autor, uma compreensão adequada de lazer exige que consideremos tanto as suas dimensões de tempo quanto as de atividade.

Requixa (1980) apresenta a seguinte noção de lazer: "*Uma ocupação não obrigatória, de livre escolha dos indivíduos que a vive e cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social"* (Requixa 1980, p. 35). Cabe elucidar que o mesmo autor evidencia algumas características fundamentais do lazer. Segundo ele, o trabalho, como o lazer, é também uma ocupação. Para o trabalho, entretanto prepondera o aspecto de obrigação, de constrangimento, principalmente um constrangimento social. Numa situação de lazer o indivíduo dispõe livremente de seu tempo fazendo aquilo que lhe agrada, ao passo que no trabalho o indivíduo obedece a um tempo que lhe é imposto, realizando uma tarefa que lhe é determinada. Desta forma a questão da não obrigatoriedade é fundamental para caracterização do lazer.

Reportando-nos a Marcuse (1971), encontramos uma negação da existência de atividades de lazer uma vez que, o lazer seria uma alienação, uma ilusão de auto-satisfação das necessidades do indivíduo, porquanto estas necessidades são criadas, manipuladas pelas forças econômicas da produção e do consumo de massa, conforme o interesse de seus donos. Nesta concepção, a referida liberdade, que deveria estar presente no lazer, se encontra sob controle principalmente do consumo de massa, no qual os indivíduos não possuem liberdade de escolha dentro do lazer. Este se encontra na mão das forças produtivas, dirigido e manipulado pelas mesmas de forma que o homem dispõe uma única escolha, a de ser explorado pelas forças econômicas. Isto é liberdade? Isto significa livre escolha?

Talvez o autor tenha sido extremista ao afirmar a inexistência do lazer, todavia, se formos considerar as características abordadas por Dumazedier com relação ao lazer completo, podemos realmente concluir que o lazer não existe ou que pelo menos dificilmente existe um lazer completo.

A livre escolha também se constitui num elemento importante para caracterização do lazer, havendo neste uma ampla liberdade de escolha por parte do indivíduo que o procura por livre opção, ditada simplesmente pelo seu desejo e interesse e em função dos recursos disponíveis.

Marcellino<sup>9</sup> (1987, p. 31) entende o lazer *"como a cultura-compreendida no seu sentido mais amplo-vivenciada (praticada ou fruída) no tempo disponível"*. Compreendendo o lazer como cultura, o referido autor traz o conceito de cultura o qual adotou para compreender o lazer: *"a noção de cultura é aqui entendida em sentido amplo, consistindo num conjunto global de modos de fazer, ser, interagir e representar que, produzidos socialmente, envolvem simbolização e, por sua vez, definem o modo pelo qual a vida social se desenvolve"*. Verificamos no conceito deste autor, que diferentemente de outros, ele não considera o tempo como sendo livre, preferindo usar a denominação "tempo disponível" uma vez que, não existiria tempo livre de coações ou de normas de conduta social.

---

<sup>9</sup> Marcellino é uma grande referência no campo do Lazer no Brasil. Possui uma variedade de obras publicadas, dentre as quais se destacam: Lazer e Humanização (1983), Lazer e Educação (1987), Pedagogia da Animação (1997) e Estudos do Lazer: uma introdução (1996).

Assim, os autores acima citados nos trazem três formas de se enxergar o lazer: um conjunto de ocupações (Dumazedier e Requixa); um conjunto de valores (Miller e Robson); cultura (Marcellino). Segundo a concepção deles, podemos delinear algumas características presentes na maioria dos conceitos: o lazer deve ser de livre escolha do indivíduo; deve estar desconectado do trabalho e de outras obrigações impostas pela sociedade; deve favorecer o desenvolvimento pessoal e social; deve gerar satisfação e prazer. Vale ressaltar que, mesmo implicitamente, nas diversas concepções o lazer se liga a uma ocupação. Desta forma, quem está em um momento de lazer está sempre executando alguma atividade. O lazer é sempre fazer-alguma-coisa. Baseando-se nos pressupostos de Camargo (1999), é impossível não se fazer absolutamente nada, até mesmo o devaneio é uma ação muito significativa, podendo ser um momento de rica inventividade e reencontro de si mesmo. Alguns autores como Requixa, Dumazedier, Robson e Miller ainda abordam que o lazer é um ocupação.

Dentre os conceitos abordados, o conceito de Marcellino se aproxima de nossas aspirações, uma vez que seu conceito traz elementos que conferem uma possibilidade de desenvolvimento pessoal e social que, conseqüentemente, trarão mudanças de ordem moral e cultural.

## **2.2 O LAZER E O IDOSO**

Nas últimas décadas, assistimos a um interesse crescente pelos estudos do lazer e, verificamos no primeiro capítulo deste trabalho que este mesmo interesse se volta para o estudo do envelhecimento. Lazer e envelhecimento ganham espaço no campo da investigação científica; entretanto, estudos que abordam a relação entre estas duas áreas ainda são incipientes, necessitando de muita investigação. Procuraremos lançar uma semente para instigar os estudos entre estas duas vertentes do conhecimento.

O lazer, direcionado às pessoas idosas, emerge com aquilo que Debert (1999a) chama de Reprivatização do envelhecimento no qual os indivíduos são convencidos a assumirem a responsabilidade pelo seu envelhecimento e, conseqüentemente, pela sua

saúde, pela sua aparência, pelo seu isolamento. Em forma de crítica a esta reprivatização do envelhecimento a autora nos apresenta a seguinte reflexão:

*"...se alguém não é ativo, não está envolvido em programas de rejuvenescimento, se vive a velhice no isolamento e na doença é porque não teve o comportamento adequado ao longo da vida, recusou a adoção de formas de consumo e estilos de vida adequados e, portanto, não merece nenhum tipo de solidariedade". (Debert, 1999a, p. 35)*

A crítica indagada pela autora é de grande pertinência, principalmente se refletirmos que este discurso parte de uma ideologia neoliberal, fundamentada na teoria da globalização que privatiza tudo, até mesmo a doença, a solidão, o êxodo e o fracasso social. O lazer aparece neste contexto seguindo esta mesma ideologia neoliberal, na ilusão de ser acessível a todos, dando a entender que todos podem usufruir de atividades de lazer. Os idosos aparecem neste contexto como se a aposentadoria lhes trouxesse a liberdade para adentrarem no mundo do lazer. Existe uma grande identificação entre aposentadoria e tempo de lazer e, se os idosos não procuram uma vida de lazer, é porque são acomodados. Contudo, este ideal de vida de lazer, além de vir acompanhado de uma visão funcionalista, procurando encobrir os problemas sociais e econômicos que atingem estas pessoas, é acessível apenas a uma pequena minoria. Magalhães (1989, p.37) nos alerta a este respeito abordando que é um mito pensar a aposentadoria *"como início de uma época onde o indivíduo vai dispor livremente de sua vida e usufruir os bens e serviços que a natureza e a sociedade lhe oferece"*. E os bens e serviços de lazer não são acessíveis a todos os idosos. Segundo Salgado (1980), numerosas pesquisas realizadas, tanto na Europa quanto nos EUA demonstram que os idosos são os que menos frequentam equipamentos ou participam de atividades de lazer, *"existem barreiras interclasses e intraclasses sociais, formando um todo inibidor que dificulta o acesso ao lazer não só quantitativamente, mas sobretudo qualitativamente"*. (Marcellino, 2001, p. 9). Dentre as barreiras que impossibilitam a concretização do ideal de lazer podemos citar: **estereótipos, fator econômico, tempo disponível.**

Apesar dos esforços dos diversos estudiosos em demonstrarem as possibilidades de desenvolvimento e as potencialidades das pessoas idosas, alguns **estereótipos** persistem e outros surgem no cenário contemporâneo. Foge ao escopo de nosso trabalho traçar um histórico sobre o aparecimento e a construção desses preconceitos, porém é de vital importância situar alguns dos principais estereótipos.

Reportando-nos ao primeiro capítulo deste trabalho, podemos verificar duas formas de compreensão da velhice no contexto brasileiro: numa delas, a velhice é entendida como um momento de perdas, decrepitude, inutilidade. Beauvoir (1990) revela-nos a respeito das sociedades e das imagens construídas por elas em relação aos velhos, no decorrer da história. E um dos pontos relatados pela autora é que, nas sociedades ocidentais, a velhice foi ( e continua sendo) ligada a uma imagem estereotipada, tendendo a ser vista por meio de um período dramático, muitas vezes associada à pobreza e à invalidez.

A segunda forma de compreensão da velhice, traz o entendimento da mesma como uma fase de realizações, negando os estereótipos acima relacionados. Esta nova visão do envelhecimento vem associada ao lazer; como explicita Debert (1999a), os signos do envelhecimento são invertidos e assumem novas designações: "nova juventude", a "idade do lazer". A aposentadoria deixa de ser um momento de descanso e recolhimento para tornar-se um período de atividades de lazer. Neste contexto, o lazer aparece trazendo a possibilidade de evitar o envelhecimento. Dentro de uma visão funcionalista<sup>10</sup> e compensatória, o lazer vem sob as vestes da saúde, trazendo a idéia da necessidade de se manter uma vida ativa e de adotar novas formas de comportamento.

As novas formas de procedimento veiculadas pela mídia criam um novo estereótipo, os "*heróis do envelhecimento*". Featherstone (1995) denomina de *heroes of aging* as várias imagens veiculadas pelos meios de comunicação, mostrando pessoas que, frente ao processo de envelhecimento, parecem permanecer eternamente jovens nos seus hábitos de trabalho, postura corporal, expressões faciais e comportamento geral. Na perspectiva de Debert (1999b) esta idéia rejeita a própria idéia de velhice, ao considerar que a idade não é um marcador pertinente da definição das experiências. Se anteriormente os

---

<sup>10</sup> A visão funcionalista do lazer e sua crítica estão presentes na obra Lazer e Educação de Nelson Marcellino. Segundo o autor, as abordagens romântica, utilitarista, compensatória e moralista apontam para uma visão conservadora, que busca a paz social e a manutenção da ordem (p. 35-40)

idosos eram homogeneizados por uma visão de invalidez, perdas, hoje o são através da imagem de um idosos ativo, saudável, em busca de atividades de lazer. Ambas as imagens afastam os idosos do lazer: a primeira, por desconsiderar as potencialidades da pessoa idosa, e a segunda, por negar a velhice, definindo condutas a serem assumidas e impondo novas formas de agir com as quais os idosos não se identificam. Estas novas formas de comportamento trazem como pano de fundo a melhoria da qualidade de vida dos idosos, contudo, na realidade, possuem o objetivo de buscar soluções para os problemas encontrados em nossa sociedade e o atendimento a um novo mercado em crescimento - a indústria do rejuvenescimento.

A indústria do rejuvenescimento, em grande expansão, vende mercadorias através de imagens de rejuvenescimento, saúde, beleza, apresentando um ideal de corpo a ser atingido. A idéia da eterna juventude é a bandeira levantada pelos mercados de consumo, que lançam a cada dia um produto novo, visando combater o envelhecimento. O lazer não fica de fora. Junto à mídia, tende a impor idéias a serviço do capital, veiculando informações, de forma a determinar novas formas de comportamento, apagando o que previamente era considerado o comportamento adequado à pessoa idosa. No tocante a esta questão Debert acrescenta:

*"este segundo modelo também sem pretender, acaba fazendo coro com os discursos interessados em transformar o envelhecimento em um novo mercado de consumo, prometendo que a velhice pode ser eternamente adiada através da adoção de estilos de vida e formas de consumo adequadas".(Debert, 1999b, p.43)*

É papel do lazer atender a lógica de produção do mercado e do Estado? Esta gama de atividades de lazer surgidas para pessoas idosas: atividades de turismo, bailes, bingos, excursões são realmente carências sociais e individuais ou novas formas de gerar lucro em uma sociedade necessitada de aumentar o consumo para manter seu equilíbrio?

O consumismo, no campo do lazer, tende a gerar falsas necessidades. Não podemos permitir que o lazer se torne uma necessidade inventada pela sociedade de

consumo e que a indústria cultural, dentro de uma abordagem consumista, influencie, interfira e se apose do tempo disponível das pessoas para as práticas de atividades de lazer consumistas.

O lazer não é um produto a mais de consumo, vendido e comprado tal qual uma mercadoria. O acesso aos bens culturais de lazer é muito mais complexo que uma simples relação de aquisição de consumo. Este lazer, visto apenas pela faceta do consumo, deve ser repensado pela sociedade, tendo em vista a ampliação das diferenças entre seus membros e o aumento da exclusão.

A tendência contemporânea é de repensar a idéia de envelhecimento como um período de perdas considerando-o uma fase própria a novas conquistas; entretanto, a informação se faz necessária para que estas novas conquistas não se tornem apenas novas formas de consumo. Os idosos devem ser preparados não para eleger produtos e sim caminhos; devem ter a liberdade de conceber e realizar projetos de construir o lazer, não só de consumi-lo.

Além dos estereótipos relacionados anteriormente, o fator econômico constitui outra barreira de acesso ao lazer, sendo, segundo Marcellino (1996a), determinante desde a distribuição do tempo disponível entre as classes sociais, até as oportunidades de acesso à escola, contribuindo, assim, para uma apropriação desigual do lazer.

Quanto aos idosos, as condições econômicas são um entrave para o lazer, uma vez que há uma queda em sua renda a partir do momento no qual se aposentam. Grande maioria das pessoas idosas possui apenas a aposentadoria como recurso financeiro e vive com dificuldades financeiras, pois os gastos com atendimento médico e remédios geralmente tendem a aumentar. Dificilmente sobram recursos financeiros para o lazer, principalmente se levarmos em consideração a mercadorização do lazer e o domínio da iniciativa privada em relação aos espaços de lazer.

Ainda que o lazer, a partir da Constituição de 1988, passou a ser direito de todos os cidadãos brasileiros e uma das obrigações do Estado, este está muito longe de democratizar o acesso da população aos diversos interesses do lazer. Com isso surgem, com força total, os mais diversos empreendimentos privados na área que, ao invés de satisfazer necessidades humanas, criam novas. Segundo Marcellino (1996b), no caso dos equipamentos de lazer, dos espaços de convívio, parece haver uma tendência à privatização,

na qual os espaços de lazer, inclusive as áreas verdes e o lazer propriamente dito, se tornam produtos do mercado. "*Quem não pode pagar pelo estádio, pela piscina, pela montanha e o ar puro, pela água, fica excluído do gozo desses bens que deveriam ser públicos porque essenciais*".(Santos 1987, p.48).

O tempo livre se constitui em outra barreira para o lazer, apesar de alguns estudiosos<sup>11</sup> considerarem que os idosos possuem grande quantidade de tempo disponível. Esta realidade não abrange todos; não podemos esquecer que estas pessoas, em sua maioria, estão envolvidas com uma série de obrigações familiares, religiosas e sociais que limitam o tempo a ser destinado ao lazer. Além das obrigações, as condições econômicas desfavoráveis levam muitos idosos a buscarem trabalhos informais para suprirem suas necessidades de sobrevivência: vendedor de sorvete, vendedor de pipoca, vendedor de bilhetes de loteria etc; alguns continuam trabalhando em serviços braçais, e outros ainda voltam a trabalhar no antigo emprego, por menor salário e sem vínculo empregatício. O trabalho informal se torna um limitador do tempo que poderia ser utilizado para o lazer.

As barreiras de acesso ao lazer relacionadas levam grande parte das pessoas idosas a não terem ingresso aos espaços de lazer, desconhecendo, assim, a importância e os benefícios oferecidos pelo mesmo. Abrir possibilidades de acesso é fundamental, considerando-se que, só através das experiências de lazer, o idoso poderá aprender a gostar do mesmo. Desta forma se faz necessário minimizar as barreiras de alcance ao lazer, buscando uma participação de todas as camadas da sociedade, de diferentes sexos, idades, etnias e cores. Para a concretização destas aspirações é preciso a implementação de ações por parte do poder público e da comunidade.

Todas as barreiras acima relacionadas levam as pessoas idosas a ficarem enclausuradas em suas casas o que as levam a desenvolver, na maioria das vezes, suas atividades de lazer no âmbito doméstico. Os pressupostos de Marcellino (1996a) nos mostram que esta situação se agrava à medida que, cada vez mais, as camadas menos favorecidas da população vêm sendo expulsas para a periferia, e, portanto, afastadas dos

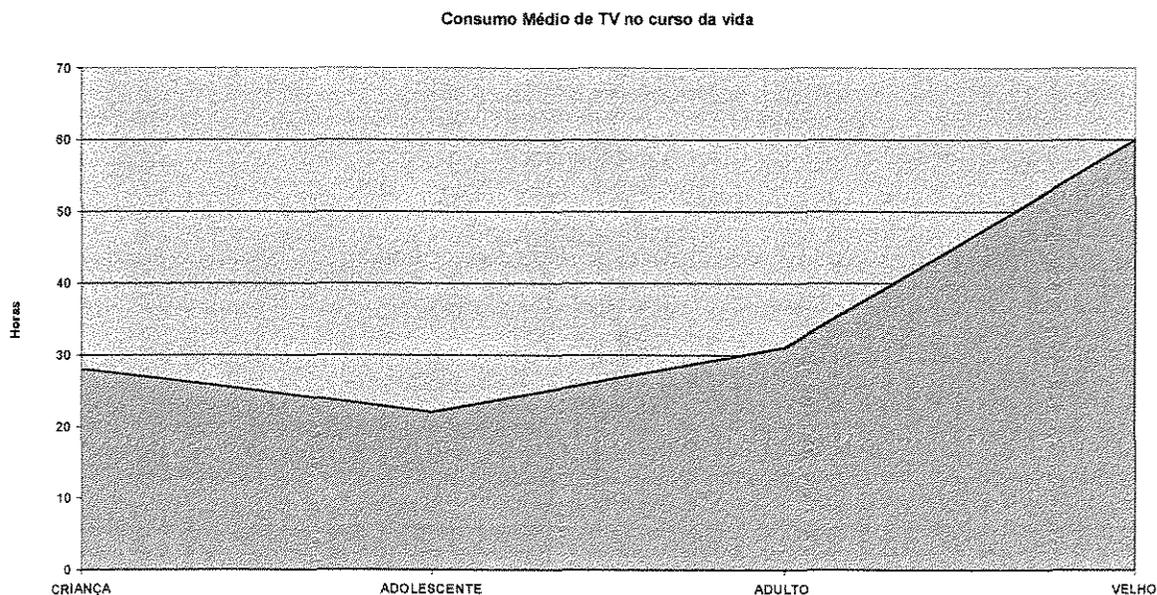
---

<sup>11</sup> Para alguns autores o tempo livre é uma característica presente na vida de pessoas idosas, sendo o tempo de não trabalho considerado livre. Podemos analisar esta colocação através da afirmação de alguns autores. "*o aumento do tempo livre que as pessoas adquirem com o advento da aposentadoria, ocorrência freqüente nesta etapa da vida.* (Oliveira, 1996, p. 113). "*em geral as pessoas aposentadas enfrentam o problema do que fazer com todo o tempo de que dispõem* (Santini, 1993, p. 88).

serviços, dos equipamentos específicos; justamente as pessoas que não podem contar com as mínimas condições para a prática do lazer em suas residências e para quem o transporte adicional, além de economicamente inviável, é muito desgastante. Todos estes fatores criam um bloqueio para a prática de lazer, empurrando, assim, as pessoas para suas residências, ficando estas na maioria das vezes à mercê da TV.

Estudos de Orjuela (1999) revelam que nenhum outro segmento da população assiste tanto à TV diariamente quanto os idosos, existindo uma correlação positiva entre a idade e o número de horas diárias de exposição na TV, como representa o gráfico a seguir.

**Gráfico 1 CONSUMO MÉDIO DE TV NO CURSO DA VIDA**



Fonte: Orjuela (1999)

Marcellino (1996a), apesar de não se referir aos idosos, relata que as atividades de lazer, na sua grande maioria, são desenvolvidas dentro do espaço restrito da casa das pessoas, onde a televisão reina quase que absolutamente. Camargo (1998) também chama a

atenção para este fato, afirmando que 70% a 90% do total de tempo de lazer dos indivíduos se restringe ao ambiente doméstico e metade deste tempo é dominado pelos meios de comunicação de massa, sobretudo pela TV. Verificamos que a TV é uma das atividades predominantes de lazer em idosos. No caso destes, a TV concorre com as demais atividades de lazer que poderiam ser realizadas fora de casa e acaba ganhando; contudo, quem perde são os idosos, principalmente pela limitação de chances de contato com outras pessoas não pertencentes ao núcleo familiar, com pessoas de faixas etárias diversas e de diferentes grupos da sociedade. Não só as relações sociais são prejudicadas, mas, sobretudo, as possibilidades de trocas de conhecimentos, aprendizagens e desenvolvimento presentes neste contexto.

A TV surge como uma opção para suprir a falta de lazer e o desengajamento das demais atividades da vida social, que geralmente ocorrem com os idosos. E muitas vezes é uma forma de fuga de uma época com uma série de inovações científicas intensas, mudanças sociais e econômicas que afetam profundamente a vida destas pessoas. Este aumento do uso da TV, coincidente com o avançar da idade, faz com que o isolamento social aumente e diminua a rede de contato social dos idosos. Tal redução de contatos sociais e de atividades de lazer motivam a busca de gratificação no uso da TV. Como salienta Orjuela (1999), o que encontramos neste caso é uma relação circular, cujo produto é a manutenção de altos níveis de consumo desse meio de comunicação.

A TV limita as possibilidades de experiências que podem contribuir para o desenvolvimento do idoso. Torna-se importante abriremos reflexões para que este meio de comunicação não se torne uma forma de compensação em relação à falta de lazer. É essencial, então, oferecer recursos às pessoas para que tenham acesso ao lazer, para diminuir as barreiras existentes em relação ao lazer e para que lhes seja possibilitado um processo de informações sobre o lazer através da educação para e pelo lazer, assuntos que discutiremos no próximo tópico deste capítulo.

## 2.3 EDUCAÇÃO PARA E PELO LAZER

Como verificamos no primeiro capítulo, consideramos desenvolvimento, um processo multilinear e contínuo, não existindo idade para que o mesmo se finde.

Entendemos que um dos papéis da educação é contribuir para o desenvolvimento humano, oferecendo aos indivíduos intermináveis possibilidades de conhecimento. Se por um lado o desenvolvimento do humano é contínuo e o papel da educação é contribuir com o mesmo, esta também deve ser um processo contínuo que dure enquanto o desenvolvimento durar, isto é, a vida toda.

Atualmente estamos tendo um novo redirecionamento para a educação. A Comissão Internacional da Educação para o século XXI apresentou o relatório conhecido como Jacques Delors, uma contribuição de especialistas do mundo todo. Neste relatório a educação é entendida como direito de todos

*“A educação é um direito fundamental da pessoa humana e possui um valor humano universal: a aprendizagem e a educação são fins em si mesmos; constituem objetivos a alcançar, tanto pelo indivíduo como pela sociedade; devem ser desenvolvidos e mantidos ao longo de toda a vida”.*(Delors, 1998, p.274).

Neste relatório, verificamos uma concepção de Educação ampliada, que não se restringe apenas à educação de crianças e adolescentes, que contempla os indivíduos em todas as fases de sua vida, sendo isto, então, um processo contínuo ao longo de toda a vida dos indivíduos. A educação é encarada por meio de um processo incessante, uma construção sucessiva da pessoa humana, dos seus saberes e aptidões, da sua capacidade de discernir e agir.

Neste documento, verificamos alguns pontos que garantem maior autonomia aos indivíduos, proporcionando-lhes condições de se tornarem responsáveis pelo seu desenvolvimento:

- **Aprender a conhecer**, significa adquirir os instrumentos de compreensão, que possibilitarão o conhecimento cultural ao indivíduo. Esta cultura geral constitui, de certa maneira, o passaporte para uma educação permanente, na medida em que fornece o gosto e as bases para a aprendizagem ao longo de toda a vida. O aprender a conhecer, significa aprender a aprender, para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo de toda a vida;
- **Aprender a fazer**, trata-se da aquisição da competência para o indivíduo se tornar uma pessoa apta para enfrentar numerosas situações no meio em que vive;
- **Aprender a viver junto** refere-se à preparação do indivíduo para lidar com as diversidades e gerir conflitos de forma cooperativa e participativa;
- **Aprender a ser** é entendido como o desenvolvimento da personalidade do indivíduo e uma maior capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal. Realização completa do homem em toda a sua riqueza e na complexidade das suas expressões e dos seus compromissos: indivíduo, membro de uma família e de uma coletividade, cidadão e produtor, inventor de técnicas e criador de sonhos.

Todos estes pontos abordados são essenciais no processo educacional, principalmente porque possibilitarão o desenvolvimento da autonomia aos indivíduos. Almeida (1990) explicita que não se trata mais de adquirir, de maneira extra, conhecimentos definitivos, mas de preparar para elaborar, ao longo de toda a vida, um saber em constante evolução. A Educação, no decorrer de toda vida, não é uma conquista irrealizável, mas uma busca possível de ser alcançada por uma sociedade marcada por um conjunto de alterações que torna cada vez mais necessária uma Educação continuada. Esta nova tendência da educação, para o século XXI, propicia condições para que a pessoa idosa seja contemplada neste processo. Propicia um redescobrir do potencial criativo das pessoas e uma chance de realização da pessoa que aprende a ser.

Outra exigência para a qual o relatório chama a atenção é a importância de não se deixar de explorar nenhum dos talentos que constituem tesouros escondidos no interior de cada ser humano - memória, raciocínio, imaginação, capacidades físicas, sentido estético, facilidade de comunicação com os outros.

Buscar uma educação contempladora de todos os pontos destacados anteriormente não é uma tarefa fácil. Entre as várias concepções de Educação, encontramos

nos pressupostos teóricos de Paulo Freire um apoio para nossos estudos através de sua concepção de educação libertadora. Os pressupostos teóricos deste autor são contemplados em nosso estudo em função de sua concepção de educação se mostrar adequada à concepção de educação que abordamos em nosso trabalho.

Concordando com Freire (1980) e Gadotti (1998), consideramos que a Educação não se restringe às quatro paredes da escola, mas que deve ocorrer nos mais diferentes âmbitos da vida social: igrejas, associações, clubes, cinemas, dentre outros. As experiências encontradas nestes locais podem contribuir com a Educação, abrindo espaço para apropriação da cultura. Para Gadotti (1998), existem muitos produtos culturais adquiridos fora da escola, não sendo esta o único local de apropriação da cultura. Fora da escola, as múltiplas formas de entretenimento, de educação continuada e de autoformação colocam a presença de uma cultura no mesmo nível que a cultura escolar: teatros, concertos, museus, conferências, experiências científicas, televisão, cinema, vídeos. A diferença está justamente na sistematização. O que nos parece caracterizar a escola é uma organização sistemática e contínua de situações.

Vemos, desta forma, a educação intrinsecamente relacionada às outras esferas da vida social, dentre estas, o lazer, uma categoria importante que faz parte da vida do homem e que pode e deve constituir-se em um motor para seu desenvolvimento; portanto contribui deliberativamente para o processo de construção do ser. Foi justamente no lazer que fomos buscar a base para nossos estudos, mais especificamente, na educação para e pelo lazer, duas vertentes que vêm sendo discutidas por diversos autores desta área. A educação para o lazer aponta para a necessidade de formação, na intenção de se utilizar do tempo disponível com criticidade.

A Educação para o lazer se faz presente à medida que a pessoa tem condições de aprender conteúdos, valores e aptidões relacionados ao lazer. De acordo com a Carta Internacional de Educação para o Lazer (item 4.3), a Educação para o lazer consiste "*em um processo de aprendizado contínuo que incorpora valores, conhecimentos, aptidões e recursos do lazer*".

Requixa (1980) explicita que, ao lazer, é necessário um aprendizado que represente um estímulo para a diversificação na procura de atividades. O mesmo autor ainda relata a respeito da necessidade da diversificação destas atividades, argumentando

sobre a necessidade de se valorizar o lazer, de conhecer as diferentes atividades para variarmos aquelas em que participaremos no nosso tempo liberado das obrigações.

Marcellino (1996a) defende a seguinte idéia:

*“...para a prática das atividades de lazer é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação aos conteúdos culturais, que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, procurando superar o conformismo, pela criticidade sendo necessário aprendizado para aquisição de bens culturais de lazer.”(Marcellino, 1996, p.50)*

A passagem de níveis elementares para superiores se concretizaria mais rapidamente através da ação educativa para o lazer somada à vivência deste. Só o acesso aos mais diversificados bens culturais de lazer pode permitir uma reelaboração do conhecimento dos indivíduos de forma a avançar nos níveis de complexidade abordados pelo autor.

Talvez seja contraditório manter o caráter de livre escolha, essencial no lazer, através de uma educação para o lazer, transmissora de valores e conteúdos vinculados ao lazer. Por outro lado, consideramos que apenas o conhecimento em relação aos valores, função e conteúdos do lazer fará com que os indivíduos possuam realmente liberdade para optarem. No tocante a esta questão, Marcellino (1996a) acrescenta que a autenticidade da escolha e do grau de conhecimento do indivíduo dependerá do conhecimento sobre as diferentes atividades de lazer existentes, suas formas de participação, para que conscientemente possa fazer suas escolhas.

Parker(1978) menciona que o volume e o tipo de instrução que recebemos influenciam no modo como aproveitamos o lazer. Ele se reporta aos estudos de Brightbill para afirmar a importância de educar para o lazer abordando que *“educar para o lazer significa expor os indivíduos desde cedo e por muito tempo nos lares, nas escolas e dentro da comunidade a experiências que os ajudarão a desenvolver critérios e habilidades no uso de um crescente tempo de lazer”* (Brighbill apud Parker,1978, p.114).

Camargo (1998) nos chama a atenção sobre a importância da educação para o lazer ao longo de toda a vida do indivíduo. Segundo ele, *“a imagem atual da aposentadoria é o melhor lembrete de que a educação para o lazer deve começar bem cedo, muito cedo mesmo, talvez antes até de começar a vida de trabalho”*<sup>12</sup> p.89.

Corroboramos com a afirmação deste autor, entretanto as pessoas idosas, que não tiveram a oportunidade de conhecer os valores do lazer e de usufruírem dos conhecimentos oferecidos pelo mesmo no decorrer de suas vidas, possuem, mais que qualquer outra faixa etária, o direito à educação para o lazer, a serem submetidas a um aprendizado que lhes conceba a incorporação de valores, conhecimentos e habilidades para o lazer.

*“(...) essa nova geração de idosos deverá percorrer um caminho onde novos valores poderão ser incorporados com a vida da aposentadoria, demandando processo educativo prévio para que haja um engajamento consciente às suas possibilidades de desenvolvimento pessoal e convivência social, através das experiências de lazer”.*(Bramante, 1993, p. 168)

Ao apontar a importância da educação para o lazer, a maioria dos autores sugerem que ela deve ocorrer através da família, da escola e da comunidade. Verificamos que todos os estudiosos da educação para o lazer concordam com a necessidade de uma aprendizagem que transmita ao indivíduo conhecimentos que lhe proporcionem a autonomia de poder optar por determinada atividade de lazer, reconhecendo na mesma os instrumentos possibilitadores de um maior desenvolvimento. Desta forma, acreditamos que a educação para o lazer conduz à educação pelo lazer, por possibilitar aprendizagens que contribuam para o desenvolvimento humano.

A Educação pelo Lazer se constitui noutra vertente discutida por alguns autores, que consideram existir através das várias manifestações culturais a possibilidade de se

---

<sup>12</sup> A importância do lazer durante todo o ciclo da vida será abordado posteriormente, na discussão deste trabalho.

trazer novas compressões sobre a realidade na qual vivemos. Segundo Marcellino (1987), uma das questões que o sociólogo Requiça enfatiza é exatamente a do alto potencial educativo que as atividades de lazer podem ser portadoras. *"Aliás, para esse autor começa a ampliar-se o dimensionamento do lazer, no momento em que vislumbramos suas possibilidades na área da educação."*p.60

Os pressupostos de Marcellino (1987) nos trazem a possibilidade de analisar a educação para e pelo lazer dentro de uma mesma vertente. O autor constata que o lazer é um veículo privilegiado de educação e que, para a prática positiva das atividades de lazer, é necessário o aprendizado, o estímulo e a iniciação, que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, o que resultará no enriquecimento do espírito crítico, na prática ou na observação.

Em nosso trabalho, educação para e pelo lazer se mostraram como unidades indissociáveis, uma vez que em toda experiência são internalizados aprendizados contempladores das duas vertentes. Partimos do princípio de que toda ação traz a possibilidade de reflexões diversas que contribuem para o desenvolvimento do homem, e cremos que toda ação realizada se constitui num processo de aprendizagem, cujo retorno se volta para o desenvolvimento do homem. Marcellino (1987), ao mencionar sobre o duplo aspecto educativo do lazer, também relata suas possibilidades de desenvolvimento pessoal e social. Para o autor, abordar o lazer, em seu duplo aspecto educativo, como objeto (educação para o lazer) e veículo (educação pelo lazer), implica em ver o lazer, no divertimento e no descanso, como um tempo privilegiado, mas para além, no seu desenvolvimento pessoal e social.

O lazer, possui um grande potencial de desenvolvimento humano, se constitui um bem cultural que deve ser acessível a todos, sendo necessária a democratização do mesmo. O lazer pensado por nós se encaixa em uma educação libertária, que busca eliminar os obstáculos culturais, proporcionar o acesso das pessoas à informação, de maneira horizontal e não hierarquizada, rompendo, desta forma, com as barreiras de estruturação do poder. *"só tem sentido se falar em aspectos educativos do lazer, se esse for considerado... um dos possíveis canais de atuação no plano cultural, tendo em vista contribuir para uma nova ordem moral e intelectual, favorecedora de mudanças no plano social"*.(Marcellino, 1987, p. 63-64)

Acreditamos em um lazer que proporcione contribuições para o desenvolvimento humano, através do oferecimento de novos conhecimentos e que interprete a aprendizagem como impulsionadora do desenvolvimento humano, levando os indivíduos ao caminho da liberdade. Liberdade esta que deve ser conquistada por cada indivíduo, *"a liberdade que é uma conquista, e não doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz"*. (Freire,1975, p.35)

A busca pela liberdade pode ser tolhida pelos mitos, estereótipos, preconceitos que envolvem a sociedade, gerando um indivíduo oprimido que, por muitas vezes, pode cair na acomodação, ao invés da busca. Não podemos nos esquecer de que o homem não é um ser da acomodação e sim da integração *"enquanto o animal é essencialmente um ser da acomodação e do ajustamento, o homem é da integração. A sua grande luta vem sendo, através dos tempos, a de superar os fatores que o fazem acomodado ou ajustado"*.(Freire, 1976, p.43).

A integração é uma atividade puramente da trajetória humana. É através desta integração que o homem adquire a capacidade de optar e criticar, uma vez que ela permite ao homem ajustar-se à realidade para transformá-la. Esta capacidade de escolher, optar é essencial na vida humana, entretanto o homem vem sendo privado do seu direito de escolha.

*"Uma das grandes, se não a maior, tragédia do homem moderno, está em que é hoje dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não, e por isso vem renunciando cada vez, sem o saber, a sua capacidade de decidir. Vem sendo expulso da órbita das decisões"*. (Freire,1976, p.43)

Alguns nem foram expulsos porque não entraram nesta órbita das decisões, uma vez que não lhes foi oferecido conhecimento para tomada de decisões. O discurso da liberdade de escolha pode ser transformado em instrumento de dominação das pessoas. A idéia de que o indivíduo é livre para escolher, na realidade, é um discurso mascarado: tem a intenção de justificar as diferenças sociais através de responsabilidades pessoais, acentuando que o indivíduo é livre para determinar suas escolhas; entretanto, ele deve

também ser responsável por elas. A pergunta lançada é a seguinte: as pessoas estão preparadas para discernirem, reconhecerem e autogestarem atividades que contribuam para seu desenvolvimento? *“é no domínio da decisão, da avaliação da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura....e se impõe a responsabilidade”*.(Freire, 1996, p. 20.)

As pessoas, que não possuem a capacidade de optar ou perderam esta capacidade, acabam sendo submetidas a decisões alheias. A partir deste momento ficam à mercê das influências exteriores, nem sempre condizentes com suas necessidades, mas às necessidades de uma sociedade de consumo. A indústria do lazer, abordada no capítulo anterior, é um exemplo claro da necessidade de instruir as pessoas para que as mesmas não caiam nas armadilhas, atendendo aos interesses do mercado de consumo. O tempo livre pode ser um espaço tanto para a aquisição de cultura como para a banalização da mesma.

A educação para e pelo lazer deve contribuir para que o indivíduo tenha condições de discernir sobre as diversas possibilidades de lazer, contudo a simples liberdade de poder escolher não pode ser fator decisivo para determinar o grau de liberdade dos indivíduos, mas em como estas escolhas poderão contribuir para o seu desenvolvimento. Deste modo o indivíduo, da mesma forma que deve ter discernimento para escolha, o deve ter também para a renúncia.

Face às considerações de Cabeza (1995), uma pedagogia que desenvolva a possibilidade de desfrutar do lazer deve desenvolver paralelamente uma educação para a renúncia parcial. A livre escolha entre a grande variedade de bens de consumo existentes no mercado não significa liberdade, mas uma pressão dos controles sociais, podendo levar o indivíduo à alienação. São tantas as possibilidades oferecidas na vida moderna que uma pessoa, decidida a viver esta faceta em profundidade, pode ver-se ameaçada pela angústia da contínua escolha ou pela insatisfação de limitar-se a um tipo de atividade, abandonando, então, as demais. De que forma limitar o assalto da sociedade de consumo que estimula persistentemente o indivíduo a realizar um lazer em massa e pré-fabricado?

Acreditamos na necessidade de uma educação para e pelo lazer que possibilite ao indivíduo tanto a faculdade de escolher quanto a de renunciar, quando necessário o for; que ofereça tratamento igualado aos diversos temas do lazer, favorecendo uma vivência justa de todas as dimensões do lazer, possibilitando um conhecimento adequado tanto das ofertas de lazer existentes quanto das suas necessidades pessoais.

O lazer seria entendido como um instrumento de defesa contra a homogeneização dos conteúdos de lazer, veiculados pela indústria do entretenimento, procurando desenvolver uma educação conscientizadora, fornecendo instrumentos de defesa para os indivíduos. Neste aspecto o lazer ganha sentido contraditório, se, de um lado, pode ser apenas um produto de consumo; por outro, pode ser um elemento de conscientização para as pessoas, oferecendo possibilidades de trocas de conhecimentos, informações e questionamentos.

O papel da educação, pondera Freire (1996), será o de persuadir ou convencer a liberdade, de que se vá construindo, se reelaborando através de conhecimentos que, embora vindos de fora de si, sejam reelaborados por ela, a sua autonomia. O conceito de liberdade, nesse sentido não pode vir separado de responsabilidade: o indivíduo livre não é aquele que age de modo arbitrário, mas aquele que age de maneira responsável, isto é, de acordo com uma direção consciente. É através da autonomia que o vazio habitado pela dependência vai sendo preenchido, e a responsabilidade vai sendo assumida.

*"O educando que exercita sua liberdade ficará tão mais livre quanto mais eticamente vá assumindo a responsabilidade de suas ações. Decidir é romper e, para isso, preciso correr o risco."* (Freire 1996, p. 104). É justamente estes decidir, optar, romper, correr risco que contribuirão para que o indivíduo se torne um ser autônomo, essencial à reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia.

Esta reinvenção humana, por sua vez, depende das constantes buscas do ser humano, um ser da integração e não da acomodação. Para exemplificar a importância destas buscas, nos reportaremos a McLeish apud Tedrick e Mcguire (2000), que criou pela primeira vez o termo "El adulto Ulisses" para referir-se àqueles indivíduos que continuam buscando novas aventuras e oportunidades, apesar de sua idade avançada. O protótipo destas pessoas se baseia em Ulisses, que contava com 50 anos no começo das aventuras descritas em a Odisséia e próximo de 70, quando desembarcou em sua última viagem. A viagem de Ulisses está ao alcance de todos.

*"Para entrar no país de Ulisses não é necessário passaporte. Não existe restrições de raça, classe social, religião, ideologia política ou educação; pelo contrário, o país de Ulises é uma comunidade aberta composta por pessoas*

*maiores de todas as raças existentes sobre a face da terra; pode pertencer a todos os tipos de pessoas saudáveis ou enfermas, com qualquer nível de estudos, crentes ou ausentes de crenças".(MacLeich apud Tedrick e Macguire, 2000, p.166)*

O lazer surge como possibilidade de se engajar no país de Ulisses, se consistindo uma forma de buscar novas aventuras. A liberdade procedente do lazer proporciona a busca de um desenvolvimento continuado, considerando a possibilidade de desvendar territórios desconhecidos e embarcar em novos conhecimentos. O aprender intrínseco no lazer traz novos horizontes à vida dos indivíduos, permitindo-lhes aprender e velejar por novos caminhos, e levando-os a compreender a vida e a humanidade.

Concordando com Tedrick e Macguire (2000), consideramos que é possível ampliar os limites do desenvolvimento humano durante a velhice, utilizando a concepção do país de Ulisses como modelo, e o lazer como uma possibilidade dessa ampliação do desenvolvimento humano.

### III-TRAÇANDO UM CAMINHO

A nossa investigação foi pautada nos recursos metodológicos da pesquisa-ação. Através da literatura podemos analisar outras expressões utilizadas para representar a pesquisa-ação. De acordo com Bastos (1995), a denominação investigação-ação, cuja origem encontramos em Lewin (1946 e 1952), contém dinâmicas de grupo, no sentido de integrar as minorias, especialmente étnicas, à sociedade nos Estados Unidos da América. Ao mesmo tempo, procurava estabelecer as bases para a cientificidade das ciências sociais, a partir de um trabalho empírico. De acordo com Bastos (1995), nos trabalhos de Lewin podem ser percebidos os primeiros passos da construção de uma nova concepção de investigação que, sem desprezar a objetividade e a validade do conhecimento, procura firmar um novo status para as ciências sociais. Convém, entretanto, destacar que a proposta lewiniana não carrega um componente emancipatório, posteriormente desenvolvido por outras vertentes da investigação-ação.

Em Freire (1975), através da investigação temática, a pesquisa começa a adquirir uma intencionalidade claramente emancipatória via reconhecimento da dimensão política da educação e da investigação educacional. Isso é considerado um estilo alternativo de pesquisa e ação educativa.

A partir da década de 70, encontramos o conceito de investigação-ação para designar os estilos de pesquisa participante com uma vertente mais sociológica que educacional. De acordo com Gajardo (1985), Fals Borda foi quem produziu o trabalho mais significativo dentro desta proposta, estudando a situação histórica e social dos setores mais pobres e atrasados da sociedade colombiana, efetivando a vinculação da pesquisa com ações sociais e políticas, desenvolvidas pelos grupos e organizações mais conscientes do país. Ambas, investigação temática e investigação-ação, se voltam prioritariamente para a intervenção libertadora em populações marginalizadas junto a movimentos sociais.

Ainda na década de 70, paralelamente ao desenvolvimento conceitual no campo sociológico, temos o desenvolvimento da investigação-ação em uma vertente educativa. Tal

estratégia, nos seus traços gerais, recorre a momentos, fases e etapas delineadas por Paulo Freire na investigação temática.

Bosco Pinto apud Gajardo (1985) sustenta sua proposta a partir do conceito de educação libertadora, entendendo-a um processo que tendem a recolocar o homem oprimido, tradicionalmente concebido como objeto da educação, no centro do processo educativo.

A denominação pesquisa-ação também é encontrada em Thiollent (2000), que considera a pesquisa ação:

*"...um tipo de pesquisa social participante com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, no qual pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo" (p. 14).*

Muitas vezes encontramos pesquisa-ação e pesquisa participante, utilizadas como sinônimos, entretanto, não o são: a pesquisa ação vai além da participação, requerendo uma ação planejada por parte do grupo envolvido na pesquisa, não sendo este um traço característico da pesquisa participante. Todavia toda pesquisa-ação é do tipo participante, uma vez que requer a participação de todos os envolvidos na investigação.

*"Uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema a ser resolvido, numa transformação. Além disso, é preciso que a ação não seja trivial, exigindo uma investigação para ser elaborada e conduzida"(Bastos, 1995, p. 76)*

Partindo do pressuposto de que a ação foi ponto chave de nossa intervenção, na intenção de procurar apontamentos que auxiliem na resolução de alguns problemas, podemos salientar que nosso trabalho foi pautado na pesquisa-ação. E esta ação deve ser fundamentada na produção de conhecimentos e na aquisição de experiências.

Não podemos afirmar que adotamos um método padrão, pois nosso método se construiu através da interação com o grupo que descortinou a realidade concreta com a intenção de compreendê-la e transformá-la. Todavia a vertente delineada por Freire retrata os caminhos por nós percorridos, principalmente, por introduzir formas de organização e de trabalho coletivo através da ação desenvolvida por pequenos grupos, os quais incorporam rapidamente novas idéias e valores, modificando também seus padrões de comportamento.

Esta concepção de investigação pode auxiliar os grupos na interpretação da realidade através de suas ações, valores, concepções, oferecendo a possibilidade de transformação e aquisição de conhecimentos para o grupo envolvido na pesquisa.

### **3.1 UMA REFLEXÃO**

Buscar um caminho para nossa intervenção não constituiu uma tarefa fácil. Em primeiro lugar, porque tivemos que repensar todo o nosso trabalho de três anos e traçar junto ao grupo um novo caminho com novas metas a serem atingidas.

Toda desestruturação exige uma nova estruturação. Foi nesta reconstrução que passamos a compreender o lazer: um espaço de desenvolvimento de pessoas idosas, que traz a possibilidade de apropriação e desenvolvimento de novas habilidades e valores, necessários ao desenvolvimento do indivíduo.

Pensando o lazer nestas perspectivas, começamos a refletir sobre qual tipo de intervenção poderia responder os questionamentos levantados por nós; neste momento, a contradição entre a realidade que se nos apresentava e a necessidade de transformações foi imprescindível para que avançássemos em nossa pesquisa.

Vislumbramos uma perspectiva de lazer que pudesse levar os idosos a se apropriarem de conteúdos culturais de lazer diversificados, propiciando-lhes a aquisição de novas habilidades, contribuidoras do desenvolvimento e oferecedoras de conhecimentos que possibilitem a liberdade de escolha, no sentido de estes sujeitos discernirem sobre as experiências no campo do lazer que satisfaçam suas necessidades, com a possibilidade da construção de sujeitos que participam do seu próprio processo educativo.

### 3.2 FASE DIAGNÓSTICA E DE TEMATIZAÇÃO

É uma fase de grande importância a identificação das necessidades do grupo, de seus anseios. Isto evitará que os pesquisadores caiam no erro de levar conhecimentos que não satisfaçam as necessidades do grupo. A nossa fase diagnóstica se fez durante os três anos de trabalho no projeto PAI, permitindo-nos identificar a linguagem e a expressão do grupo, suas necessidades e as características da realidade vivida. O contato junto ao grupo nos revelou um quadro que serviu como corpo de análise para a determinação do universo temático e dos temas geradores, eixo de nossa ação. Os temas não surgiram de determinações advindas dos pesquisadores, mas tiveram sua origem nas contradições surgidas no cotidiano do trabalho junto ao grupo.

A análise dos dados do diagnóstico nos possibilitou a estruturação de alguns questionamentos que nortearam nossos estudos e possibilitaram uma maior compreensão da realidade. Por que o grupo não busca experiências de lazer fora do condomínio? Os idosos têm liberdade de escolha em relação ao lazer? Como conhecer novas possibilidades de acesso ao lazer? O acesso a outras possibilidades de lazer abririam novos interesses em relação ao lazer? Possibilitariam a aquisição de novos valores? Estas questões nortearam o presente estudo e nos permitiram avançar na compreensão da realidade investigada.

*"A investigação temática, que se dá no domínio do humano e não no das coisas, não pode reduzir-se a um ato mecânico. Sendo processo de busca, de conhecimento, por isto tudo, de criação, exige de seus sujeitos que vão descobrindo, no encadeamento dos temas significativos, a interpenetração dos problemas" (Freire, 1975, p. 117)*

### 3.3 PROBLEMATIZAÇÃO E PROGRAMAÇÃO DA AÇÃO

Problematização e ação ocorreram em um mesmo momento. Toda vez que problematizamos, novas ações eram sistematizadas e, durante as ações, novas problematizações surgiam. Nesta etapa iniciamos um processo dialógico caracterizado pela denúncia das situações de opressão, com o propósito de superá-las.

*"A problematização desempenha o papel de "desafios" apresentados aos grupos. Trata-se de situações problemáticas, codificadas, que levam em si elementos para que sejam descodificados pelos grupos com a colaboração do coordenador" .(Freire 1980, p.44 ).*

A problematização possibilitou um processo de formação da consciência crítica dos indivíduos, levando-os a compreender a realidade na qual vivem, para encontrarem nela a explicação de sua situação objetiva, assim como as formas e instrumentos que lhes permitissem superar barreiras, mediante um esforço coletivo, sistemático e organizado, conduzindo estas pessoas a atingirem a plena participação na gestão e direção do processo produtivo e no desfrute da riqueza, bens e serviços gerados socialmente.

Nesta etapa da problematização, determinamos ações que se tornaram constantes desafios para o grupo. A ação é uma fonte de conhecimento transformadora, pois busca intervir em situações reais. Os desafios vieram em forma de conhecimento de diversas possibilidades de lazer e, para isso, foi estabelecido um cronograma de passeios a locais que oferecessem acesso ao lazer. O processo de investigação das atividades de lazer trouxe novas aprendizagens ao grupo; portanto o resultado de cada investigação foi um novo patamar de desenvolvimento e abertura de novas possibilidades de aprendizagem. Estas aprendizagens foram sistematicamente organizadas, tanto nos passeios como nos ciclos de estudos, através da abordagem de temas que nos permitiam avançar no conhecimento. Cada tema foi problematizado a partir do acesso ao lazer que tiveram os integrantes do grupo, permitindo-lhes um processo de reflexão e avaliação.

### **3.4 AVALIAÇÃO EM FORMA DE REFLEXÃO DAS AÇÕES**

A avaliação não ocorreu em um momento único, separado dos demais, uma vez que toda problematização e ação refletem uma forma de avaliação. Entretanto criamos um momento no qual as nossas avaliações puderam ser confrontadas com as de outras pessoas do grupo. Tais avaliações vieram na forma de revisão do trabalho, através da visualização de filmagens realizadas.

Os ciclos de estudos foram importantes, não só na sistematização do conhecimento quanto na abertura de um processo de reflexão e avaliação.

### **3.5 OS SUJEITOS DA INVESTIGAÇÃO**

Os sujeitos de nossa investigação foram dezenove idosos, que residiam no Condomínio Vila Vida e participavam regularmente do projeto PAI, coordenado por nós. Nosso grupo se constituiu, em sua maioria, por idosos de 60 a 75 anos. Eis uma pequena história destes sujeitos: antes de se aposentarem os homens exerciam profissões de lavrador, pedreiro e vaqueiro e, entre as mulheres, encontramos profissões como doméstica e costureira. Todos eles são aposentados; o dinheiro advindo, da aposentadoria, não cobre suas necessidades de alimentação, saúde, vestimentas; a maioria deles realiza algum tipo de trabalho informal; dentre os homens, alguns vendem picolé na rua, outros capinam e limpam quintais; alguns ainda trabalham na lavoura. O serviço informal das mulheres é realizado através de bordados confeccionados pelas mesmas no condomínio; parte dos trabalhos é destinada ao condomínio e parte fica com as idosas para que possam vender e completar a renda mensal. Algumas delas também completam o orçamento vendendo produtos de beleza. Tivemos a participação de 8 homens e de 11 mulheres. Do total de idosos 20% era de viúvos; 50%, de casados; 10%, solteiros e 20%, separados. Quanto ao nível de escolaridade, 5% nunca frequentou a escola; 2% havia frequentado o segundo grau; 10% fez o ginásio e 83%, o curso primário. Destas pessoas, 10% participou do projeto

desde o ano de 1998; 30%, desde o ano de 1999; 30%, desde o ano 2000 e 30% iniciou no ano de 2001. Partindo do princípio de que cada discurso só tem sentido se considerarmos o contexto no qual é produzido, é importante ressaltar que a maioria dos idosos que participaram destes estudos são pessoas que viveram parte de suas vidas no meio rural, no qual as atividades cotidianas eram fortemente marcadas pela valorização do dever, pela obrigação em face do trabalho, da religião, da obediência à família. Além disso, não podemos esquecer que estas pessoas que se encontram em idade superior a 60 anos foram educadas em uma época de guerras, de escassez e de limitada formação cultural.

Tivemos outros idosos envolvidos no processo de intervenção, entretanto nossa amostra foi apenas dos dezenove idosos que se comprometeram em acompanhar nossa investigação do início até o final.

Além dos idosos, contamos com duas monitoras<sup>13</sup>, alunas do curso de Educação Física do Campus Avançado de Jataí- Universidade Federal de Goiás, que trabalham no projeto PAI, desde o ano de 2000. As mesmas tiveram um papel essencial na investigação, uma vez que ambas trabalham com este grupo de idosos cerca de um ano e meio. Possuem muita afinidade com o grupo, o que facilitou o diálogo. Eu, como coordenadora do projeto PAI desde o ano de 1998, estive junto aos outros sujeitos desta investigação, engajada na pesquisa por nós empreendida.

É importante ressaltar que o nome dos idosos foi mantido em anonimato; utilizamos, então, nome de plantas para designação dos mesmos<sup>14</sup>. A opção de nomear os sujeitos envolvidos na pesquisa com nomes de plantas ocorreu em razão de verificarmos nos quintais de suas casas a existência de plantas diversificadas de uso medicinal; além disso, nas conversas informais entre os idosos, sempre identificávamos a indicação de remédios caseiros para problemas de saúde diversos. Verificamos que, tanto o cultivo como o uso de plantas medicinais, fazem parte de sua cultura.

---

<sup>13</sup> Para ser monitor do projeto PAI, as alunas passaram por um processo seletivo, realizado pela coordenação do curso de Educação Física. A bolsa dos monitores é subsidiada pela Pró-reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Goiás.

<sup>14</sup> Vide Anexo 1

Todas as formas de obtenção de dados: filmagens, entrevistas e fotografias. Ocorreram mediante o consentimento de todos os envolvidos na pesquisa, o que ficou documentado através de um termo de consentimento<sup>15</sup>.

### 3.6 A COLETA DOS DADOS

A coleta de dados ocorreu no município de Jataí-GO, localizado no sudoeste do Estado de Goiás. Foi fundado em setembro de 1936, quando Francisco Joaquim Vilela e seu filho, José Manoel Vilela, procedentes de Minas Gerais, entraram pelo leste, através da cidade de Rio Verde, nos sertões do sudoeste goiano, formando uma fazenda de criação de gado, às margens dos rios Claro e Ariranha. Sua emancipação ocorreu em 31 de maio de 1895. Segundo o IBGE (2001), Jataí possui um contingente populacional de 52.000 eleitores e 78.945 habitantes<sup>16</sup>.

O município possui uma economia ligada à pecuária e agricultura. Segundo Machado (1996), a economia de Jataí possui um estreito vínculo com a pecuária e chegou, na década de 50, a ter o segundo maior rebanho bovino do Estado, posteriormente, sua economia passou a ser determinada pelo cultivo de soja para a exportação. E de acordo com dados do IBGE (2001), na safra 99/00, o município foi o maior produtor de milho-safrinha do Estado e do Brasil.

Os dados desta pesquisa foram coletados na ano de 2001. Estabelecemos um cronograma, através do qual os sujeitos da pesquisa se envolveram em diversas experiências de lazer em alguns espaços existentes no município: museu, clube, lago, pesque e pague, ginásio, praça, acampamento e lago. Foram realizados três ciclos de estudos, sendo dois nas dependências do Campus Avançado de Jataí da Universidade Federal de Goiás e um no Condomínio Vila Vida, estes foram fundamentais em nossa coleta de dados.

---

<sup>15</sup> Vide Anexo 2

<sup>16</sup> Estes dados foram coletados no endereço eletrônico: [www.jatai.com.br/cidade](http://www.jatai.com.br/cidade).

O desenvolvimento de nossa pesquisa foi nos apontando que instrumentos deveriam ser utilizados para a coleta de nossos dados. Os instrumentos para coleta e registro dos dados foram bastante diversificados. Envolveram diálogos, ações coordenadas e espontâneas, entrevistas semi-estruturadas, filmagens, fotografias e informações obtidas em eventos formais por nós denominados como ciclo de estudo, ou também em informais, em situações de ação de construção individual ou coletiva. Bruyne apud Souza (1999) esclarece que, várias técnicas de coleta de dados devem freqüentemente ser empregadas numa mesma pesquisa, para reunir um feixe de dados ao mesmo tempo disponíveis e acessíveis, conforme o seu objeto de estudo.

Nosso referencial teórico foi de fundamental importância para a análise e a interpretação dos registros e observações empíricas. Investigação empírica e interpretações teóricas se completaram de forma dialética, trazendo reflexões necessárias para a estruturação de nosso trabalho.

### **3.7 ANÁLISE DOS DADOS**

A análise de nossa investigação não ocorreu em um momento determinado. Ela foi construída durante toda a pesquisa, com a participação de todos os sujeitos envolvidos.

A cada ação surgiam novas reflexões, e novas análises eram sistematizadas. Os ciclos de estudos realizados foram de grande importância em nossa análise: possibilitaram-nos um diálogo entre as instâncias empíricas e conceituais.

Realizamos um ir e vir de forma que determinados conceitos teóricos puderam ser observados à luz de observações concretas da realidade empírica. O estudo teórico por nós realizado nos forneceu um amplo potencial explicativo sobre a realidade.

*"Viajar! Perder países!  
Ser outro constantemente,  
Por a alma não ter raízes  
De viver de ver somente!*

*Não pertencer nem a mim!  
Ir em frente, ir a seguir  
A ausência de ter um fim,  
E da ânsia de o conseguir!*

*Viajar assim é viagem.  
Mas faço-o sem ter de meu  
Mais que o sonho da passagem.  
O resto é só terra e céu".  
( Fernando Pessoa "Cancioneiro")*

## **IV O CONDOMÍNIO VILA VIDA<sup>17</sup>**

Estaremos abordando, no decorrer desta explanação, dados a respeito do nosso trabalho no Projeto PAI, iniciado no ano de 1998. Para tal, foi necessário caracterizar o local para que se pudesse visualizar melhor a realidade na qual foi desenvolvida a pesquisa.

Sobre o projeto, abordaremos também dados a respeito do seu surgimento, e reflexões que emergiram no decorrer dos 4 anos de nosso trabalho.

### **4.1 CARACTERÍSTICAS INICIAIS**

O condomínio Vila Vida, localizado no município de Jataí (GO), foi fundado pelo Estado, no ano de 1998, através de um programa instituído pela Organização das Voluntárias, desenvolvido em todo Estado de Goiás, de conformidade com a Política da terceira idade.

---

<sup>17</sup> Vide Anexo 3 e 6

O Patrimônio imóvel, de propriedade do Estado de Goiás, através de autorização legal e mediante assinatura do Termo de Cessão de Direito e Administração<sup>18</sup>, foi transferido para a administração da Prefeitura Municipal de Jataí-GO.

A Organização das Voluntárias de Goiás, de acordo com a cláusula terceira do termo de cessão, se comprometeu a oferecer orientação técnica, por intermédio do seu corpo de Profissionais especializados, e do treinamento de pessoal indicado pela Prefeitura.

A instituição possui um regimento interno<sup>19</sup> que guia os passos, da coordenação geral, da coordenação técnica, da coordenação administrativo-financeira e dos moradores.

O terreno, no qual o condomínio foi construído, possui um área total de 9.353,294 m<sup>2</sup>, e a área construída é de 1.469.579 m<sup>2</sup>, com trinta casas, contendo um quarto, um banheiro, uma cozinha, uma sala, uma varanda e uma área. Cada casa possui capacidade para duas pessoas, tendo o condomínio capacidade para acomodar 60 idosos<sup>20</sup>.

No condomínio há para uma qualidade de vida digna de seus moradores as seguintes dependências:

Um salão<sup>21</sup>, destinado a atividades físicas, a festas, a bailes, a palestras, dentre outras;

Uma piscina<sup>22</sup>: 6x 12, com 1,5m de profundidade. Esta piscina é cercada por um alambrado, cujo portão permanece fechado, tendo acesso à chave somente a administração. A piscina só é utilizada para realização de atividades físicas na presença dos monitores do projeto. No que se refere à estrutura, a piscina é adequada à utilização de pessoas idosas, contudo não possui um sistema de aquecimento, o que inviabiliza sua utilização nos meses de junho, julho e agosto, época em que o clima é mais frio em nossa região.

Uma oficina de costura e pintura<sup>23</sup>: cujo funcionamento acontece de segunda à quinta feira; é onde são feitos: tapetes, pintura em panos, etc.

---

<sup>18</sup> Vide Anexo 4

<sup>19</sup> Vide Anexo 5

<sup>20</sup> Vide Anexo 6

<sup>21</sup> Vide Anexo 7, figura 1

<sup>22</sup> Vide Anexo 7, figura 2

<sup>23</sup> Vide Anexo 7, figura 3

Uma oficina de bordados, crochê e macramê, em funcionamento de segunda à quinta-feira; aí são produzidos: caminhos de mesa, panos de prato, forros para mesa, penteadeira, dentre outros.

As duas oficinas acima citadas contam com uma profissional, que ensina os diversos trabalhos manuais já citados neste trabalho.

Uma oficina de artesanatos, onde os idosos produzem: cestas de jornal, vassouras etc.

Um quiosque<sup>24</sup>, contendo alguns bancos e uma mesa. Este local é utilizado principalmente pelos homens, para jogar baralho, e, no final da tarde, serve de ponto de encontro para conversas entre os idosos.

Uma sala de aula<sup>25</sup>, na qual os idosos recebem aulas de alfabetização.

Uma secretaria, onde são armazenados os documentos que dizem respeito aos idosos e ao condomínio

Uma enfermaria<sup>26</sup>: que contém remédios básicos - analgésicos e antitérmicos -, cedidos pela Secretaria Municipal de Saúde.

Um almoxarifado<sup>27</sup>, no qual são guardados todos os materiais utilizados na atividades físicas: bolas, bambolês, flutuadores, colchonetes e os utilizados nas oficinas: pano, linha, agulha e materiais de limpeza.

#### **4.2 AS PESSOAS QUE TRABALHAM NO CONDOMÍNIO VILA VIDA**

Assim como há dependências para atividades as mais diversas, há também o pessoal preparado para assumir funções junto aos idosos. Nesta equipe existem pessoas, contratadas pelo município para trabalharem no condomínio; voluntários de vários segmentos da sociedade e pessoas advindas de parcerias estabelecidas entre o condomínio e outras instituições.

---

<sup>24</sup> Vide Anexo 8, figura 1

<sup>25</sup> Vide Anexo 8, figura 2

<sup>26</sup> Vide Anexo 9, figura 1

<sup>27</sup> Vide Anexo 9 figura 2

Entre os funcionários do município que atendem o condomínio, temos: uma enfermeira à disposição, no período de: 8:00 às 14:00 h. Esta profissional é responsável por atender os idosos que apresentarem algum problema de saúde, prestar os primeiros socorros e encaminhá-los para o atendimento público de saúde do município; uma assistente social, responsável pela administração do condomínio; uma faxineira, responsável pela limpeza da administração, do salão, das oficinas e do almoxarifado.

Entre os voluntários que se dispõem a colaborar com o condomínio temos: um cabeleireiro, que atende os idosos todas às segundas-feiras, no período vespertino e uma pessoa que ensina os idosos a fazer crochê e bordado.

No que se refere às parcerias estabelecidas, temos: duas monitoras do projeto PAI, parceria estabelecida com o Curso de Educação Física do Campus Avançado de Jataí da Universidade Federal de Goiás. Estas monitoras recebem uma bolsa da Pró-reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Goiás. As alunas atuam sobre a coordenação de um professor do curso de Educação Física. Uma professora de alfabetização, parceria estabelecida com o Programa Alfabetização Solidária, através do Campus Avançado de Jataí da Universidade Federal de Goiás. Esta professora recebe uma bolsa de 120,00 reais pelo trabalho de alfabetização realizado junto aos idosos. O programa Alfabetização Solidária faz parte de uma parceria entre o Ministério da Educação, Instituições de Ensino Superior, Associação de Apoio ao Programa Alfabetização Solidária, Empresas, Prefeituras Municipais e Governo do Estado. Atualmente a parceria, realizada com o Campus Avançado de Jataí-UFG, atende os municípios de Guajará no Amazonas; Pacoti e Mulungu, no Ceará; e Jataí, Serranópolis, Aparecida do Rio Doce, Caiapônia, Mineiros e Portelândia, em Goiás. Um técnico em manutenção da piscina, parceria estabelecida com, uma empresa que trabalha com manutenção de piscinas dentro do município.

### 4.3 AS ATIVIDADES EXISTENTES NO CONDOMÍNIO

As atividades oferecidas aos idosos ocorrem em forma de parceria entre prefeitura e entidades públicas e privadas. São elas:

Atividades físicas e atividades de lazer<sup>28</sup>, que ocorrem duas vezes por semana, através do Projeto PAI- parceria com a Universidade Federal de Goiás- Campus Avançado de Jataí.

Oficina de bordado, costura, crochê, pintura<sup>29</sup>: em parceria com o Rotary Clube de Jataí, de segunda à quinta-feira. De todo o material produzido pelos idosos, 50% fica para eles, e o restante é encaminhado à Superintendência de Promoção e Assistência Social da Prefeitura, que realiza, duas vezes ao ano, uma feira, na qual os materiais são comercializados. Este lucro volta para o Condomínio, sendo revertido na compra de materiais como linha, agulha, pano e tinta para confecção de novos materiais. Caso o lucro não seja suficiente para a compra dos materiais da oficina, a Prefeitura fica responsável por isso.

Alfabetização, oferecida aos idosos de segunda-feira à quinta-feira e aos sábados, no período de 7 às 10 horas, parceria com o projeto Alfabetização Solidária, atualmente atendendo o Estado de Goiás, em parceria com a Universidade Federal de Goiás- Campus Avançado de Jataí.

Palestras, que ocorrem mensalmente com temas diversificados: diabetes, osteoporose, colesterol, depressão, atividade física, também em parceria com a Secretaria Municipal da Saúde, aberta a toda comunidade idosa do município.

Baile, que ocorre toda semana, nas sextas-feiras, aberto a toda a comunidade idosa do município; o contrato com o som mecânico fica a cargo da Prefeitura Municipal de Jataí.

---

<sup>28</sup> Vide Anexo 9, figura 3

<sup>29</sup> Vide Anexo 10, figura 1

#### **4.4 CRITÉRIOS PARA INGRESSO NO CONDOMÍNIO**

CrITÉrios para se ingressar no condomÍnio:

-idosos com idade igual ou superior a 60 anos, abrindo exceção quando um dos cÔnjuges possui idade inferior a 60 anos;

-idosos carentes que possuam apenas a renda da aposentadoria;

-idosos que nÃo possuam moradia;

-idosos nÃo dependentes fÍsica e/ou mentalmente de outrem;

-idosos que nÃo possuam vÍcio de bebidas alcoÓlicas.

Para morarem no condomÍnio, os idosos devem se submeter Ãs seguintes condiçÕes. Sobre a ocupaçÃo da casa: aquele que nÃo possui cÔnjuge deverÃ aceitar morar com outro idoso do mesmo sexo, uma vez que cada casa possui espaço para duas pessoas. Por questÕes de adaptaçÃo e compatibilidade, em um primeiro momento deverÃo ser ocupadas todas as casas vazias, mesmo que seja apenas, com um morador e, em seguida, de acordo com a entrada de moradores, as moradias que possuÍrem apenas um morador, deverÃo ser completadas.

Os moradores tambÃm nÃo poderÃo criar animais domÉsticos e em relaçÃo a visitas de familiares, estes sÓ poderÃo permanecer nas residÃncias, como visitantes, pelo perÍodo mÃximo de 5 dias e finalmente, os moradores nÃo poderÃo ingerir bebidas alcoÓlicas.

#### **4.5 OUTRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A INSTITUIÇÃO**

É importante enfatizar que todos os idosos residentes no condomÍnio Vila Vida tÃm o direito de ir e vir, todos possuem as chaves de suas casas, bem como da entrada do condomÍnio. TÃm o direito de receber visitas de qualquer pessoa, desde que esta permaneça na residÃncia pelo perÍodo mÃximo de 5 dias.

Os idosos residentes no condomínio não têm obrigação de realizar nenhuma das atividades que lhes são oferecidas. Quando participam das mesmas, o fazem de livre e espontânea vontade. Alguns dos idosos optam por não participarem de nenhuma atividade, outros participam de algumas e outros de todas, sendo que as mulheres aderem mais à participação que os homens. Isto também se deve ao fato de as atividades oferecidas atenderem, em grande maioria, às especificidades da clientela feminina.

*"Não há vida sem morte, como não há morte sem vida, mas há também uma morte em vida. E a morte em vida é exatamente a vida proibida de ser vivida." (Freire, 1975, p. 201)*

## **V AS POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO**

Neste momento, procuraremos trazer alguns apontamentos sobre a realidade investigada. O desdobramento de nosso texto desenvolve-se mediante as observações objetivas da realidade. Na intenção de não perder o sentido da totalidade, nossa análise se faz entrelaçada às ações desenvolvidas pelo grupo.

Nossa reflexão iniciou-se no ano de 1998, data em que foi implantado o Projeto PAI, cujo diagnóstico amplo nos possibilitou o estabelecimento de diretrizes, que nortearam o trabalho.

### **5.1 COMO SURTIU A NECESSIDADE DE INTERVIR NO PROJETO?**

A necessidade surgiu a partir de reflexões estabelecidas junto ao trabalho que estava sendo desenvolvido no projeto PAI- Projeto de Atendimento ao Idoso. Para melhor compreensão de nossa proposta, teremos que contar um pouco de nossa história, que se iniciou no ano de 1998: em agosto deste ano, o curso de Educação Física do CAJ-UFG, implantou no Condomínio Vila Vida o Projeto de Atendimento ao Idoso. Dentre outros locais existentes no município, esta instituição foi eleita por oferecer uma estrutura física adequada ao trabalho a ser realizado e por ser aberto à comunidade do município. Todos os idosos da cidade podem participar das atividades oferecidas ao condomínio.

Na ocasião da implantação do projeto, residiam cerca de 30 moradores no condomínio, nem todos participavam das atividades físicas, e a adesão foi um dos passos mais difíceis a serem conquistados pelo nosso projeto. Apesar do espaço ser aberto à comunidade, eram poucas as pessoas que participavam das atividades oferecidas pelo condomínio.

Em contato com os idosos, nossa primeira atitude foi fazer um levantamento da experiência motora destes indivíduos, através de conversas informais sobre as atividades

realizadas por eles no seu dia-dia, investigando se gostavam de fazer alguma atividade física. A maioria demonstrou não ter acesso a atividades físicas; dentre as mais realizadas por eles, podemos citar a caminhada e a dança ( esta de forma esporádica).

Nosso objetivo era resgatar o maior número de dados, no intuito de dar início ao nosso planejamento, pois acreditávamos na necessidade de identificação das atividades com as vivências destes indivíduos.

Iniciamos nosso planejamento, procurando adequar nossas atividades à vivência motora dos idosos. A caminhada foi ponto central em nossos planejamentos iniciais, uma vez que a grande maioria gostava de caminhar. Porém sabíamos da importância de se aumentar o repertório motor destas pessoas, até mesmo no sentido de oferecer maior autonomia a elas. Aos poucos fomos acrescentando outras atividades: ginástica, natação, hidroginástica, jogos e dança, atividades estas que fizeram parte de nosso programa nos anos de 1998, 1999 e 2000.

As atividades oferecidas eram sempre realizadas dentro dos limites do condomínio. Nestes três anos de convívio com os idosos, e trabalhando na coordenação do projeto, fomos levantando alguns pontos de reflexão importantes como:

- o distanciamento do condomínio do centro da cidade muitas vezes dificulta o deslocamento dos idosos até os espaços e equipamentos de lazer;
- o tempo dos idosos no condomínio é ocupado apenas por atividades oferecidas pela instituição: costura, bordado atividades físicas e de atividades dentro do lar tais como assistir à televisão, limpar casa, cuidar do jardim e lavar roupas;
- em nossas verificações, não pudemos deixar de observar que, apesar de o condomínio ser um espaço aberto, no qual moradores e pessoas da comunidade possuem livre trânsito, este processo de deslocamento não ocorre;
- as experiências de lazer dos idosos baseavam-se apenas nas atividades oferecidas dentro das dependências do condomínio;
- as atividades oferecidas pelo projeto PAI se restringiam às dependências do condomínio, com exceção de um passeio turístico realizado durante o ano.

Estas observações nos levaram a refletir sobre o nosso trabalho e as contribuições que o mesmo oferecia ao desenvolvimento dos idosos. Verificamos que, a

partir do momento em que as atividades se limitavam ao espaço do Condomínio, estávamos contribuindo para o isolamento dos idosos e restringindo-lhes as oportunidades de aprendizagem, experiências e as possibilidades de desenvolvimento. Passamos a verificar a necessidade de oferecer uma maior contribuição ao desenvolvimento destas pessoas, através de atividades que permitissem novas aprendizagens e habilidades que não faziam parte de seu cotidiano. Desta reflexão surgiu a necessidade de intervirmos na realidade presente através de experiências de lazer que levassem os idosos a ultrapassar as dependências do condomínio, não de forma a ultrapassar simplesmente barreiras físicas, mas também barreiras culturais.

Nosso contato com os idosos, através do Projeto PAI, nos fez compreender esta fase da vida não como um período de declínio, de doenças, mas uma etapa de grande desenvolvimento, no qual a experiência de vida propicia novos conhecimentos. Os idosos possuem um grande potencial, com possibilidades de exploração. Partindo desta compreensão, nossa análise em relação aos idosos foi, então, orientada pela perspectiva de desenvolvimento contínuo da pessoa ao longo da sua vida.

Deve se considerar o idoso, um ser inacabado, conceito já discutido anteriormente, com possibilidades de desenvolvimento, não apenas um ser passivo, receptor de informações, mas um agente e não só objeto do processo educativo. *“Os idosos não são aprendizes passivos, mas podem contribuir ativamente para seu próprio aprendizado e, por extensão, para toda a sociedade.”* (Freire apud Silva, 1999, p.14.)

Considerando, então, os idosos seres inacabados com potencialidades de aprendizagem, nosso desafio foi o de intervir de forma a contribuir no desenvolvimento pessoal e social destas pessoas. Entendendo o lazer como um processo amplo, que ocorre nas diversas instâncias da vida social, elegemos o mesmo para contribuir nesta continuidade do desenvolvimento dos idosos. O entendimento de lazer, presente em nosso trabalho, não perpassou apenas por uma ocupação do tempo livre, uma simples organização temporal e espacial de determinadas atividades ou uma simples fonte momentânea de prazer, pois sabemos que o lazer, visto apenas sob o aspecto de fonte de satisfação momentânea, desconsidera as potencialidades de desenvolvimento existentes no mesmo. Nossa intenção não é negar o divertimento e o descanso, partes essenciais do lazer, mas sim

ênfatizar uma dimensão menos considerada do lazer, a de desenvolvimento proporcionado às pessoas.

Nosso entendimento de lazer visou contribuir para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos. Neste sentido, entendemos ser o lazer e a educação concepções inseparáveis, fundamentais neste processo e, uma vez que, em toda aprendizagem, conquistamos interesses que contribuem na vida das pessoas como um todo. Ambos, lazer e educação, se encontram em uma mesma vertente: o desenvolvimento humano. Neste sentido, o lazer se fez presente nesse trabalho como fonte de desenvolvimento humano, concebendo a educação não como um período da vida, mas uma construção contínua da pessoa humana, dos seus saberes e aptidões, da sua capacidade de discernir e agir.

O lazer possui características específicas de grande contribuição para o desenvolvimento humano, cuja principal característica é a liberdade. Em se tratando do indivíduo idoso, esta liberdade, ao mesmo tempo que lhe é oferecida, lhe é negada. A aposentadoria abre a possibilidade de uma liberdade falseada na qual o indivíduo se livra do trabalho e, por vezes, de obrigações sociais e políticas. Entretanto, sua liberdade é restringida pela discriminação, pelos estereótipos e crenças sociais, os quais geralmente supervalorizam as perdas, as incapacidades, as restrições e o declínio, sem considerarem a possibilidade de ocorrência de ganhos evolutivos em relação à idade.

Não podemos esquecer que esta liberdade de escolha, muitas vezes, é limitada pelo próprio idoso, que se exclui da oportunidade de acesso ao lazer, impondo-se limitações. Isto se deve a uma série de valores internalizados ao longo da vida; o principal deles são os valores do trabalho, que se tornam uma barreira contra a aprendizagem dos valores do lazer ou contra a liberdade do lazer. Devemos também levar em consideração que o idoso viveu sobre uma série de pressões sociais, de regras de comportamento “*em todas as sociedades humanas funcionam algum tipo de moderação social e individual.*” (Elias e Dunning, 1992, p.85). Estes valores, preconceitos e estereótipos internalizados conduzem os idosos a se afastarem das atividades de lazer ou limitam-lhes a liberdade de escolha, privando-os da liberdade de utilizar o lazer para seu desenvolvimento.

O lazer vem no sentido de proporcionar uma igualdade de direitos, entendendo que todos devem possuir a oportunidade de experimentar uma variedade de destrezas que contribuirão para seu desenvolvimento. Desta forma, se faz necessário aprender a ser livre:

o lazer tem o intuito não de direcionamento que se opõe à liberdade, mas busca formas de ensinar a ser livre, levando cada um a tomar consciência de si próprio e do meio ambiente que o rodeia e a desempenhar o papel social que lhe cabe enquanto cidadão.

Enxergando o lazer como instrumento de desenvolvimento dos idosos traçamos algumas diretrizes:

- diversificar os interesses culturais do lazer, possibilitando aos sujeitos a apreensão de novas experiências e novos interesse em relação ao lazer;
- proporcionar meios e condições aos sujeitos envolvidos para que tenham condições de refletir, através das atividades realizadas, sobre suas atuais condições de vida, sobre os seus direitos e deveres de cidadão;
- identificar as possibilidades de lazer que tenham correlação com interesses dos idosos;
- conscientizar estes sobre as oportunidade de lazer existentes no município;
- ensinar aos idosos conhecimentos e habilidades que sirvam de base para o desenvolvimento de novas afinidades, satisfações, gostos.
- proporcionar aos idosos conhecimentos em relação ao lazer que possibilitem a liberdade de escolha;

Estabelecer metas tais como as mencionadas acima, não se constitui numa tarefa difícil; o mais complexo é conseguir a concretização das mesmas e, para tal, nos pusemos a refletir a respeito das metas estabelecidas, fazendo um paralelo com a nossa realidade:

Como identificar possibilidade de lazer de interesse pessoal em um grupo que possui poucas oportunidades de vivências de lazer durante sua vida?

Como conscientizar-se sobre oportunidade de lazer existente em um grupo de pessoas as quais dificilmente saem dos muros do condomínio, por isso, isoladas das oportunidades de lazer fora deste espaço?

Como oferecer aprendizagem de conhecimentos e habilidades que sirvam de base para o desenvolvimento de novas afinidades em um grupo que não possui uma ampla oportunidade de experienciar o lazer?

Como desenvolver a liberdade de escolha, uma das principais características do lazer, sem saber o quê e como escolher?

Não sabemos se conseguiremos responder todas estas questões, entretanto tais reflexões se fizeram necessárias no propósito de podermos avançar em nossos estudos. Estes questionamentos nos levaram a refletir que a experiência no lazer é resultado da educação oferecida a cada pessoa: o ser humano não nasce sabendo a respeito das atividades de lazer, da forma de usufruir destas e das habilidades necessárias para tal. Todas estas condutas dependem de um aprendizado. Só se é possível tomar consciência das oportunidades de lazer, através de um conhecimento da realidade, de uma aprendizagem preparatória para a realização de qualquer atividade de lazer. Esta reflexão nos conduziu a considerar que *"o próprio exercício do lazer será o melhor estímulo educativo para o próprio lazer"*. (Requixa 1974, p.81)

Neste sentido, a aprendizagem experimental surge como um caminho para que nossas metas possam ser atingidas. No lazer, a vivência se constitui numa meta fundamental, considerando que tudo aquilo apreendido pela experiência e apropriado pelo indivíduo será verdadeiramente conhecido.

*"Os valores e sentimentos dos indivíduos que estão implícitos em suas preferências por determinadas atividades de lazer em respeito as outras, podem ser exploradas através da aprendizagem experimental de uma gama de atividades de lazer que poderiam também estabelecer uma base para o desenvolvimento de futuras afinidades ou afeições"*. (Sivan, 2000, p.129).

Segundo ainda o mesmo autor, para se poder aplicar o princípio de liberdade de escolha, uma variedade de atividades deveria ser oferecida. Depois de haver provado várias atividades, os indivíduos podem decidir a atividade com a qual desejam comprometer-se, embasado em informação. *"a escolha, a opção, está diretamente ligada ao conhecimento das alternativas que o lazer oferece"*. (Marcellino, 1996a, p.17-18).

Pretendemos ampliar o conhecimento dos idosos, em relação aos conteúdos culturais de lazer, possibilitando-lhes um desenvolvimento pessoal, fundamentando em desafios que estão presentes na possibilidade de eles vivenciarem diferentes experiências.

Face às considerações de Iwanowicz (2000), tínhamos consciência de que a relação estabelecida entre o idoso e o lazer depende dos hábitos e comportamentos formados em relação ao lazer ao longo de sua vida, sendo, na maioria das vezes, de maior interesse para o idoso o acesso a atividades de lazer que guardem estreita relação com sua história de vida.

Sabemos da importância de os conteúdos do lazer estarem ligados às vivências acumuladas e aos interesses, levando-se em consideração a história de vida e o contexto social dos idosos. Entretanto, isto não significa que não seja de grande importância o acesso a outros conteúdos culturais do lazer, aos quais não se teve possibilidade de acesso na vida adulta, e muito menos que não se tenha condições de apreender estes conteúdos do lazer, desde que o mesmo, como sugere Iwanowicz (2000), não seja um lazer passivo e desprovido de relações socialmente significativas e criativas.

Desta forma, o lazer se fez presente em nossa intervenção, contribuindo, assim, para levar os idosos a se apropriarem de alguns conteúdos culturais do lazer, evitando o monoculturalismo, através da diversificação dos interesses culturais<sup>30</sup> e da aquisição de novos conhecimentos, que as alternativas de lazer podem oferecer. Fomos buscar estes conhecimentos através da aprendizagem experimental abordada anteriormente, explorando uma série de espaços de lazer existentes no município.

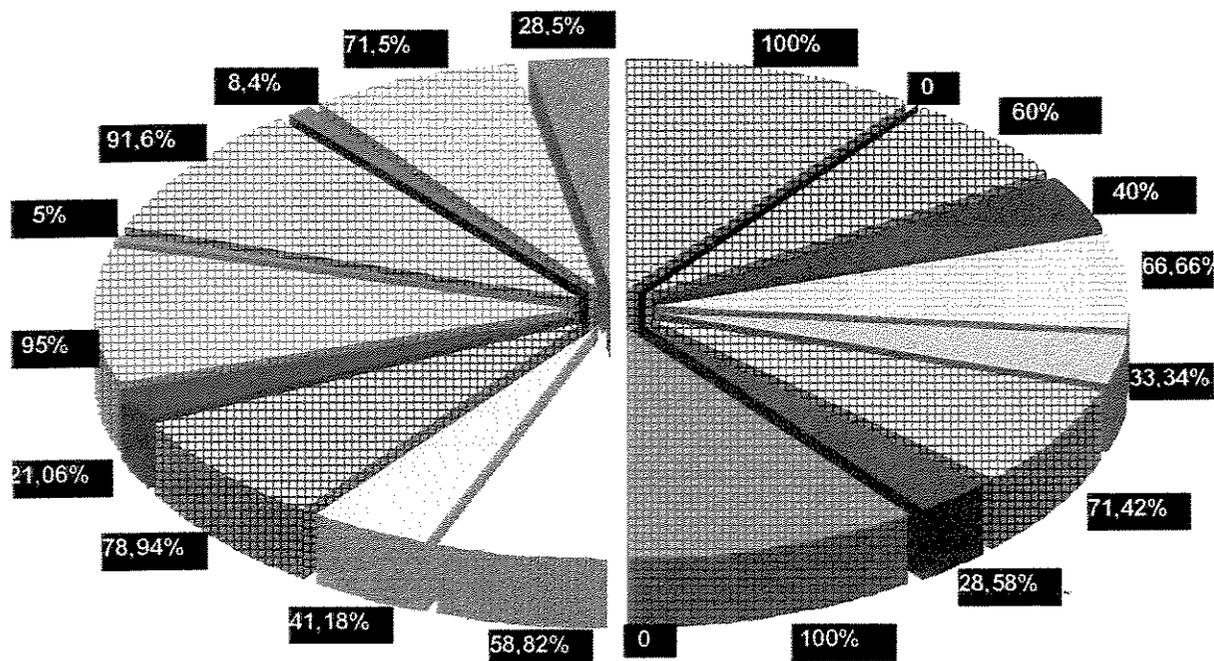
## **5.2 O LAZER: UMA POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÃO**

Exploramos, a princípio, diversos espaços de lazer existentes no município. A escolha dos locais ocorreu junto a todo o grupo envolvido na investigação, através do estabelecimento de um cronograma. Para melhor visualização, iremos representar os locais visitados através do seguinte gráfico.

---

<sup>30</sup> Marcellino (1983), afirma que o ideal seria que cada pessoa desenvolvesse sua ação no tempo disponível abrangendo os cinco grupos de interesse, ou seja, exercitando o corpo, a imaginação, o raciocínio, a habilidade manual e o relacionamento social.

Gráfico 2 DISTRIBUIÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS DE LAZER



**LEGENDA**

<i>Locais visitados</i>	<i>Já haviam visitado o local</i>	<i>Nunca estiveram no local antes</i>
Acampamento		
Clube Balneário		
Jataí Thermas Clube		
Ginásio		
Hotel Fazenda		
Lago Diacuí		
Museu Histórico		
Museu de Artes		
Pesque e Pague		
Praça da Catedral		

As informações presentes no gráfico nos permitem não apenas verificar os locais visitados mas também sentirmos a dimensão do problema do não conhecimento por parte dos idosos destes lugares. Das 10 localidades visitadas, duas eram de total desconhecimento de todo o grupo, e o restante a maioria não conhecia, com exceção de uma praça pública existente no município.

Para que pudéssemos realizar o deslocamento dos idosos aos espaços de lazer, foi necessário um ônibus, que nos foi cedido pela secretaria de Assistência Social da Prefeitura Municipal de Jataí.

A maioria dos locais se situava dentro dos limites do município. Apenas o Hotel Fazenda e o Acampamento eram de difícil acesso às pessoas da comunidade, em função da localização um pouco afastada do município.

No caso dos idosos, o acesso aos espaços de lazer é possível através do transporte coletivo. Apesar de estes locais serem de fácil acesso, o gráfico demonstra que grande parte dos idosos nunca os haviam visitado. Ao serem questionados sobre o motivo pelo qual não haviam utilizado aquele espaço de lazer, verificamos três barreiras: distância; falta de informação e isolamento social.

A distância foi um dos empecilhos abordados pelos idosos:

*“É longe, eu não agüento né, as pernas não dão conta”*(Sr<sup>a</sup>. Arnica Brasileira)<sup>31</sup>

*“Hoje a gente está velho, fica sem influência, é longe né, problemático das pernas”*(Sr. Agrião Bravo)<sup>32</sup>

*“Por causa da distância”*(Sr<sup>a</sup>. Doril)<sup>33</sup>

*“Quando morava perto todo dia fazia caminhada de manhã cedo, depois que vim para cá ficou longe ”* ( Sr. Chapéu-de-couro)<sup>34</sup>

<sup>31</sup> Vide anexo 1 figura 15, utilizada para representar idosa.

<sup>32</sup> Vide anexo 1 figura 17, utilizada para representar idoso.

<sup>33</sup> Vide anexo 1 figura 2, utilizada para representar idosa.

<sup>34</sup> Vide anexo 1 figura 7, utilizada para representar idoso.

*“ Já fiz muita caminhada, já morei lá perto. Não vou porque moro longe ” (Sr<sup>a</sup>. Agoniada)<sup>35</sup>*

Segundo Marcellino (1996), estamos passando por um processo de exclusão das camadas menos favorecidas da população as quais vêm sendo expulsas para a periferia, razão pela qual, na maioria das vezes, são afastadas dos serviços e dos equipamentos específicos de lazer. E os idosos do condomínio Vila Vida se encontram nesta mesma situação levando-se em consideração que o condomínio se localiza atualmente na periferia da cidade, por conseguinte, distante dos espaços e equipamentos de lazer. Além do distanciamento dos espaços de lazer, o transporte coletivo, que poderia ser utilizado para ir até estes locais, é muito desgastante para os idosos.

A falta de informação, em relação aos espaços de lazer, foi outra barreira por nós detectada, nitidamente, entre os moradores do condomínio. Segundo Bramante (1993), a falta de informação é um dos principais motivos da não participação das pessoas em atividades de lazer. Este fato foi notado por causa dos seguintes depoimentos:

*"Nunca ninguém me falou que tinha aquilo lá".(Sr<sup>a</sup>. Ipê Rosa)<sup>36</sup>*

*"Nem sabia que existia um lugar para pescar como aquele".(Sr<sup>a</sup>. Doril)*

*"Nem sabia que tinha, a gente anda pouco".(Sr. Agrião Bravo)*

*"Eu passava muito na porta daquele museu e não entrava lá. Parece que eu achava que as vezes não podia".(Sr<sup>a</sup> Agoniada)*

Estudos de Marcellino (1996) revelam que, mesmo aquelas cidades que contam com um razoável número de equipamentos de lazer, nem sempre têm seu uso otimizado, devido à falta de conhecimento do grande público, ou seja, pela divulgação insuficiente entre os próprios moradores, o que acontecia com a dos moradores do condomínio,

<sup>35</sup> Vide anexo 1 figura 13, utilizada para representar idosa.

<sup>36</sup> Vide anexo 1 figura 18, utilizada para representar idosa.

entretanto pudemos verificar que essa falta de informação estava diretamente ligada ao isolamento social do grupo:

*"A gente quase não sai do condomínio". (Sr<sup>a</sup>. Arnica Brasileira)*

*"É muito difícil a gente ir no centro da cidade"(Sr<sup>a</sup>. Ipeca)<sup>37</sup>*

*"Nem sabia que tinha, faz muito tempo que eu moro aqui, mas a gente anda pouco, não passeia, não passeio no comércio"*  
(Sr. Chapéu de Couro)

O isolamento do grupo faz com que ele deixe de enxergar as possibilidades de lazer existentes no município. Este isolamento não se deve apenas dos idosos, que têm grande parcela de culpa, mas também à sociedade, ao deixar transparecer os estereótipos existentes em relação ao envelhecimento.

Nas diversas situações de lazer, tivemos uma transcendência da atividade de lazer em si, o que levou os idosos a pensar em sua condição de isolamento social. A experiência de lazer permitiu aos idosos uma tomada de consciência da condição de isolamento social na qual estavam imersos. E o lazer é uma possibilidade de alteração desta situação. Para Libâneo (1991), o isolamento social tem sido a consequência mais freqüente nos grupos que não se atualizam e não participam.

O lazer trouxe o convívio com outras pessoas, abrindo portas aos idosos para novos conhecimentos e trazendo-lhes novos canais de comunicação entre as pessoas de várias gerações. O relacionamento social é de grande importância para os idosos. Por essa razão, as atividades de lazer minimizam as perdas sociais, podendo ser um canal para a socialização das pessoas, de forma que um contato social positivo pode contribuir para uma vida satisfatória que desenvolva modos inovadores de integrar os idosos em diferentes entornos sociais com indivíduos, cujas necessidades são diferentes.

---

<sup>37</sup> Vide anexo 1 figura 14, utilizada para representar idosa.

Um relato descritivo de nossa intervenção, neste momento, é de extrema importância. Pretendemos não ser repetitivos, todavia, a descrição é essencial para melhor visualizar a forma pela qual a intervenção se procedeu.

Não iremos relatar a respeito de todos os espaços de lazer por nós explorado. Selecionamos aqueles que geraram maior impacto sobre o grupo, e que nos permitiram tratar de alguns temas relevantes para o desenvolvimento do grupo envolvido na investigação:

- a necessidade de **sair dos muros do condomínio** para manutenção de um relacionamento social com outros grupos de pessoas;
- a necessidade de reflexão crítica dos espaços de lazer através de indivíduos que saiam de um estado de **acomodação para integração**;
- descoberta do potencial que todos nós temos tanto para **aprender** quanto para **ensinar** novos conhecimentos;
- enfrentamento dos **desafios** que nos apresentam diariamente como **possibilidades de desenvolvimento**.

### **5.2.1 Nosso passeio começa: para além dos muros do condomínio Clube Balneário Brasnipo**

Para além dos muros do condomínio, tivemos um idoso às vezes tímido, às vezes acanhado e às vezes desafiador. Tratamos de encorajá-lo numa variedade de experiências em um contexto no qual a idade se tornava insignificante.

Sair dos muros do condomínio representava um desafio para alguns dos idosos; muitos deles raramente se ausentavam do condomínio, a não ser para receberem a aposentadoria e fazerem compras de alimentos, uma vez no mês. É claro que exceções existem: temos idosos que passeiam, vão aos bailes nos finais de semana, gostam de dançar, entretanto não são a maioria. Neste primeiro passeio, verificamos o receio de alguns idosos de se ausentarem do condomínio, preferindo não acompanharem o passeio. Diziam estarem indispostos para saírem de casa, criando, assim, uma série de barreiras, a fim de

não se afastarem do condomínio; entretanto, grande número de pessoas acompanhou o trajeto.

Ao chegarmos no clube, inicialmente todos se mostraram acanhados, sem saberem para onde ir e procurando manterem proximidade uns dos outros. Verificamos que a maioria deles nunca havia visitado um clube e, conseqüentemente, não tinham idéia de como agir dentro das dependências de um. Dois dos idosos eram sócios do clube, como dependentes dos filhos, entretanto não o freqüentavam há vários anos.

Aos poucos fomos mostrando as dependências do clube e a forma de adentrar em cada uma delas; todavia, mesmo assim, poucos deles se sentiram à vontade. Apenas quatro idosos ousaram ir à piscina, os demais preferiram manter-se reunidos, observando o clube. Estes permaneceram atentos a todos os detalhes: água, plantas, árvores e pássaros. Nada escapou-lhes aos olhos atentos.

### **Lago Diacui<sup>38</sup>**

Como no primeiro passeio, neste segundo, alguns idosos ainda se mostraram um pouco receosos para saírem do condomínio, entretanto a adesão deles foi um pouco maior do que no anterior. Verificamos que os idosos, participantes do primeiro passeio, viram o mesmo de forma positiva, incentivando os demais, que não haviam participado, a nos acompanharem, e aos poucos o grupo foi aumentando. Entretanto, ao chegarmos no Lago, grande maioria se mostrou à vontade: o local não lhes parecia estranho. Dispersaram-se pelo espaço com muita segurança. Esta liberdade com este local se deve ao fato de a maioria já o conhecer.

---

<sup>38</sup> Vide Anexo 10, figura 2

## 5.2.2 Próxima parada: da acomodação à integração Praça da Catedral<sup>39</sup>

Para Rechia (2001), as praças são um espaço alternativo que possibilita vivências múltiplas aos indivíduos. Segundo a autora, as experiências corporais possíveis no cotidiano das pessoas, em praças, se mostram bastante amplas, o que pode possibilitar a apreensão de vários sentidos nas mesmas, as quais demonstram um espaço alternativo. Concordamos com as argumentações da autora, contudo acreditamos que estes espaços devem estar adequados às necessidades da população. No caso da praça visitada por nós, esta parecia muito longe de atender ao interesse dos idosos ali presentes.

Neste passeio, os idosos verificaram a possibilidade de refletirem sobre a realidade na qual vivem. No início do passeio, estavam um tanto tímidos: olhavam o espaço, os equipamentos presentes no local, mas não se identificavam. Os idosos detectaram que aquele espaço deveria ser alterado de forma a contribuir com suas realizações pessoais. Neste momento, nos reportamos novamente a Freire (1980), para dizer que o homem não é acomodação e sim integração. No ato mesmo de responder aos desafios que lhe apresenta seu contexto de vida, o homem se cria, se realiza como sujeito, porque esta resposta exige dele reflexão, crítica, intervenção, eleição, organização e ação. Todas essas coisas, criadas pelas pessoas, é que fazem delas seres humanos, não somente “adaptados” à realidade e aos outros, mas também “integrados”. Verificamos através do relato dos idosos um sair da acomodação para a integração para a reflexão.

*“Bom, lá eu achei muito bom o passeio na praça, mas lá está faltando alguns bancos de frente na praça, alguns arvoredo assim, no banco, porque depois que aquelas árvore forma, faz uma sombra maravilhosa nos banco”.* (Sr. Mentrasto)<sup>40</sup>

*“Uai, aquilo ali que eu achei que faltou foi tipo uma sombrinha para ficar mais à vontade, né?”* (Sr<sup>a</sup>. Doril)

*“Se plantasse umas árvores para fazer sombra era melhor, né?”* (Sr<sup>a</sup>.Cânfora de Jardim)<sup>41</sup>.

<sup>39</sup> Vide Anexo 11, figura 1

<sup>40</sup> Vide anexo 1 figura 1, utilizada para representar idoso.

<sup>41</sup> Vide anexo 1 figura 4, utilizada para representar idosa.

*"Água nos canteiros , está tudo seco, como fica aquele mata depois que passa água né?" (Sr. Cajueiro)<sup>42</sup>*

*"Árvores para fazer mais sombras e a praça ficar mais bonita" (Sr<sup>a</sup> Andiroba)<sup>43</sup>*

*"Ah, eu acho que aquela praça ali precisa de arborização, uma praça limpa demais" (Sr. Carqueja)<sup>44</sup>*

*"Eu queria que eles fizessem um jardim bem bonito" (Sr<sup>a</sup> Seringueira)<sup>45</sup>*

*"Está faltando banco, não vi banco lá".(Sr<sup>a</sup> Jambú)<sup>46</sup>*

Se em um primeiro momento tínhamos um idoso tímido, acanhado e calado, agora temos um outro quadro: um idoso que observa, analisa, ousa e critica. Visualiza-se, assim, a facilidade que estas situações oferecem a este ser para estabelecer uma nova forma de relações consigo, com o outro e com o mundo que o rodeia, por meio de uma sensibilização e reflexão sobre o meio no qual vive. O desenvolvimento pessoal e social, através do lazer, permite ao sujeito a apropriação de conhecimentos que ampliem sua visão a respeito do contexto sócio-político cultural em que vive, aumentando sua sensibilidade crítica e criativa.

Transformamos o passeio ocorrido na praça em um mural repleto de desenhos<sup>47</sup> realizados pelos idosos. Cada um deles representou, em forma de desenho, o que gostaria de mudar ou melhorar na praça. O lazer aqui realizado significou muito mais que um simples passeio: trouxe a possibilidade de aquisição de conhecimentos necessários para a reivindicação de direitos. O lazer é um poderoso instrumento através do qual as pessoas podem reivindicar seu direito de participação social. Esta atividade levou os idosos a refletirem a respeito do papel dos poderes públicos, que têm o dever de assegurar a dignidade do cidadão idoso. Concordando com Marcellino (2001), vemos o lazer, um instrumento, gerado historicamente na nossa sociedade e que dela emerge, podendo, na sua vivência, gerar também , no plano cultural, valores questionadores da própria ordem estabelecida.

---

<sup>42</sup> Vide anexo 1 figura 3, utilizada para representar idoso.

<sup>43</sup> Vide anexo 1 figura 19, utilizada para representar idosa.

<sup>44</sup> Vide anexo 1 figura 5, utilizada para representar idoso.

<sup>45</sup> Vide anexo 1 figura 9, utilizada para representar idoso.

<sup>46</sup> Vide anexo 1 figura 16, utilizada para representar idosa.

<sup>47</sup> Vide Anexo 12

### 5.2.3 Nosso passeio não para por aqui: lembranças do passado, a possibilidade de aprender e ensinar.

#### Museu Histórico de Jataí e Museu de Artes Contemporânea de Jataí<sup>48</sup>

No Museu Histórico de Jataí, havia uma exposição de objetos antigos: tear, carro de boi, etc. e no Museu de Artes Contemporânea havia uma exposição de telas com temas diversificados.

Diferente dos outros locais, no museu os idosos se sentiram em casa, bem à vontade, principalmente por se identificarem com os objetos presentes na exposição. Contaram histórias de seu passado, explicaram para os colegas a forma de utilização de certos instrumentos de seu conhecimento. A riqueza de informações ali presentes foi muito grande.

Os locais que trazem lembranças do passado chamam a atenção dos idosos. Então verificou-se uma maior atenção aos objetos e imagens que relembavam o passado, o que serviu de motivação para trazerem velhas lembranças à tona. Os idosos contaram histórias de suas vidas, lembranças que pareciam muito importantes para eles. Podemos detectar isto em alguns dos relatos a seguir:

*"tudo foi importante, recordei do tempo que eu fiava, fiei muito, depois entreguei minha roda e meu par de alicate para minha filha guardar de lembrança para meus netos, porque quando eles nascer, crescer não vão saber o que é isso, né?"*  
(Sr<sup>a</sup> Doril)

*"o que me trouxe recordação foi aquele carro de boi. Meu Deus!"* (Sr. Murici)<sup>49</sup>

*"bateu uma saudade de fiar na roda, de descarçoçar no descarçoçador, né? De ver fiar com os panos para tecer. Foi bom demais".* (Sr<sup>a</sup>. Açai)<sup>50</sup>

*"ah, porque é que hoje eu achei bom porque ...as ferramentas que a gente vê, das mulher do tempo antigo que elas trabalhava a gente vê o boi, o carro de boi lá no salão*

<sup>48</sup> Não obtivemos permissão para fotografar e nem filmar ambas as exposições, portanto fotografamos apenas por fora das dependências dos museus, Vide Anexo 11, figuras 2 e 3.

<sup>49</sup> Vide anexo 1 figura 6, utilizada para representar idoso.

<sup>50</sup> Vide anexo 1 figura 8, utilizada para representar idoso.

*guardado, é uma boa que a gente traz com aquela recordação do nosso tempinho bom que já passou”* (Sr. Mentrasto)

*“...muitas ferramentas, muito processo de trabalhar que tinha no tempo antigo, que a gente vendo é uma diversão, uma satisfação só de ver aquele processo, aquelas ferramentas das mulheres trabalharem”* (Sr. Mentrasto)

*“ me recordou o tempo de eu menina. O tempo de eu tear, de roda, carro de boi, né? Tudo recorda o tempo de menina”.* (Sr<sup>a</sup> Cãnfora de Jardim)

*“o que mais gostei lá, foi o carro de boi, aquilo me deu muita recordação, andei muito com carro de boi. Recordação né”.* (Sr. Chapéu-de-couro)

*“então como eu to dizendo, eu mostrei lá na turma o carro de boi, que eu mexi com aquilo, o azeitero do chifre de gado que é para por graxa, pra engrazar o carro lá no eixo, a catadeira, os novos não sabem o que é aquilo”.* (Sr. Jaborandi)<sup>51</sup>

Os idosos não se eram simples receptores de conhecimentos, mas, em diversos momentos, se tornaram mestres, repassando suas experiências aos companheiros; entretanto, percebemos que muitas vezes este processo se dava de forma inconsciente. Pudemos analisar, a seguir, que tinham consciência das possibilidades de aprendizagem presentes naquela experiência de lazer, no entanto, não se encontram no papel de repassadores destes conhecimentos.

Nos relatos dos idosos, um ponto positivo do passeio foi a aquisição de novos saberes, bem como a abertura de novas possibilidades de trocas de conhecimento entre as pessoas.

*“ha, eu aprendi muitas coisas boas, coisas que eu nunca tinha visto, fiquei sabendo. Agora tem muita coisa para contar para os outros”.* (Sr<sup>a</sup> Açaí)

*“Aqueles móveis, fotos, tudo o que tinha lá, dos índios”* (Sr<sup>a</sup> Arnica)<sup>52</sup>

*“as fotos, os índios, as pedras, é muito lindo aquilo lá...”* (Sr<sup>a</sup> Quebra-pedra)<sup>53</sup>

*“vi aquelas estátuas tão bonitas, aquelas formas dos índios, que eu nunca tinha ido lá, eu estou impressionada com aquilo. Eu quero levar meu velho lá...”* (Sr<sup>a</sup>. Quebra-pedra)

<sup>51</sup> Vide anexo 1 figura 12, utilizada para representar idoso.

<sup>52</sup> Vide anexo 1 figura 10, utilizada para representar idosa.

<sup>53</sup> Vide anexo 1 figura 11, utilizada para representar idosa.

Verificamos, através do relato desta idosa, a chance do repasse de conhecimento para outras pessoas ocorrer. O conhecimento adquirido por estas pessoas nas experiências de lazer não param, podendo se tornar uma teia, estendendo-se a filhos, netos e amigos. À medida que o conhecimento apreendido a respeito do lazer é repassado, novas pessoas poderão ser instigadas a buscarem os conteúdos culturais do lazer.

Não somente aprendizes, mas mestre é cada um dos idosos, revelando-nos muitos conhecimentos a nos repassarem. Neste espaço de lazer, ocorreram permanentes interações nas quais, todos ensinaram, aprenderam, reaprenderam, produzindo ações e saberes. O lazer passou a ser uma possibilidade de apropriação ou recriação de saberes.

#### **5.2.4 O desafio como possibilidade de desenvolvimento.**

##### **Acampamento<sup>54</sup>**

Dois dias antes do passeio, todos estavam dispostos a ir ao acampamento, porém, no dia, a maioria ficou receosa e preferiu não nos acompanhar. Tendo isto em vista, tivemos um número reduzido de participantes neste passeio, apenas oito pessoas. Verificamos que o maior motivo de resistência foi o de terem que pernoitar no local. O fato de saírem de casa, dormirem em um colchão no chão, irem para um local um pouco mais afastado da cidade não agradou muito os idosos. Entretanto os participantes deste passeio relataram que foi o passeio de que mais gostaram.

O lazer aqui se apresentou como um desafio muito grande, e nem todos estavam preparados para alterar sua rotina e enfrentar este stress. No entanto os idosos que se viram dispostos a romper com a rotina a encarar um desafio entraram em um outro patamar de desenvolvimento, provocado pela ruptura do equilíbrio. Optar por ir ao passeio foi um desafio, foi testar seus próprios limites. Tal fator abre portas para o idoso desafiar não só no lazer mas em todos os momentos de sua vida, proporcionando-lhes auto-confiança, autonomia e maior liberdade. Tivemos um desenvolvimento oriundo de desafios que, por

---

<sup>54</sup> Vide Anexo 13

sua vez, surgiram da liberdade de experimentar. O lazer possibilitou ao idoso a descoberta de si mesmo, o autoconhecimento para poder reconhecer suas potencialidades.

Após as diversas experiências de lazer, realizamos três ciclos de estudos, nos quais foram possível refletir sobre as experiências de lazer pelas quais havíamos passado. Inicialmente, a troca de idéias e a abertura do diálogo foi um passo muito difícil, considerando que a maioria das pessoas possuem predisposição a serem receptores-passivos, produto de um sistema educacional que funciona com base na transmissão de informações. Verificamos que, nos momentos de lazer, o acesso ao diálogo foi mais fácil. A informalidade presente no lazer proporciona uma maior abertura aos indivíduos.

### **5.3 CICLOS DE ESTUDOS**

Os ciclos de estudos foram três reuniões realizadas junto a todo grupo envolvido na pesquisa. Nestas reuniões foram colocados em pauta os problemas que estavam sendo encontrados durante o processo de investigação, traçadas estratégias para esclarecer os problemas, estipulando quais ações eram necessárias para isto. Contudo o ponto de maior discussão nos ciclos de estudos era a avaliação do processo de investigação, presente na fala da maioria dos idosos.

#### **5.3.1 Ciclo de estudos 1**

Neste momento fizemos uma análise das atividades realizadas, dos conhecimentos adquiridos e levantamos metas para aquisição de novos conhecimentos. Dois pontos relevantes foram explicitados pelos idosos: o primeiro foi a possibilidade de, através das experiências de lazer, refletirem sobre suas condições de vida, seus direitos e deveres. Durante as discussões deixaram claro que estavam acomodados e, por vezes, nem

percebiam o quanto estavam se isolando dentro do condomínio. As experiências fora do condomínio os levaram a acordar para a vida.

O segundo ponto a ser destacado diz respeito à redução de barreiras para participação no lazer. Algumas barreiras que não eram de nosso conhecimento, neste momento de diálogos, foram reveladas pelos idosos como superadas. Os idosos detectaram vários fatores os quais anteriormente eram obstáculos para o acesso aos locais de lazer existentes no município; hoje já não o são. Verificamos que a aprendizagem experimental foi fundamental, no que diz respeito a amenizar os empecilhos presentes em relação à participação no lazer, a mudanças de valores e abertura de novos valores.

Uma das barreiras para experienciar o lazer dizia respeito aos estereótipos existentes em torno do envelhecimento: o idoso é, na maioria das vezes, considerado inapto para diversos aspectos da vida social, dentre eles o lazer. Os idosos perceberam que possuem condições para adentrarem não só em experiências de lazer, mas também em qualquer esfera da vida social da qual alguns estavam afastados.

O acesso a diversas experiências de lazer fez emergir uma **alteração de valores** em relação ao lazer, uma vez que consideravam cada experiência de grande relevância para sua realização pessoal e para a aquisição de conhecimentos temos uma redefinição de valores e atribuição de novos significados ao lazer:

*"Não pensei que a gente aprendia tanta coisa num passeio".  
(Sr<sup>a</sup> Açaí).*

*"No início eu não sabia se queria participar, mas hoje sei que é importante e que a gente ganha muito conhecimento".(Sr. Agrião Bravo).*

*"Tive experiências das coisas que não tive condição de ver antes".(Sr<sup>a</sup> Arnica).*

Entretanto, para que ocorra a internalização de outros valores, se faz necessária uma abertura do indivíduo para receber novas informações, ou seja, ele deve estar disposto a realmente compreender novos valores.

Verificamos que este processo é lento, uma vez que trata de internalizar novos conhecimentos, mudar valores e padrões, superar estereótipos, alterar a conduta dos

indivíduos. Estas mudanças devem atingir não somente o indivíduo, mas todo o grupo. Lewin (2001) aborda este processo reeducacional em que o indivíduo, ao desenvolver-se na cultura em que se encontra, vai adquirindo o sistema de valores e o conjunto de fatos que mais tarde irão governar o pensamento e a cultura. *“o processo reeducativo tem de realizar uma tarefa que equivale essencialmente a uma mudança de cultura”* (Lewin, 2001,p.199).

*. "Descobrimos o caminho, como chegar ao local, como é o acesso, se paga ou não, como entra" (Srª Arnica)*  
*"agora eu aprendi o caminho de eu ir, vou voltar sempre" (Srª. Agoniada)*  
*"bem eu não conhecia e fiquei conhecendo os locais" (Sr. Mentrasto)*  
*"eu agora aprendi o lugar onde que é" (Srª. Agoniada)*

Estes relatos nos mostram que só é possível participar e gostar daquilo que se conhece. As falas dos idosos demonstram que estas experiências abriram portas para novos interesses em relação ao lazer. Insistimos em repetir que o ser humano não nasce sabendo usufruir de experiências de lazer, é necessário o aprendizado.

### 5.3.2 Ciclo de estudos 2 e 3

Nestes dois ciclos de estudos revemos as filmagens dos passeios. Rever os conhecimentos adquiridos gerou uma nova reflexão. *“Promovendo a percepção da percepção anterior e o conhecimento do conhecimento anterior, a descodificação, desta forma, promove o surgimento de nova percepção e o desenvolvimento de novo conhecimento”* (Freire, 1975, p.129). Esta nova percepção e os novos conhecimentos adquiridos se prolongam durante toda intervenção norteando um processo educativo que poderá se estender por toda a vida dos indivíduos.

Dois pontos foram relevantes nestes dois ciclos: a abertura para a liberdade de escolha e as possibilidades de desenvolvimento pessoal através do lazer. O aprendizado

abre portas para a **liberdade de escolha**, "*aprendi a vontade de ir outra vez*" (Sr<sup>a</sup>. Ipeca). A liberdade de escolha está diretamente ligada às possibilidades de opção que o indivíduo possui. Como verificamos no gráfico 2 deste trabalho, os idosos não conheciam as alternativas de lazer existentes no município. Uma das características das atividades de lazer é a possibilidade de se poder fazer escolhas, mas o poder de escolha está diretamente ligado ao conhecimento sobre as alternativas de lazer. E este conhecimento só irá se fundir através de um aprendizado que esclareça o significado do lazer e sua importância para o desenvolvimento dos indivíduos. Incentivar a participação no lazer é fundamental para que as pessoas tenham condições de escolher com clareza as experiências pelas quais desejam passar e quais delas devem fazer parte de suas realizações pessoais.

*"Mas, para tanto, é necessário que essas mesmas pessoas conheçam as atividades que satisfaçam os vários interesses, sejam estimuladas a participar e recebam um mínimo de orientação que lhes permita a opção. Em outras palavras, a escolha, a opção, em termos de conteúdo, está diretamente ligada ao conhecimento das alternativas que o lazer oferece".(Marcellino, 1987, p. 122).*

O segundo ponto diz respeito às possibilidades de **desenvolvimento pessoal**. O desenvolvimento desta série de atividades geraram pressões externas nos indivíduos, que ocasionou neles uma situação de desequilíbrio, fazendo-os se sentirem pressionados a tomarem decisões, a refletirem, a discutirem, a optarem e a escolherem, fatores importantes no crescimento pessoal dos idosos. Assim sendo, a situação de desafio, encontrada nas atividades de lazer, colocaram os idosos em desequilíbrio e em conseqüente desenvolvimento.

Gadotti, (1998) explicita que, o homem só avança a partir do momento em que arrisca, que assume o risco de desequilibrar-se. Agir de forma a romper com o equilíbrio do homem é um ato pedagógico transformador, considerando que estaremos impulsionado o homem para a frente. "*O lazer proporciona a possibilidade de levar a cabo uma ação dialética: estabilizando a integração como resposta ao desequilíbrio e fomentando a experimentação como resposta a estabilidade*" (Kleiber, 2000, p.66). O lazer vem trazendo

situações desconhecidas para a vida dos indivíduos. Uma situação estranha pode ser temerosa de forma que o indivíduo nem sempre sabe o modo de agir diante de determinadas situações e como enfrentá-las. É justamente este estado de desequilíbrio que gera a aquisição de novos conhecimentos e conseqüentemente o desenvolvimento. O lazer é um grande aliado no que diz respeito ao oferecimento de novos campos de conhecimento, de vencer os próprios limites. Proporciona o desvendamento de campos desconhecidos, o rompimento de barreiras e resistências interiores.

Elias e Dunning (1992) também ressaltam a respeito do desafio, presente nas atividades de lazer, abordando a respeito da relação entre lazer, risco e prazer. Segundo eles, as atividades recreativas entram na aceitação de algum tipo de risco. Tendem a desafiar a estreita regulamentação da rotinizada vida das pessoas. Este lazer, que gera desafio na vida dos idosos, contribuiu para o desenvolvimento dos indivíduos, uma vez que colocou os mesmos em um estado de desequilíbrio e frente ao desconhecido, ao lidarem com sensações que fogem de sua vida cotidiana. Ainda os mesmos autores relatam:

*“...nas ocupações recreativas, sentimentos aparentemente antagônicos tais como o medo e o prazer, não só não se opõem como são pares inseparáveis de um processo de gozo recreativo; pois as satisfações que o lazer proporciona só podem ser conceitualizadas como processos. O desafio permite aprendizagem nas quais entram em cena os conhecimentos de suas emoções dos próprios limites das possibilidades de ir além, um auto controle.” (Elias e Dunning, 1992, p.134)*

A possibilidade de vencer seus próprios limites permitiu aos idosos romperem com certas barreiras, estereótipos e valores. Perceberam a possibilidade de explicitarem seu potencial humano, evitando a idéia de declínio dessas potencialidades, proporcionando-lhes o desenvolvimento de novos conhecimentos; novas expectativas e capacidade de criticarem certos valores e crenças que possuíam. As pessoas voltaram a assumir outros aspectos de suas vidas, com uma nova perspectiva, um novo repertório de interesses ou destrezas, um

sentimento diferente de si mesmo e uma visão diferente do futuro, buscando um outro estágio de conhecimento e o estabelecimento de novas metas.

Novos projetos se fizeram presentes na vida destas pessoas. Para onde vamos amanhã, como vai ser? O que vamos levar? Mostraram-se mais abertos a ocuparem seu tempo de diferentes maneiras, em diferentes lugares, com diferentes pessoas, rompendo com o cotidiano.

As declarações dos idosos expressam uma perda progressiva do medo, uma aquisição gradual de autoconfiança e uma possibilidade de continuarem uma vida ativa, estabelecendo marcas e mudanças pelo caminho percorrido. Seus relatos demonstram a coragem para enfrentarem o novo, de viverem o diferente, de se permitirem a evocação de um desejo.

Idosos e idosas permitem-se, paulatinamente, enfrentar o medo da participação, da reivindicação por espaços a serem ocupados, abrindo um nova relação consigo e com os outros. Perceberam que o envelhecimento não se constitui em um empecilho. Assim podem fazer planos e irem em busca de suas concretizações.

A oportunidade de experienciarem diversos locais de lazer fez com que os idosos se abrissem para novas expectativas, que lhes foram fechadas ao longo de suas vidas, permitindo-lhes, assim, novas aprendizagens que os levaram a compreender que todos têm a capacidade de se engajar em novas buscas, de se mudarem, de forma a melhorar suas vidas, de fazerem novas conquistas. Todavia eles revelam que, para que esta aprendizagem se dê, é necessário que todos tenham oportunidades da mesma forma que eles tiveram. É justamente deste impulso inicial que as pessoas precisam para que se sintam responsáveis por darem prosseguimento ao seu desenvolvimento. Portanto, para que o desenvolvimento pessoal e social ocorram no lazer, é necessário democratizá-lo, oferecendo bens culturais do lazer, recursos e espaços disponíveis para o lazer dentro da realidade em que se vive.

## DISCUSSÃO

Parte de nossas discussões foram construídas ao longo do texto produzido. Entretanto, uma última reflexão se faz necessária. Para isto, iremos recorrer à introdução deste trabalho, procurando retomar as inquietações que nortearam o processo de investigação na construção do mesmo.

As idéias básicas que sustentaram a presente pesquisa foram a do desenvolvimento humano como sendo inacabado e a do lazer, como possibilidade de contribuir para o desenvolvimento pessoal e social da pessoa idosa.

Chegamos ao final deste trabalho, insistindo no fato de que o desenvolvimento humano é inacabado, uma vez que tivemos um desenvolvimento advindo de trocas e experiências que ocorreram por meio do lazer.

No que se refere ao desenvolvimento pessoal, salientamos que o indivíduo, através da prática de atividades de lazer, conseguiu adquirir novos conhecimentos, que lhe permitiram uma compreensão diferente daquela que teve, até então, a respeito de determinados conceitos e valores. Essa compreensão diferente poderá impulsionar esse indivíduo a uma nova forma de agir mediante novos conhecimentos e aprendizagens. As atividades de lazer fomentam novas atitudes em face da sociedade, ao mesmo tempo, suscitando o desenvolvimento pessoal.

Quando falamos em desenvolvimento social, podemos salientar que as experiências de lazer trouxeram uma melhoria na capacidade dos indivíduos para lidarem com problemas teóricos e práticos que o meio lhes impõe. Um fator de importância foi a compreensão de suas posições no grupo, na comunidade e na sociedade em geral.

Sabemos que não ocorreram grandes transformações, mas, parcialmente, algumas conclusões em relação ao processo de intervenção podem ser apontadas. Dentre elas destacamos:

- um maior conhecimento em relação aos espaços de lazer existentes no município de Jataí.

- a aquisição de novas experiências de lazer com conseqüente apreensão de outros conteúdos e interesses, gerando afinidades para com algumas experiências de lazer;
- a manifestação de reflexões no que diz respeito à responsabilidade e ao compromisso do indivíduo e dele com a comunidade;
- a aquisição de valores diversos em relação ao lazer, o que ajuda a desmistificar as conotações negativas em relação ao mesmo, contribuindo com uma imagem diferente do lazer, fundamentado nas possibilidades de aquisição de conhecimentos e aprendizagens do indivíduo;
- uma maior liberdade de escolha em relação ao lazer;
- condições de identificar as atividades que atendam aos interesses dos indivíduos, que lhes tragam maior satisfação e contribuam com seu desenvolvimento.

Além destes fatores ressaltados, sabemos que nosso trabalho trouxe ganhos significativos no que se refere a uma melhoria da auto-confiança, do auto-conceito, da auto-imagem e também, quanto à aquisição de uma maior autonomia por parte dos idosos. Todavia, não seremos ingênuos em acreditar que houve mudanças drásticas nos comportamentos dos mesmos, uma vez que não sabemos qual será a repercussão do trabalho realizado de agora em diante. E temos ciência de que conhecimentos, hábitos, comportamentos, valores e cultura, internalizados ao longo de 60 anos, não se alteram do dia para a noite e nem mesmo com um ano de trabalho. Temos que considerar que os idosos que vivem no início deste século XXI passaram por uma educação fortemente influenciada pelos valores do trabalho, vivendo em uma época em que começava a imperar em nossa sociedade a chamada civilização capitalista.

Os valores internalizados nesta época, sobretudo os do trabalho, geram uma atitude de desconhecimento de outras dimensões do ser humano, sobretudo das possibilidades de vivência do lazer. Além disso, existe uma série de preconceitos em relação ao lazer, no qual o mesmo é muitas vezes considerado banal, improdutivo, desimportante, inútil e nocivo.

Verificamos que alguns destes preconceitos começaram a ser quebrados mediante a introdução de novos valores, nos quais o lazer começou a ganhar mais ênfase na vida dos sujeitos. Contudo, alguns idosos ainda possuíam dificuldade de usufruir de atividades de lazer. Esta dificuldade que alguns dos idosos manifestaram de se entregarem ao lazer nos fez refletir a respeito da necessidade de uma educação para e pelo lazer, que contemple todas as fases da vida da pessoa. Para que tenhamos uma sociedade que desfrute dos valores oferecidos pelo lazer, é necessário que o mesmo faça parte integral de todas as etapas da educação formal e informal.

Entretanto, levando-se em consideração que a escola constitui a principal instituição de socialização de conhecimento e que é comum em todas as sociedades, a mesma tem um papel fundamental na educação para e pelo lazer: o de proporcionar um aprendizado ativo, com experiências diversificadas na área de lazer, as quais propiciem a aquisição de habilidades e conhecimento diversificados que viabilizem a formação de diferentes estilos de vida e que estimulem novas atitudes, novas condutas, maior autonomia e maior conhecimento em relação ao lazer.

O lazer pode ser considerado como uma semente: se for plantada em solo fértil, adequadamente adubada e regada, irá resultar em uma planta, cujos frutos serão a possibilidade de uma geração com valores diferenciados daqueles encontrados na sociedade atual. O resultado do processo educativo, no âmbito do lazer, transcende em muito o próprio lazer. Ele exerce influência em todas as dimensões da vida. Para além de uma educação para e pelo lazer, talvez também fosse necessário que existisse, desde a infância, uma educação voltada para uma maior compreensão a respeito do envelhecimento para que, futuramente, as pessoas compreendam a velhice como uma etapa natural do processo de desenvolvimento humano, sem medos e preconceitos.

É necessário lembrar que este processo educacional requer um profissional capacitado que compreenda o lazer, enquanto instrumento de desenvolvimento humano, destinado a todos os indivíduos de todas as faixas etárias. Profissional comprometido com o processo de construção do saber e que compreenda o lazer como um direito social e uma possibilidade de produção cultural.

A educação para e pelo lazer deve visar à acessibilidade dos serviços de lazer, à aprendizagem por toda a vida, à participação social, à diminuição dos obstáculos, à inclusão

de todos os grupos multiculturais, socioculturais e marginalizados, grupos segundo gênero, idade, habilidade e outros da sociedade, desenvolvendo um sentido de cidadania na comunidade. Todavia, o que ainda encontramos são idosos sendo excluídos dos espaços de lazer, ou a segregação dos mesmos através da criação de grupos isolados.

Nossa sociedade ainda possui características de uma forma de organização social, marcada pela homogeneização dos grupos, e aqueles que não se encaixam dentro das características destes grupos são muitas vezes considerados como estranhos, desconhecidos. Todo sistema que estabelece princípios classificatórios hierarquizantes e divisionistas introduz automaticamente condições para que apareçam os excluídos e os marginalizados. E aqueles que não se adequam aos padrões de normalidade impostos pela sociedade são mantidos afastados desta. Esse afastamento é crescente junto a grupos de idosos: ultimamente estamos encontrando um aumento de conjuntos residenciais ou condomínios fechados destinados à moradia de idosos. Geralmente estas instituições se localizam em regiões periféricas da cidade, como é o caso da instituição onde os sujeitos dessa pesquisa residem. Este afastamento das instituições que abrigam idosos contribui ainda mais para uma visão preconceituosa do grupo, além de afastar o mesmo do acesso à informação, ao lazer e à cultura.

O condomínio Vila Vida, no qual os sujeitos dessa pesquisa residem, traz características diferenciadas de uma instituição asilar, uma vez que os idosos têm o direito de entrar e sair do condomínio quando desejam, têm sua vida independente dentro de suas casas, são responsáveis pela preparação de sua alimentação e pelos cuidados com sua saúde. Pode verificar-se que existe toda uma pressão institucional através de diversas normas estabelecidas. Estas não permitem que os idosos se sintam em seus lares, uma vez que não lhes é permitida a criação de animais, a visita de pessoas em suas residências por mais de uma semana; caso o idoso seja solteiro, deve se sujeitar a morar com outro. Outro fator que nos chama atenção é que, apesar de o condomínio ser aberto para que a sociedade idosa o freqüente, isto não ocorre. Verificamos que, perante a sociedade, o condomínio possui uma conotação de asilo.

A sociedade, com sua cultura de exclusão e afastamento, participa de uma cumplicidade social silenciosa, levando o idoso a um isolamento que retira suas possibilidades de experimentar, de aprender. Ao minimizar as possibilidades de

relacionamento dos idosos com seu ambiente e com outras pessoas, está-se retirando também suas chances de viver. Encontramos tanto uma organização institucional como uma pressão da sociedade na consideração deste espaço como asilo.

Não podemos negar que muitos idosos preferem viver nestas comunidades, ao invés de terem que enfrentar uma sociedade excludente: é uma auto-defesa criada pelos mesmos. Será que eles não se excluem antes que a sociedade o faça? Neri (1999) faz alusão a este respeito abordando que os motivos que conduzem à criação das comunidades de idosos são os mesmos que levam à formação de comunidades de outros grupos em diferentes faixas etárias, por exemplo, a ameaça exterior, a homogeneidade, a interdependência. As identidades, criadas no interior dessas comunidades, como em outras de faixas etárias distintas, são uma forma ativa de rejeição a um conjunto de valores que acaba por colocar certos setores nos degraus mais baixos da hierarquia social. Se, no caso dos idosos, é a idade cronológica que estabelece um elo entre os residentes, isso passa a ser irrelevante para definir o status da pessoa na experiência comunitária.

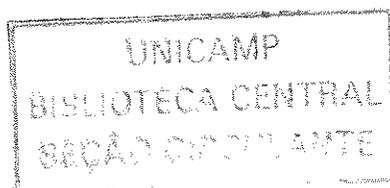
Seja culpa da sociedade, que segrega o idoso, seja do idoso que se isola, o fato é que qualquer forma de isolamento traz conseqüências marcantes para o desenvolvimento humano. Separar os idosos em grupos isolados é uma forma de segregar, isolar, conviver apenas entre iguais. Não adianta igualar as pessoas para que as diferenças não apareçam. Como relata Freire (1989), quem é igual não tem o que trocar; é necessário que as diferenças existam, elas são importantes no processo de troca entre os seres humanos. Não são as pessoas que devem se igualar. *"As relações os direitos, as oportunidades é que têm que ser iguais, não os gestos, os comportamento, os pensamentos, as opiniões"*. (Freire, 1989, p. 206)

Sendo assim, não adianta criar asilos, condomínios, clubes, universidades para idosos, o que devemos criar são direitos iguais, oferecendo aos idosos uma aposentadoria digna que lhes permita viver merecidamente no ambiente social que sempre freqüentaram. Quando falamos em direitos iguais, o lazer está incluído neste, uma vez que pode ser um instrumento que carrega consigo um auto potencial educativo contribuindo assim para o desenvolvimento das pessoas.

Ao invés de termos clubes da terceira idade, baile da terceira idade, bingos, deveríamos criar espaços abertos que permitissem o convívio entre pessoas de diversas

idades e classes sociais, com atividades adequadas para distintas idades, sem criar separação de centros específicos. O afastamento entre as gerações faz com que se perca a possibilidade de descoberta, de novos conhecimentos e experiências.

Os mecanismos que segregam e que integram os homens são construídos historicamente pelos próprios homens em uma relação dinâmica e histórica, sendo assim podemos alterar o curso desta história.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa nossa caminhada encontramos várias pedras no caminho, tropeçamos, caímos, mas levantamos, porque sempre tivemos quem nos estendesse a mão. Não galgamos este caminho sozinhos, uma vez que este trabalho é fruto de um esforço conjunto, ao qual inúmeras pessoas deram suas contribuições.

Este último instante não se caracteriza como um momento de trazer conclusões ou como resultados de nossas investigações, isto porque acreditamos que, no decorrer de todo o trabalho, já apresentamos dados conclusivos que dizem respeito ao nosso objeto de estudo. Não temos a pretensão de considerar este trabalho acabado, mas de talvez trazer algumas reflexões, com o objetivo de discutir e analisar algumas arestas deixadas em aberto durante o estudo.

Nossa pesquisa traz indicativos de que o lazer pode ser um instrumento auxiliar no desenvolvimento de pessoas idosas. Mas, para que se possa contribuir neste processo de desenvolvimento, em um primeiro momento, foi necessário compreender o envelhecimento como uma realidade heterogênea - que pode ser alterada de acordo com variáveis de gênero, etnia, classe social, condições de saúde e experiências pessoais -, podendo, em determinados contextos, ser uma etapa que traz novos ganhos e experiências às pessoas alterando, assim, decisivamente seu processo de desenvolvimento.

É importante ressaltar que os resultados obtidos só se concretizaram porque o grupo envolvido na investigação esteve aberto a novas experiências, desafios e aprendizagens que envolviam as relações dos indivíduos consigo e com outras pessoas do grupo

Quando falamos que o lazer, no contexto desta pesquisa, mostrou ser uma fonte favorável ao desenvolvimento humano, não temos a intenção de generalizar os dados obtidos a toda uma população de idosos, uma vez que esta investigação foi realizada com idosos saudáveis e com idades não muito avançadas. Além do mais, como verificamos no quarto capítulo desta pesquisa, trabalhamos com uma população de certa forma uniformizada. Uma vez que as regras do condomínio não permitem a moradia de idosos físicos ou mentalmente dependentes, encontramos aí uma contradição: a exclusão dos já excluídos. É

complicado pensarmos que, além de os idosos serem excluídos dentro de um contexto social amplo, ainda encontram exclusão dentro das próprias comunidades que abrigam apenas pessoas idosas. Temos que levar em consideração, também, que o condomínio, não possui estrutura física, atendimento médico e pessoas especializadas para atendimento adequado das pessoas idosas com necessidades especiais.

Por termos o lazer como um dos focos centrais de nosso trabalho, talvez possamos ter dado margem à interpretação de que o lazer é o único responsável pelo desenvolvimento humano; contudo, estamos cientes de que não podemos ser negligentes em falar do desenvolvimento humano, referindo-nos apenas ao lazer, considerando o mesmo, o único responsável por este processo. Há de se convir que o lazer não é um receptáculo separado na vida do homem. Este desenvolvimento, na verdade, depende de um conjunto de fatores: acesso digno à educação, à saúde, à moradia e à alimentação.

Entretanto, devemos entender que o lazer possui suas especificidades que devem ser respeitadas e preservadas. Para que os indivíduos reconheçam as especificidades do lazer e a importância deste em suas vidas deve-se buscar uma ação coordenada do governo, das organizações não governamentais, da indústria, das instituições educacionais e dos meios de comunicação. Logo todos estes segmentos da sociedade devem:

- entender o lazer como uma necessidade humana;
- levar em consideração as mudanças sociais, econômicas, políticas e de comunicação na geração de oportunidades de lazer;
- fazer com que a educação para e pelo lazer esteja presente nos diferentes âmbitos da sociedade. Por exemplo: escolas, trabalho, associações, clubes e meios de comunicação.
- entender e respeitar a diversidade étnica e cultural da sociedade e a hora de planejar os serviços de educação para o lazer;
- proporcionar uma aprendizagem a respeito do lazer durante todo o ciclo da vida humana.
- procurar favorecer o acesso ao lazer, visando minimizar as barreiras e otimizar o acesso aos serviços de lazer.

Não podemos esquecer que qualquer ação que contribua com o desenvolvimento, conduz a uma ação sistemática permanente, que pode manifestar-se tanto

em um indivíduo como na sociedade. As pessoas não vivem isoladamente, portanto, qualquer processo de desenvolvimento que atinja um indivíduo irá conseqüentemente se estender a seus familiares, à comunidade e à sociedade, constituindo-se num processo ativo que não ocorre só individualmente ou só com um grupo específico. Levando este fator em consideração, o conhecimento do lazer deve ser um objetivo da sociedade, uma vez que o desenvolvimento da mesma depende, entre outros fatores, do desenvolvimento pessoal de seus membros.

Na busca da compreensão do papel do lazer no desenvolvimento de pessoas idosas, ainda nos encontramos embrenhada em um emaranhado de perguntas e inquietações, o que nos faz refletir sobre a importância da continuidade dos estudos sobre este tema, que, com certeza, não se esgotará nesta pesquisa, uma vez que não só o homem é inacabado, mas também o conhecimento produzido por ele.

Partindo da premissa de que o conhecimento é um processo inacabado, temos a convicção de que reflexões críticas, contestações e contribuições surgirão, e todas estas críticas serão bem vindas à medida que tragam contribuições e reflexões para o entendimento do conhecimento como um processo dinâmico. Aliás, se o conhecimento fosse estático, não haveria a necessidade de estarmos construindo este trabalho.

Gostaríamos neste momento do trabalho de nos reportarmos a Demo (1989, p. 13-14), "*(...) este trabalho deve ser entendido como convite à discussão, dentro do reconhecimento de que só pode ser respeitado como científico aquilo que se mantiver discutível*".

E, para encerrá-lo, faz sentido extrapolarmos a citação acima lembrando que estamos construindo idéias, sistematizando-as, porém numa relação como que em simbiose com os sonhos e intervenções provocados por sentimentos, anseios e desejos, difíceis de serem mensurados, mas também determinantes no processo de desenvolvimento educacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, José Júlio Gavião de. *Ação educativa do espetáculo esportivo*. 1990. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação. UNIMEP, Piracicaba, 1990.

ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drummond. Uma nova velhice se apresenta, o exemplo da universidade do tempo livre de Rennes. *Anais do IX ENAREL*. UFMG- Belo Horizonte, 1997. p 347-356.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BARROSO, M.J.L.R. O desafio do envelhecimento no nordeste. *A terceira idade*. São Paulo, SESC, Ano 4 nº 4, p.36-42. Julho, 1998.

BASTOS, Fábio da Purificação de. *Pesquisa-ação emancipatória e prática educacional dialógica em ciências naturais*. 1995. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação da USP. São Paulo, 1995.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

BOURDIEU, Pierre. *Questions de sociologie*. Paris: Ed du Minuit, 1980

BRAMANTE, Antonio Carlos. Recreação e lazer: o futuro em nossas mãos. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). *Educação Física e esporte: perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus, 1993.

CABEZA, Manuel Cuenca. *Temas de pedagogía del ocio*. Universidade de Deusto Bilbao España: Artes Gráficas Rontegui, S.A L, 1995.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *O que é lazer*. 1.reimpressão São Paulo: Brasiliense, 1999.

\_\_\_\_\_. *Educação para o lazer*. São Paulo: Moderna, 1998.

CARVALHO FILHO, E. T; ALENCAR, Y.M.G. Teoria do envelhecimento. In: CARVALHO FILHO, E.T. (org.). *Geriatría: fundamentos, clínica, terapêutica*. São Paulo: Atheneu, 1994. p. 1-8.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1999a.

\_\_\_\_\_. A construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. In: NERI, Anita Liberalesso; \_\_\_\_\_ (orgs.). *Velhice e sociedade*. Campinas- SP: Papirus, 1999b. p.41-68.

\_\_\_\_\_. Terceira idade e solidariedade entre gerações. In: \_\_\_\_\_; GOLDSTEIN, Donna M. (orgs.). *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo: Sumaré, 2000. p. 301-317.

DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez, UNESCO, 1998.

DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1989.

DEPS, Vera Lúcia. Atividade e bem-estar psicológico na maturidade. In: NERI, Anita Liberalesso (org.) *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas-SP: Papirus, 1993. p.57-82.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *Itinerário de uma crise: a modernidade*. Curitiba: UFPR, 1997.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

\_\_\_\_\_. *Valores e conteúdos culturais do lazer*. São Paulo: SESC, 1980. SESC, 1999.

\_\_\_\_\_. *Sociologia empírica do lazer*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva-SESC, 1999.

ELIAS, Nobert; DUNNING, Eric. *Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1992.

FAURE, Edgar. *Aprender a ser*. 2.ed. São Paulo: Difusão Editorial do Livro, 1977.

FEATHERSTONE, Mike. O curso da vida: corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento. In: DEBERT, Grita Grin. (org.). *Antropologia e velhice- textos didáticos*. Campinas: IFCH/UNICAMP, nº 13, março de 1994. p. 49-71.

\_\_\_\_\_. Post bodies, aging and virtual seality. In: \_\_\_\_\_; WERNICK, Andrew (org.). *Images of aging: cultural representations of later life*. London: Routledge, 1995. p. 227-244.

\_\_\_\_\_. A velhice e o envelhecimento na pós- modernidade. *Terceira idade*. SESC, ano X, n. 14, p. 5-17, agosto de 1998.

\_\_\_\_\_; HEPWORTH, Mike. Envelhecimento, tecnologia e o curso da vida incorporado. Tradução de Giselle Grecco Ferreira. In: DEBERT, Guita Grin;

GOLDSTEIN, Donna M. (orgs.). *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo: Sumaré, 2000. p.109-132.

FREIRE, João Batista. *Educação de corpo inteiro*. São Paulo: Scipione, 1989.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

\_\_\_\_\_. *Educação como prática da liberdade*. 6.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

\_\_\_\_\_. *Conscientização: teoria e prática da libertação uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. Tradução de Kátia de Mello e Silva. 3.ed. São Paulo: Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_. *À sombra desta mangueira*. Olho d'água: São Paulo, 1995.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 8.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da praxis*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

GAJARDO, Marcela. Pesquisa participante: propostas e projetos. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GALLAHUE, David. L; OZMUN, John C. *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. Tradução de Maria Aparecida da S. Pereira Araújo. São Paulo: Phorte Editora, 2001.

GUEDES, Simone Lahud. *Uma visão antropológica das categorias de idade*. In: Sociedade de Geriatria e Gerontologia do Rio de Janeiro. *Caminhos do envelhecimento*. Rio de Janeiro: Revinter, 1994. p.7-10.

IWANOWICZ, J. Barbara. O lazer do idoso e o desenvolvimento prossocial. In: BRUHNS, Heloisa Turini (org.). *Temas sobre lazer*. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. p.101-129.

KLEIBER, Douglas A. Implicaciones del compromiso y la separación como experiencias de ócio relativas al desarrollo humano. In: CABEZA, Manuel Cuenca. *Ocio y desarrollo humano: propuestas para el 6º congreso mundial de ocio*. Universidad de Deusto Bilbao-España: Artes Gráficas Rontegui S. A L, 2000. p.65-74.

LENIOR, Remi. *Transformations des rapports entre générations et apparition du troisième*. Paris, EHESS, 1977, v1.

LEWIN, Kurt. Conduta, conhecimento e aceitação de novos valores. In: OLIVEIRA, Paulo de Salles (org. ) *O lúdico na cultura solidária*. São Paulo: Hucitec, 2001. p.197-208.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1991.

MACHADO, C.C. *Projeções multirregionais de população: o caso brasileiro (1980-2020)*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: Cedeplar, 1993.

MACHADO, Vilma de Fátima. *Sudoeste de Goiás: desenvolvimento desigual*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1996.

MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. *A invenção social da velhice*. Rio de Janeiro: Papagaio, 1989.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Lazer, um campo interdisciplinar de pesquisa. In: BRUHNS, Heloisa Turini; GUTIERREZ, Luíz Gustavo (orgs). *O corpo e o lúdico*. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. p.19-33.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e humanização*. 3.ed. Campinas, SP: Papyrus, 1983.

\_\_\_\_\_. *Lazer e educação*. Campinas: Papyrus, 1987.

\_\_\_\_\_, *Pedagogia da animação*. 2.ed. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

\_\_\_\_\_, *Estudos do lazer: uma introdução*. Campinas: Autores Associados, 1996a.

\_\_\_\_\_, *Políticas públicas setoriais de lazer: o papel das prefeituras*. Campinas, SP: Autores Associados, 1996b.

\_\_\_\_\_, Políticas de lazer: mercadores ou educadores? Os cínicos bobos da corte. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Lazer e esporte: políticas públicas*. Campinas, SP: Autores Associados, p. 5-29, 2001.

MARCUSE, Herbert. *Lá agressividade en la sociedade industrial avanzada*. Madrid: Alianza Editorial, 1971.

NERI, Anita Liberalesso. Qualidade de vida no adulto maduro: interpretações teóricas e evidências de pesquisa. In: \_\_\_\_\_ (org.) *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas-SP: Papyrus, 1993. p.9-55.

\_\_\_\_\_; FREIRE, Sueli Aparecida (orgs) *E por falar em boa velhice*. Campinas- SP: Papyrus, 2000.

\_\_\_\_\_, . O fruto dá sementes: processo de amadurecimento e envelhecimento. In: \_\_\_\_\_. *Maturidade e velhice: trajetórias individuais e socioculturais*. Campinas, SP: Papirus, 2001. p.11-52.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. *Vidas compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana*. São Paulo: Hucite, 1999.

OLIVERIA, Yeda Aparecida Duarte de. O lazer do idoso. In: RODRIGUES, Rosalina A. P; DIOGO, Maria José D. (orgs.). *Como cuidar dos idosos*. Campinas- SP: Papirus, 1996. p.113-119.

ORJUELA, Guillermo Maurício Acosta. O uso da televisão como fonte de informação sobre a velhice: fatos e implicações. In: NERI, Anita Liberlesso; DEBERT, Guita Grin (orgs.). *Velhice e sociedade*. Campinas, SP: Papirus, 1999. p.179-222.

PARKER, Stanley. *A sociologia do lazer*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p.69-84.

PEREIRA PINTO, José Eduardo Brasil. *Compêndio de plantas medicinais*. Lavras: UFLA-FAEPE, 2000.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. *Edgar Morim: a educação e a complexidade do ser e do saber*. 5 ed. Petrópolis RJ: Vozes, 1995.

QUEIROZ, José Ramos. Barreira à integração social do idoso. *A terceira idade*. São Paulo-SESC, Ano X nº18, p. 45-57, dezembro de 1999.

RECHIA, Simonte Espaço urbano: do controle à liberdade. In: BRUHNS, Eloisa Turini & GUTIERREZ, Luis Gustavo (orgs.). *Representações do lúdico: II ciclo de debates "lazer e motricidade"*. Campinas-SP: Autores Associados, 2001. p.123-135.

REQUIXA, Renato. O lazer e a civilização urbana. *Boletim de Intercâmbio*. Rio de Janeiro, SESC p. 63-95, dezembro, 1974.

\_\_\_\_\_. *Sugestões de diretrizes para um política nacional de lazer*. São Paulo: SESC, 1980.

SALGADO, Marcelo Antônio. *Velhice - uma nova questão social*. São Paulo: SESC, 1980.

SANTINI, Rita de Cássia Giraldi. *Dimensões do lazer e da recreação: questões espaciais, sociais e psicológicas*. São Paulo: Angelotti, 1993.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Hucitec, 1987.

SATTER, Almir; TEIXEIRA, Renato. *Tocando em frente*. (CD). Maria Bethânia. Rio de Janeiro: PolyGram, 1990.

SILVA, Edinete Beleza do Nascimento e; NERI, Anita Liberalesso. Questões geradas pela convivência com idosos: indicações para programas de suporte familiar. In: NERI, Anita Liberalesso (org.) *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas-SP: Papirus, 1993. p.213-236.

SILVA, Flávia Pereira. *Crenças em relação à velhice, bem-estar subjetivo e motivos para frequentar universidade da terceira idade*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, SP, 1999.

SIVAN, Atara. Cómo puede el ocio contribuir al desarrollo humano en el futuro inmediato? In: CABEZA, Manuel Cuenca (Ed.). *Ocio y desarrollo humano: propuestas para el 6º congreso mundial de ocio*. Universidad de Deusto Bilbao: Artes Gráficas Rotegui, S. A L, 2000. p.127-133.

SOUZA, Janísio Xavier de. *Educação pelo lazer: valores que envolvem a relação adulto-criança*. 1999 Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física da Unicamp. Campinas, SP, 1999.

TEDRICK, Raymond; McGUIRE, Francis. Envejecer en el país de Ulises: desarrollo humano y ocio. In: CABEZA, Manuel Cuenca. *Ocio y desarrollo humano: propuestas para el 6º Congreso Mundial del Ocio*. Universidad de Deusto Bilbao España: Artes Gráficas Rontegui, S.A L, 2000. p.165-171.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 10.ed. São Paulo: Cortez-Autores Associados, 2000.

ZUBEN, Newton Aquiles Von. Envelhecimento: metamorfose de sentido sob o significado da finitude. In: NERI, Anita Liberalesso (org.). *Maturidade e velhice: trajetórias individuais e socioculturais*. Campinas-SP: Papirus, 2001. p.151-182.

# ANEXOS

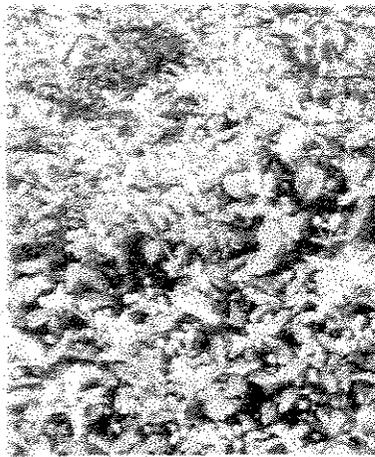
# **ANEXO 1**

FIGURA 1



5. *Ageratum conyzoides* L.

FIGURA 2



8. *Alternanthera brasiliana* L.

FIGURA 3



9. *Anacardium occidentale* L.

**AGERATUM CONYZOIDES L.**

**MENTRASTO**

**FAMÍLIA:** Asteraceae (Compositae)

**SINONÍMIA:** Camará opela, caatinga de barão, catinga de bode, erva de santa lúcia, erva de são joão, erva de são josé, erva maria, maria preta, picão roxo, são joão, mentraço, mentraz, mentruz.

**ORIGEM:** Centro Oeste e Sudeste do Brasil

**ALTERNANTHERA  
BRASILIANA KUNT**

**DORIL**

**FAMÍLIA:** Amaranthaceae

**SINONÍMIA:** Anador, melhoral.

**ORIGEM:** Brasil

**ANACARDIUM**

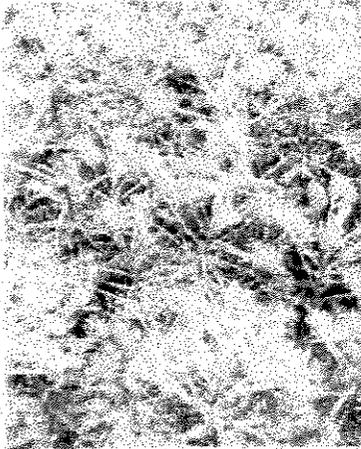
**OCCIDENTALIS L.**

**CAJUEIRO**

**FAMÍLIA:** Anacardiaceae

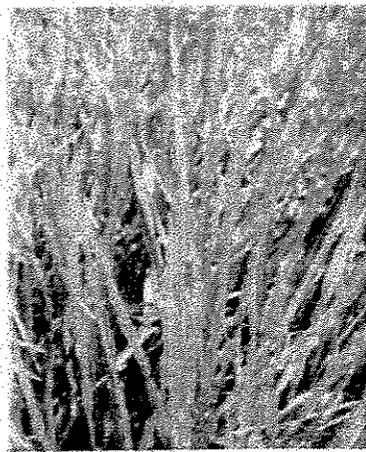
**SINONÍMIA:** acajú, cajú, anacardo.

**ORIGEM:** Amazônia Brasileira, Nordeste, cultivado em todo Brasil.



22. *Artemisia  
camphorata* L.

FIGURA5



25. *Baccharis  
trimera* (Less) DC.

FIGURA6



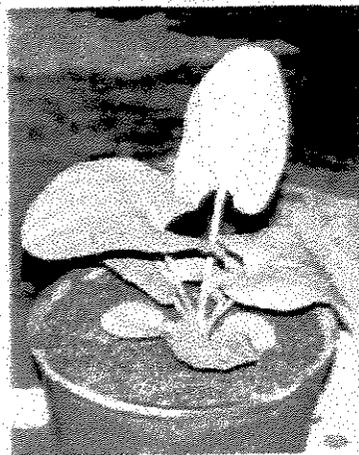
40. *Byrsonima spicata*  
(L.) DC.

**ARTEMISIA CANPHORATA**  
**CÂNFORA DE JARDIM**  
**FAMÍLIA:** Asteraceae  
**SINONÍMIA:** Cânfora  
**ORIGEM:** Centro Oeste do Brasil

**BACCHARIS TRIMERA (LESS) D.C.**  
**CARQUEJA**  
**FAMÍLIA:** Asteraceae ( Compositae)  
**SINONÍMIA:** Vassoura, cacaia amarga, tiririca-de-  
babado, bacanta, carqueja amargosa.  
**ORIGEM:** Brasil

**BYRSONIMA SPICATA (L.) DC**  
**MURUCI**  
**FAMÍLIA:** Malpighiaceae  
**SINONÍMIA:** pau de curtume  
**ORIGEM:** Em toda a região amaz

FIGURA 7



74. *Echinodorus macrophyllus* Mich.

**ECHINODORUS MACROPHYLLUS MICH  
CHAPÉU-DE-COURO**

**FAMÍLIA:** Alismataceae

**SINONÍMIA:** Chá-de-campanha, erva-de-bugre, erva-do-pântano, chá-de-mineiro, erva do brejo, aguapé, chá do pobre, congonha do brejo.

**ORIGEM:** Brasil

FIGURA 8



81. *Euterpe oleracea*  
Mart.

**EUTERPE OLERACEA MART.**

**AÇAI**

**FAMÍLIA:** Aracaceae (Palmae)

**SINONÍMIA:** açai, açai de Pará, açazeiro, assai, juçara, jiçara, piná, palmito, uassai.

**ORIGEM:** Pará, estuário do rio Amazônia, até o Baixo Amazonas, Maranhão. Tocantins. Amaná até a Bahia e Guiana Francesa.

FIGURA 9



89. *Hevea brasiliensis*  
Muell Arg.

**HEVEA BRASILIENSIS MUELL. ARG.**

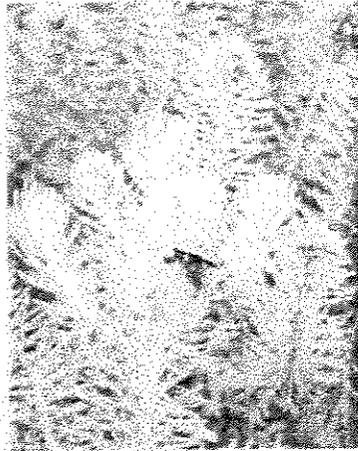
**SERINGUEIRA**

**FAMÍLIA:** Euphorbiaceae

**SINONÍMIA:** árvore da borracha, seringueira-legítima

**ORIGEM:** Amazônia

FIGURA 10



107. *Lychnophora pinaster* Mart.

**LYCHNOPHORA PINASTER MART.**

**ARNICA**

**FAMÍLIA:** Asteraceae (compositae)

**SINONÍMIA:** Arnica

**ORIGEM:** Brasil

FIGURA 11



137. *Phyllanthus niruri* L.

**PHYLLANTUS NIRURI L.**

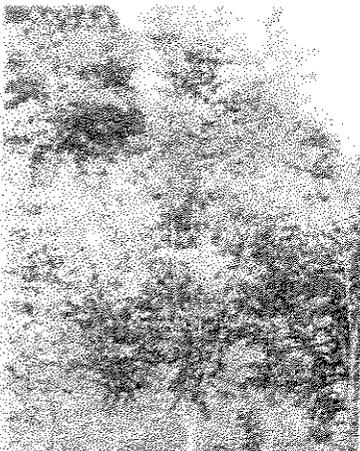
**QUEBRA PEDRA**

**FAMÍLIA:** Euphorbiaceae

**SINONÍMIA:** Arranca-pedra, Erva pombinha, Saxifraga, conami, arrebenta pedra, fura parede, erva pombinha do Ceará, saudade da mulher, saúde da mulher.

**ORIGEM:** América Tropical.

FIGURA 12



139. *Pilocarpus microphyllus* Stapf.

**PILOCARPUS MICROPHYLLUS STAPF**

**JABORANDI**

**FAMÍLIA:** Rutaceae

**SINONÍMIA:** Jaborandi-legítimo, Pilocarpus Jaborandi Holmes

**ORIGEM:** Norte e Nordeste do Brasil

FIGURA 13



146. *Plumeria lancifolia*  
M. Muller

**PLUMERIA LANCIFOLIA MULLER**

**AGONIADA**

**FAMÍLIA:** Apocynaceae

**SINONÍMIA:** Agonium, jasmim manga, quina mole, sucuúba, tapuoca, colonia.

**ORIGEM:** Brasil, regiões compreendidas entre Goiás e Rio Grande do Sul, principalmente na Serra do Mar.

FIGURA 14



152. *Psychotria ipecacuanha*  
(Bror.) Stokes

**PSYCHOTRIA IPECACUANHA (BROT.) STOKES**

**IPECA (IPECACUANHA)**

**FAMÍLIA:** Rubiaceae

**SINONÍMIA:** Ipecacuanha-anelada, poaia, ipeca, cipo-emético, pois verdadeira, poaia das boticas, raiz-do brasil

**ORIGEM:** Norte e Centro-Oeste do Brasil

FIGURA 15



169. *Solidago*  
*microglossa* DC.

**SOLIDAGO MICROGLOSSA D.C.**

**ARNICA BRASILEIRA**

**FAMÍLIA:** Asteraceae (compositae)

**SINONÍMIA:** Solidago, arnica silvestre, espiga de ouro, erva lanceta, macela miúda.

**ORIGEM:** Brasil.



171. *Spilanthes oleracea* L.

FIGURA 17



172. *Spilanthes acmella* Murr. Var. *Uliginosa*

FIGURA 18



178. *Tabebuia impetiginosa* Standley

**SPILANTHES OLERACEAL L.**

**JAMBÚ**

**FAMÍLIA:** Asteraceae (Compositae)

**SINONÍMIA:** Agrião-do-brasil, agrião-do-pará, jambú-açu, jamaburana, nhambú, botão de ouro.

**ORIGEM:** Na Amazônia, comumente no Estado do Pará

**SPILANTHES ACMELLA MURR. VAR. ULIGINOSA**

**AGRIÃO BRAVO**

**FAMÍLIA:** Asteraceae (Compositae)

**SINONÍMIA:** Agrião-da-ilha-de-frança, jambú-açu, Acmela

**ORGEM:** Brasil

**TABEBUIA IMPETIGINOSA (MART. EX A P DE**

**CANDOLLE) STANDLEY**

**IPÊ-ROSA**

**FAMÍLIA:** Bignoniaceae

**SINONÍMIA:** pau-d'arco-roxo

**ORIGEM:** Amazônia Brasileira, Nordeste até o Sul do Brasil



44. *Carapa guianensis*  
Aubl.

**CARAPA GUIANENSIS AUBI**

**ANDIROBA**

**FAMÍLIA:** Meliaceae

**SINONÍMIA:** aruba ou saruba, carape, andiroba branca, andiroba do igapó, andirava, carape, caropá, capapinha, comaçari, genriroba, iandiraba, jandiroba penaíba.

**ORIGEM:** toda Amazônia nas matas de várzeas ao longo dos rios e igarapés, América Central, América do Sul e Antilhas.

**FONTE:** Pereira Pinto (2000)

# **ANEXO 2**

## TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_

autorizo a minha participação no projeto de pesquisa de mestrado, realizado na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, pela pós- graduanda Minéia Carvalho Rodrigues.

Estou ciente que a pesquisa será realizada tanto nos espaços físicos da Instituição Vila Vida em Jataí (GO), quanto em espaços fora da mesma, contando com atividades diversas de lazer.

Fui informado (a) de que estas atividades serão filmadas e fotografadas e que a pesquisadora fará uso deste material fotográfico para anexar à dissertação, objetivando mostrar as etapas da pesquisa, bem como fará uso das filmagens para coleta de dados e para apresentação pública de sua pesquisa quando necessário.

Jataí, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2001

---

Assinatura do Participante

## TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_

autorizo a participação dos residentes da Instituição Vila Vida de Jataí (GO), no projeto de pesquisa de mestrado, realizado na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, pela pós- graduanda Minéia Carvalho Rodrigues.

Estou ciente que a pesquisa será realizada tanto nos espaços físicos da Instituição Vila Vida, quanto em espaços fora da mesma, contando com atividades diversas de lazer.

Fui informado (a) de que estas atividades serão filmadas e fotografadas e que a pesquisadora fará uso deste material fotográfico para anexar à dissertação, objetivando mostrar as etapas da pesquisa, bem como fará uso das filmagens para coleta de dados e para apresentação pública de sua pesquisa quando necessário.

Jataí, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2001

---

Assinatura do Responsável pela Instituição

## TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_

autorizo o uso do nome da Instituição Vila Vida de Jataí (GO), no Projeto de Pesquisa de Mestrado, realizado na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, pela pós- graduanda Minéia Carvalho Rodrigues.

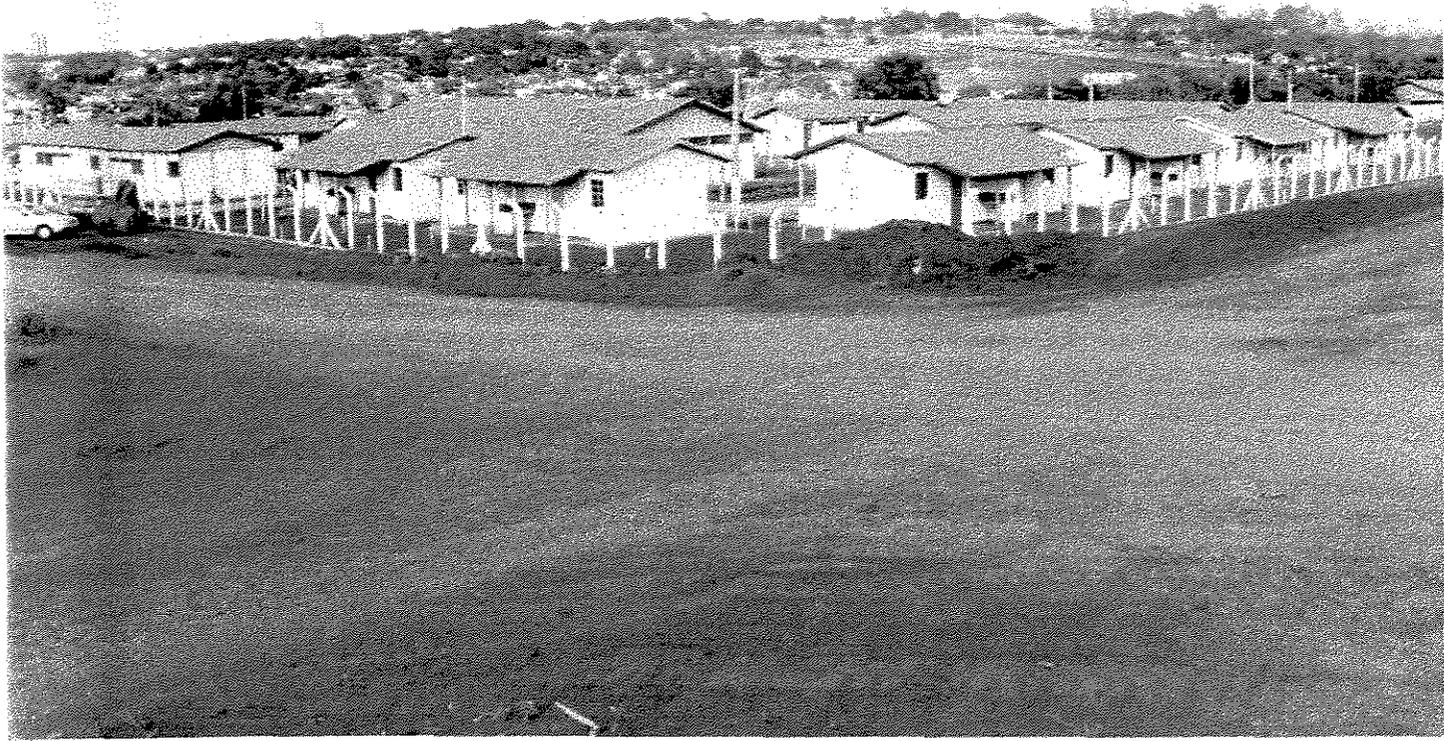
Fui informado (a) de que o nome da instituição será usado no decorrer de sua dissertação objetivando caracterizar a instituição bem como mostrar os dados coletados na pesquisa.

Jataí, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2001

---

Assinatura do Responsável pela Instituição

# **ANEXO 3**



# **ANEXO 4**

TERMO DE CESSÃO DE DIREITO E  
ADMINISTRAÇÃO QUE ENTRE SI  
CELEBRAM A ORGANIZAÇÃO DAS  
VOLUNTÁRIAS DE GOIÁS – OVG E A  
PREFEITURA MUNICIPAL DE JATAÍ,  
NA FORMA ABAIXO:

Aos 26 dia (s) do mês de novembro de 1998 (hum mil, novecentos e noventa e oito), no Gabinete a Presidente da ORGANIZAÇÃO DAS VOLUNTÁRIAS DE GOIÁS – OVG, instituição civil, dotada de personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos e de caráter filantrópico, devidamente inscrita no CGC/MF sob o nº 02.106.664/0001-65, com sede à Rua T-14 nº 249 – Setor Bueno, nesta Capital, doravante denominada simplesmente OVG, aqui representada por sua PRESIDENTE, D<sup>ª</sup> LILA MORAIS CÂNDIDO e por seu Coordenador Geral, Dr. JOSÉ CLÁUDIO PEREIRA CALDAS ROMERO, que será representado no ato pela Coordenadora Administrativa, D<sup>ª</sup> NICE HELENA VILELA PATO, brasileiros, residentes e domiciliados em Goiânia – GO, compareceu o Sr. HUMBERTO DE FREITAS MACHADO, DD. PREFEITO MUNICIPAL DA CIDADE DE JATAÍ, juntamente com a Sr<sup>ª</sup> SECRETÁRIA MUNICIPAL DE PROMOÇÃO E ASSISTÊNCIA SOCIAL, MARIA APARECIDA SOARES FERREIRA MACHADO, e disse que vinha assinar o TERMO DE CESSÃO DE DIREITO E ADMINISTRAÇÃO, mediante as Cláusulas e condições seguintes:

**CLÁUSULA PRIMEIRA : DO OBJETO**

O objeto do presente instrumento é a cessão de direito e administração da Unidade Asilar, denominada VILA VIDA, integrante do Programa instituído pela OVG, de conformidade com a Política da 3ª Idade, desenvolvido em todo o Estado de Goiás.

**CLÁUSULA SEGUNDA - DO PATRIMÔNIO IMÓVEL**

O Patrimônio imóvel, de propriedade do Estado de Goiás, somente com prévia autorização legal e mediante assinatura de Termo de Cessão de Uso através da Procuradoria Geral do Estado de Goiás – PPI ( Procuradoria do Patrimônio Imobiliário), poderá ser transferido à Prefeitura local.

**CLÁUSULA TERCEIRA -** A OVG, se compromete a oferecer orientação técnica, por intermédio do seu Corpo de Profissionais especializados, bem como treinamento de pessoal indicado pela Prefeitura, tudo de conformidade com solicitação prévia e devidamente agendado pelo Setor competente da OVG.

**CLÁUSULA QUARTA - DO PRAZO**

A presente Cessão será por tempo indeterminado, podendo contudo, ser modificado, por interesse das partes, mediante comunicação oficial, com antecedência mínima de 60 (sessenta) dias.

**CLÁUSULA QUINTA - DAS DISPOSIÇÕES FINAIS**

As questões omissas e não previstas neste instrumento serão decididas de comum acordo entre as partes, bem como quaisquer outras alterações que julgarem necessárias, mediante assinatura de Termo Aditivo.

**CLÁUSULA SEXTA -** As partes elegem o foro da Comarca de Goiânia – GO, para dirimir quaisquer questões atinentes ao presente Contrato.



ORGANIZAÇÃO DAS VOLUNTÁRIAS DE GOIÁS

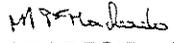
E, por estarem assim justas e contratadas, firmam este instrumento, na presença de duas testemunhas abaixo qualificadas e assinadas, em três vias de igual teor e forma, para um só efeito de direito .

Goiânia, 26 de Novembro de 1998.

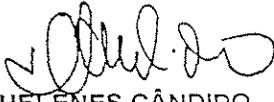
  
LILIA MORAIS CÂNDIDO  
Presidente da OVG.

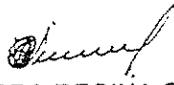
  
José Cláudio Pereira Caldas Romero  
Coordenador Geral da OVG.

  
HUMBERTO DE FREITAS MACHADO

  
MARIA APARECIDA S. F. MACHADO

Testemunhas:

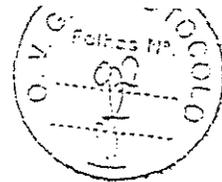
1-   
HELENES CÂNDIDO  
Governador

2-   
SANDRA REGINA CARVALHO VILELA  
Secretária Extraord. De Assist. Social

3-   
LUIZ ALBERTO MAGUITO VILELA  
Senador



# **ANEXO 5**



# ORGANIZAÇÃO DAS VOLUNTÁRIAS DE GOIÁS

DEPARTAMENTO DE APOIO TÉCNICO



VILA VIDA

REGIMENTO INTERNO

*GOLÂNIA, JUNHO DE 1.998*



REGIMENTO INTERNO

CAPÍTULO I

DAS ATRIBUIÇÕES, CONSTITUIÇÕES E OBJETIVOS.

- Art. 1º. - A Unidade Vila Vida é uma Unidade asilar domiciliar aberta, de caráter assistencial em área geronto-geriátrica e possui como entidade jurídica e mantenedora a Organização das Voluntárias de Goiás, instituição de Direito Privado, sem fins lucrativos e de caráter filantrópico.
- Art. 2º. - A Unidade Vila Vida possui a responsabilidade de abrigar em unidades domiciliares, idosos, aposentados, com idade superior a 60 anos, com autonomia funcional, garantindo aos mesmos o máximo de satisfação, promovendo sua independência, integrando à comunidade local, visando sua melhor qualidade de vida.
- Art. 3º. - A Unidade Vila Vida funciona ainda como Centro de Convivência, recebendo idosos acima de 55 anos, devidamente cadastrados, para desenvolvimento de atividades sócio-recreativas.
- § 1º. - É seu dever conscientizar a comunidade freqüentadora dos seus objetivos, estimulando a participação da mesma nas atividades desenvolvidas, visando uma integração entre morador e comunidade.

CAPÍTULO II

DA ORGANIZAÇÃO, ATENÇÃO E ATENDIMENTO

- Art. 4º. - O atendimento da Unidade Vila Vida compreenderá áreas distintas de gerontologia e geriatria e estará a cargo de uma equipe interdisciplinar que, após avaliações gerontológicas, planejará, executará e avaliará o trabalho desenvolvido junto a clientela beneficiada - terceira idade.
- § 1º. - São partes integrantes da Equipe Técnica profissionais de nível superior, e da Equipe de Apoio auxiliares das áreas de saúde, reabilitação, lazer, e outras afins.



§ 2º. - Considerar-se-á sempre que necessário a família do usuário como suporte à equipe da Unidade.

### CAPÍTULO III

#### DA ORGANIZAÇÃO

Art. 5º. - A Unidade Vila Vida tem a estrutura organizacional constante do Organograma descrito no Anexo 1, parte integrante deste Regimento.

### SEÇÃO I

#### DA COORDENAÇÃO LOCAL

Art. 6º. - À Coordenação Local, juntamente com as unidades e serviços constantes do seu organograma, compete a administração da Unidade VILA VIDA, de acordo com as diretrizes e deliberações da Coordenação Geral da OVG;

Art. 7º. - O Coordenador Local será indicado pela Presidente e/ou Coordenador Geral da OVG, entre profissionais possuidores de Curso Superior com formação na área Social.

Art. 8º. - Nas suas faltas ou impedimentos, o Coordenador Local da Unidade será substituído pelo titular da Coordenação Técnica, sob consentimento da Coordenação Geral da OVG;

Art. 9º. - Ao Coordenador Local da Unidade compete:

I - executar as deliberações da Coordenação Geral da OVG na área de sua competência;

II - praticar nas esferas técnica, operacional e administrativa, os atos necessários à eficiência dos serviços e à disciplina dos empregados, expedindo Instruções, Ordens e Rotinas de Serviço, Circulares, CIs, Portarias e demais documentos;

III - controlar as despesas da Unidade Vila Vida, visando otimizar a relação custo/benefício;

IV - encaminhar às Coordenações competentes da OVG os elementos

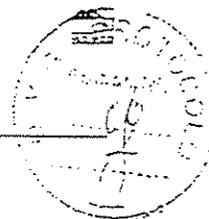
# Organização das Voluntárias de Goiás

## DEPARTAMENTO DE APOIO TÉCNICO

### VILA VIDA



- necessários ao pagamento dos empregados, bem como serviços e compras efetuados sob autorização da Coordenação Geral da OVG;
- V - selecionar, avaliar, sugerir dispensa e indicar necessidade de contratação de empregados;
  - VI - lotar e transferir empregados entre os diversos serviços da Unidade, resguardando as necessidades da Unidade Vila Vida e as formalidades legais do contrato de trabalho;
  - VII - autorizar a antecipação e prorrogação da jornada de trabalho, respeitando as diretrizes da OVG;
  - VIII - apresentar relatório mensalmente informando a qualidade e a quantidade de prestação de serviços aos usuários;
  - IX - movimentar as contas bancárias da Unidade Vila Vida em conjunto com a Coordenação Administrativo-Financeiro;
  - X - elaborar seu próprio orçamento e estar ciente das demais que encerram a Unidade Vila Vida;
  - XI - resguardar os bens materiais, promovendo-lhes as condições necessárias a guarda e conservação;
  - XII - planejar e executar o trabalho com os idosos de forma coordenada com as demais áreas da Unidade, visando uma melhor qualidade de atendimento;
  - XIII - promover a cooperação econômica e social da comunidade através do recebimento de doações, dando-lhes bom uso, juntamente com as áreas competentes;
  - XIV - sensibilizar a comunidade, instituições e familiares dos idosos, visando a promoção de uma melhor qualidade de vida desta parcela da população;
  - XV - planejar e garantir a capacitação de Recursos Humanos em área gerontológica, através de palestras, seminários e treinamentos, referenciando os serviços da Unidade como modelo asilar, garantindo a Qualidade de seu atendimento com avaliações periódicas;
  - XVI - supervisionar, administrar e prestar assistência às diversas áreas da Unidade Vila Vida;
  - XVII - planejar e garantir a execução o plano de aplicação financeira, promovendo a boa utilização dos recursos e as respectivas prestações de contas.
  - XVIII - assinar cheques e demais documentos financeiros e administrativos da Unidade Vila Vida;
  - IX - estabelecer junto com a equipe o calendário dos eventos e atividades do Vila Vida e zelar pelo seu cumprimento;
  - XX - desempenhar outras atividades correlatas ou necessárias ao funcionamento do Vila Vida;
  - XXI - cumprir e fazer cumprir o Regimento do Vila Vida, normas e rotinas em



vigor.

Art. 10º. - A Secretária será indicada pela Coordenação Local, entre empregados possuidores de diploma de 2º Grau, com conhecimentos de datilografia, informática e redação própria.

Art. 11º. - À Secretária compete:

- I - prestar assessoramento à Coordenação Local em assuntos de comunicação com autoridades, superiores e público em geral;
- II - coordenar a entrada e saída de expediente da Coordenação Local e providenciar a instrução dos processos antes de repassá-los à mesma;
- III - redigir as correspondências gerais da Coordenação Local;
- IV - ordenar e controlar os serviços de expedição de correspondência;
- V - elaborar seu próprio orçamento;
- VI - desempenhar outras atividades correlatas ou necessárias ao funcionamento da Unidade Vila Vida;
- VII - cumprir e fazer cumprir o Regimento da Unidade Vila Vida, normas e rotinas em vigor.

## SEÇÃO II

### DA COORDENAÇÃO TÉCNICA - CT

Art. 12º. - À CT compete assegurar o funcionamento eficientes de todos os serviços integrantes de sua estrutura e a integração com órgãos, entidades e colaboradores as ou não, visando a operacionalização das atividades em busca da consecução dos objetivos e finalidades da Unidade Vila Vida.

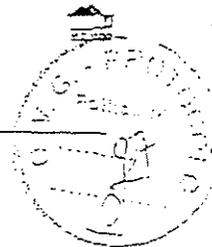
Art. 13º. - A Coordenação Técnica se constitui e será responsável pelas áreas que desenvolverão os serviços abaixo descritos:

- I - Serviço Social;
- II - Serviço de Nutrição e Dietética;
- III - Serviço Enfermagem;
- IV - Serviço de Farmácia;
- V - Serviço de Oficinas Laborativas;
- VI - Serviço de Educação Física e Atividade Sócio-Recreativa;
- VII - Serviço de Pedagogia;

# Organização das Voluntárias de Goiás

DEPARTAMENTO DE APOIO TÉCNICO

VILA VIDA



- VIII - Serviço de Psicologia;
- IX - Secretaria Técnico Operacional.

Art. 14º. - O Coordenador Técnico estará diretamente subordinado à Coordenação Local e será exercida por pessoa indicado pela Presidente e/ou Coordenador Geral da OVG em acordo com a Coordenação Local, possuidor de Curso Superior com formação Social, capacidade de gerenciamento e planejamento.

Art. 15º. - Ao Titular da CT compete:

- I - planejar e propor métodos e normas para a execução das atividades de sua competência;
- II - elaborar cronograma das atividades, normas e rotinas de trabalho e levá-lo a apreciação da Coordenação Local;
- III - responsabilizar-se pelo Relatório Mensal da CT, entregando-o em tempo hábil;
- IV - manter atualizada a avaliação dos empregados da CT, encaminhar pedidos e propor admissão e dispensa para apreciação da Coordenação Local;
- V - apresentar à Coordenação Administrativa-Financeira escala de trabalho e de férias e suas alterações, em tempo hábil;
- VI - executar, propor e articular junto à Coordenação Local cursos, seminários, encontros que visem a capacitação profissional dos técnicos;
- VII - elaborar seu próprio orçamento;
- VIII - a responsabilidade técnica da orientação gerontológica a todos os setores, programas e serviços da Unidade;
- IX - considerar, avaliar e planejar as ações/atividades a partir das reivindicações e sugestões dos demais técnicos e empregados;
- X - exercer a inspeção técnica a todos os setores da Unidade, visando orientar e qualificar melhor os serviços da mesma, repassando ao Coordenação Local procedimentos tomados;
- XI - documentar o trabalho educativo nos diversos setores, registrando e avaliando a evolução das técnicas desenvolvidas;
- XII - promover a integração dos Técnicos e demais setores, visando atender o idoso de forma global;
- XIII - desempenhar outras atividades correlatas ou necessárias ao funcionamento da Unidade Vila Vida;
- XIV - cumprir e fazer cumprir o Regimento da Unidade Vila Vida, normas e rotinas em vigor.

# Organização das Voluntárias de Goiás

DEPARTAMENTO DE APOIO TÉCNICO

VILA VIDA



Art. 16º. - Aos Técnicos Encarregados dos Serviços compete:

- I - garantir a qualidade do trabalho e do benefício;
- II - participar do planejamento, operacionalização e avaliação das atividades da CT;
- III - colaborar com a Coordenação Local na especificação de equipamentos e materiais a serem adquiridos para a Unidade;
- IV - sugerir cursos e palestras otimizando a capacitação profissional;
- V - elaborar seu próprio orçamento;
- VI - colaborar na execução de programas sócio-educativos;
- VII - preencher o Relatório Mensal das atividades desenvolvidas entregando em tempo hábil;
- VIII - desempenhar outras atividades correlatas ou necessárias ao funcionamento da Unidade Vila Vida;
- IX - cumprir e fazer cumprir o Regimento da Unidade Vila Vida, normas e rotinas em vigor.

Art. 17º. - À Secretaria Técnico Operacional compete:

- I - montar os prontuários e processos referente à solicitação de benefícios;
- II - registrar as informações dos prontuários e processos e o seu andamento, encaminhando as áreas de destino;
- III - preenchimento dos documentos comprobatórios de repasse de benefícios conforme descrição do pedido na Ficha Social e prévio autorizo da Coordenação Local;
- IV - manter organizado o arquivo composto pelos prontuários dos beneficiários;
- V - manter contato com os beneficiários quando necessário e solicitado pela CT;
- VI - manter organizado fichário, folhas de frequência, dados estatísticos, a agenda de visitas e outros procedimentos ligados ao Serviço Social;
- VII - elaborar cronograma das atividades, normas e rotinas de trabalho e levá-lo a apreciação da CT e Coordenação Local;
- VIII - desempenhar outras atividades correlatas ou necessárias ao funcionamento da Unidade Vila Vida;
- IX - cumprir e fazer cumprir o Regimento da Unidade Vila Vida, normas e rotinas em vigor.

Organização das Voluntárias de Goiás  
DEPARTAMENTO DE APOIO TÉCNICO

VILA VIDA



Art. 18º. - Ao Serviço Social compete:

- I - realizar triagem, preenchendo a ficha social e juntamente com a Coordenação Local e CT, avaliar a admissão dentro dos requisitos;
- II - atender aos idosos em grupo e/ou individualmente para avaliação, acompanhamento e sessões sócio-educativas;
- III - manter os dados do beneficiário rigorosamente em ordem, avaliando sistematicamente os procedimentos técnicos sociais;
- IV - encaminhar à CT, casos relativos ao uso de álcool ou procedimentos passíveis de advertência;
- V - manter contato com hospitais e laboratórios, visando facilitar o acesso dos idosos a tais locais;
- VI - visitar idosos internados ou no convívio familiar e estimular os moradores a fazerem o mesmo;
- VII - planejar, coordenar, executar e avaliar com a equipe as atividades de caráter social e gerontológico;
- VIII - motivar idosos e seus familiares à participarem de atividades programadas;
- IX - promover palestras sócio-educativas visando promover uma melhor qualidade de vida aos moradores e frequentadores;
- X - encaminhar idosos para acompanhamento por outros profissionais sempre que necessário;
- XI - acompanhar visitantes, prestando informações sobre a rotina da Unidade Vila Vida;
- XII - proporcionar a integração com os setores, visando equacionar os entraves existentes no trabalho;
- XIII - participar na área de recreação, no sentido de promover e estimular o lazer dos idosos na Instituição e/ou na comunidade;
- XIV - incentivar o trabalho produtivo, para que o idoso se sinta útil, bem como participar das práticas ocupacionais;
- XV - garantir junto à Coordenação Local os meios necessários para que possam promover uma melhor qualidade de vida aos idosos;
- XVI - preencher o Relatório Mensal de atividades entregando-o à CT em tempo hábil;
- XVII - elaborar cronograma das atividades, normas e rotinas de trabalho e levá-lo a apreciação da Coordenação Local;
- XVIII - elaborar seu próprio orçamento;
- XIX - prestar informação e orientar sobre os programas e/ou recursos sociais disponíveis na comunidade e democratizar o acesso aos mesmos;
- XX - desempenhar outras atividades correlatas ou necessárias ao



funcionamento da Unidade Vila Vida;

XXI - cumprir e fazer cumprir o Regimento da Unidade Vila Vida, normas e rotinas em vigor.

Art. 19º. - Ao Agente Administrativo compete:

- I - fazer inscrições das atividades Laborativas e ocupacionais da Unidade;
- II - auxiliar nos trabalhos laborativos, ocupacionais e recreativos da Unidade;
- III - repassar aos idosos informações sobre as atividades desenvolvidas na Unidade;
- IV - desempenhar outras atividades correlatas ou necessárias ao funcionamento da Unidade Vila Vida;
- V - cumprir e fazer cumprir o Regimento da Unidade Vila Vida, normas e rotinas em vigor.

Art. 20º. - Ao Serviço de Nutrição e Dietética compete:

- I - buscar a melhoria da saúde dos idosos e empregados, orientando sobre as refeições tecnicamente balanceadas, com boa apresentação e menor custo, preparada de forma higiênica, evitando riscos de contaminação;

Art. 21º. - A Nutricionista compete:

- I - elaborar cardápio atendendo as necessidades nutricionais e fisiológicas do idoso, com preparações de textura e consistência adequada;
- II - oferecer alimentos de qualidade, atraentes e principalmente adequado ao seu hábito alimentar dos idosos;
- III - dar assistência dietoterápica ambulatorial aos idosos e empregados, prescrevendo dietas àqueles debilitados e enfermos, de acordo com o diagnóstico e evolução clínica, estado nutricional e condições psico-sócio-econômica;
- IV - prescrever e avaliar as condutas dietéticas, informando ao idoso da importância da dieta para sua recuperação;
- V - prescrever suplementos nutricionais quando necessário, à complementação da dieta;
- VI - fazer a avaliação nutricional do idoso para a manutenção do peso ideal;
- VII - desenvolver treinamento específico aos empregados envolvidos com os serviços nutricionais, estabelecendo rotinas e atribuições;
- VIII - realizar os trabalhos em perfeita sintonia com as demais áreas da Unidade Vila Vida;
- IX - orientar o cozinheiro, auxiliar de cozinha e copeiro, no preparo, cocção



das refeições;

- X - proceder para que o material do Serviço de Nutrição seja todo identificado, controlado e mantido em perfeitas condições de uso;
- XI - apresentar relatórios mensais e extras, quando solicitado, junto à Coordenação.
- XII - fazer o prognóstico de quantidade e tipo de alimentos a serem consumidos;
- XIII - elaborar cronograma das atividades, normas e rotinas de trabalho e levá-lo a apreciação da Coordenação Local;
- XIV - elaborar seu próprio orçamento;
- XV - desempenhar outras atividades correlatas ou necessárias ao funcionamento da Unidade Vila Vida;
- XVI - cumprir e fazer cumprir o Regimento da Unidade Vila Vida, normas e rotinas em vigor.

Art. 22º. - Ao Serviço de Enfermagem compete:

- I - proceder a verificação e registro de informações relativas às condições físicas dos idosos, quando da admissão;
- II - verificar diariamente as condições gerais de saúde dos idosos moradores;
- III - prestar primeiros socorros, bem como atender ao idoso que exigir cuidados especiais de saúde;
- IV - registrar, encaminhar e acompanhar casos de ocorrências graves que necessitarem de pronto socorro ou imediato atendimento médico-hospitalar e informar à CT, orientar a medicação do idoso morador quando se fizer necessário;
- V - orientar a clientela atendida quanto à prevenção de acidentes e uso de medicamentos;
- VI - orientar os serviços da Unidade sobre os cuidados necessários a fim de interromper a cadeia de transmissão de doenças contagiosas;
- VII - orientar as famílias, individual ou coletivamente em assuntos relacionados a promoção à saúde e auto cuidado;
- VIII - participar ativamente de grupos de estudos e reuniões de avaliação junto à equipe multiprofissional;
- IX - procurar obter da família, quando for efetivada a admissão, o maior número de informações sobre a saúde do idoso;
- X - verificar pressão arterial quando necessário;
- XI - repassar quinzenalmente à CT a listagem de medicamento a serem adquiridos, mediante rigoroso controle de estoque;
- XII - elaborar escala de trabalho e de férias, pertinentes à área de saúde

# Organização das Voluntárias de Goiás

## DEPARTAMENTO DE APOIO TÉCNICO

### VILA VIDA



encaminhando à CT para conhecimento;

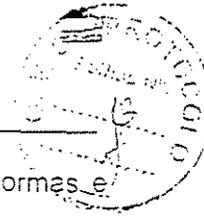
- XIII - ministrar cursos de capacitação para a equipe sob sua supervisão;
- XIV - desempenhar outras atividades correlatas ou necessárias ao funcionamento da Unidade Vila Vida;
- XV - cumprir e fazer cumprir o Regimento da Unidade Vila Vida, normas e rotinas em vigor.

Art. 23º. - Aos Auxiliares de Enfermagem compete:

- I - cumprir as escalas atribuídas pelo responsável pelo Serviço de Enfermagem;
- II - triar os idosos para atendimento médico;
- III - registrar intercorrências diárias no prontuário e repassá-las à plantonistas;
- IV - administrar medicamentos, fazer curativos e outros procedimentos afins;
- V - zelar pelo bom uso, conservação e manutenção de instrumentais e equipamentos.
- VI - desempenhar outras atividades correlatas ou necessárias ao funcionamento da Unidade Vila Vida;
- VII - cumprir e fazer cumprir o Regimento da Unidade Vila Vida, normas e rotinas em vigor.

Art. 24º. - Ao Serviço de Oficinas Laborativas compete:

- I - assegurar a participação dos idosos nas atividades oferecendo-lhes percentual em dinheiro do produto e/ou peças confeccionadas, quando da comercialização da mesma;
- II - promover a montagem e organização de exposições das peças no bazar a ser comercializada;
- III - planejar, coordenar e executar atividades a serem desenvolvidas, repassando ao Serviço Social informações inerentes à área;
- IV - manter contato direto com os beneficiários, repassando informações pertinentes aos diversos serviços;
- V - avaliar a qualidade dos trabalhos executados;
- VI - controlar a freqüência diária dos participantes das atividades;
- VII - acompanhar e incentivar a participação dos idosos no grupo de atividades;
- VIII - repassar ao Serviço Social informações com relação à freqüência, grau de interesse e aspirações dos idosos;
- IX - desempenhar outras atividades correlatas ou necessárias ao funcionamento da Unidade Vila Vida;



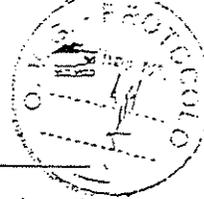
- X - cumprir e fazer cumprir o Regimento da Unidade Vila Vida, normas e rotinas em vigor.

Art. 25º. - Ao Serviço de Educação Física e Atividade Sócio-Recreativas competem:

- I - avaliar o beneficiário para a prática da atividade física;
- I - coordenar, planejar, executar e avaliar as atividades e eventos da área;
- II - coordenar tecnicamente as atividades e eventos por ela programados;
- III - planejar, executar, avaliar e coordenar as atividades de laser físico, sócio-culturais e recreativas;
- IV - proporcionar aos beneficiários atividades físicas e sócio-recreativas;
- V - ministrar aulas na modalidades físicas oferecidas;
- VI - ministrar palestras de temas relacionados à atividade física para moradores e freqüentadores;
- VII - preencher o Relatório Mensal de atividades entregando-o à CT em tempo hábil;
- VIII - participar das reuniões Técnicas da Unidade, ou quando solicitado;
- IX - adequar as atividades físicas e sócio-recreativas a capacitação física da 3ª. Idade;
- X - desempenhar outras atividades correlatas ou necessárias ao funcionamento da Unidade Vila Vida;
- XI - cumprir e fazer cumprir o Regimento da Unidade Vila Vida, normas e rotinas em vigor.

Art. 26º. - Ao Serviço de Farmácia compete:

- I - providenciar toda medicação mais utilizada pelos usuários;
- II - controlar a entrada e a saída de medicamentos;
- III - orientar e supervisionar as condutas das encarregadas da Farmácia (auxiliar de enfermagem);
- IV - controlar mensalmente todas as solicitações de psicotrópicos e outros medicamentos usados na Unidade;
- V - responsabilizar pelos medicamentos, mantendo o controle de estoque rigorosamente em dia;
- VI - repassar, periodicamente, às Unidades da OVG, medicação não utilizada pela Unidade Vila Vida;
- VII - controlar prazos de vencimento de todos os medicamentos remanejando-os para evitar perdas;
- VIII - preencher o Relatório Mensal de atividades entregando-o à GT em tempo hábil;



- IX - responsabilizar-se pelos medicamentos, mantendo o controle de estoque rigorosamente em dia;
- X - orientar e supervisionar as condutas do encarregado pela farmácia;
- XI - repassar quinzenalmente à Enfermeira Chefe a listagem de medicamento a serem adquiridos, mediante rigoroso controle de estoque;
- XII - elaborar cronograma das atividades, normas e rotinas de trabalho e levá-lo a apreciação da Coordenação Local;
- XIII - elaborar seu próprio orçamento;
- XIV - desempenhar outras atividades correlatas ou necessárias ao funcionamento da Unidade Vila Vida;
- XV - cumprir e fazer cumprir o Regimento da Unidade Vila Vida, normas e rotinas em vigor.

Art. 27º. - Ao Recreador compete:

- I - planejar e executar as atividades recreativas semanais e ou ocasionais realizadas na Unidade;
- II - responsabilizar-se pela manutenção e guarda da aparelhagem eletrônica e outros equipamentos utilizados na área recreativa;
- III - incentivar a participação das atividades recreativas aos beneficiários da Unidade;
- IV - desempenhar outras atividades correlatas ou necessárias ao funcionamento da Unidade Vila Vida;
- V - cumprir e fazer cumprir o Regimento da Unidade Vila Vida, normas e rotinas em vigor.

Art. 28º. - Ao Serviço de Pedagogia compete:

- I - planejar, propor, coordenar e desenvolver atividades pedagógicas que visem estimular o usuário;
- II - oferecer momentos para brincadeira, leituras variadas, filmes recreativos e educacionais, música, dança, arte e outras, colaborando na melhoria do estado psicossomática dos usuários;
- III - ordenar os eventos festivos e datas comemorativas com a colaboração de usuários, equipe interdisciplinar e empregados;
- IV - coordenar todo processo de alfabetização da Unidade Vila Vida;
- V - participar das reuniões convocadas pela Coordenação Local e pelo Departamento de Apoio Técnico – DAT, bem como de palestras e seminários, quando se fizer indicação;
- VI - acompanhar, controlar e avaliar o trabalho desenvolvido junto à Oficina de Alfabetização;

# Organização das Voluntárias de Goiás

## DEPARTAMENTO DE APOIO TÉCNICO

### VILA VIDA



- VII - elaborar Relatório Mensal de atividades entregando-o à CT em tempo hábil;
- VIII - elaborar cronograma das atividades, normas e rotinas de trabalho e levá-lo a apreciação da CT;
- IX - elaborar seu próprio orçamento;
- X - desempenhar outras atividades correlatas ou necessárias ao funcionamento da Unidade Vila Vida;
- XI - cumprir e fazer cumprir o Regimento da Unidade Vila Vida, normas e rotinas em vigor.

Art. 29º. - Ao Serviço de Psicologia compete:

- I - emitir laudo diagnóstico e parecer técnico;
- II - aplicar e corrigir testes psicológicos;
- III - fazer atendimento clínico (individual, grupo, familiar, ludoterapia e hospitalar);
- IV - participar da seleção de pessoal realizando entrevistas;
- V - ministrar palestras sócio-educativas aos beneficiários e empregados;
- VI - acompanhar pacientes em quadro de emergência psiquiátrica, fazendo seu encaminhamento a tratamentos específicos;
- VII - realizar visitas domiciliares;
- VIII - desenvolver pesquisas e articulações com a comunidade em geral;
- IX - elaborar mapa sociométrico;
- X - participar das reuniões de avaliação entre a equipe multiprofissional;
- XI - preencher o Relatório Mensal de atividades, entregando-o a CT em tempo hábil;
- XII - elaborar cronograma das atividades, normas e rotinas de trabalho e levá-lo a apreciação da CT e Coordenação Local;
- XIII - elaborar seu próprio orçamento;
- XIV - desempenhar outras atividades correlatas ou necessárias ao funcionamento da Unidade Vila Vida;
- XV - cumprir e fazer cumprir o Regimento da Unidade Vila Vida, normas e rotinas em vigor.

### SEÇÃO III



DA COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA-FINANCEIRA - CAF

- Art. 30º. - À CAF compete fornecer subsídios e apoio necessários aos serviços de saúde e social na promoção de um apoio eficiente e eficaz aos usuários da Unidade Vila Vida.
- Art. 31º. - A CAF está diretamente subordinado à Coordenação Local e será exercido por uma pessoa, indicada pela Presidente e/ou Coordenador Geral da OVG em acordo com a Coordenação Local, preferencialmente portador de Curso Superior, com comprovada experiência, teórica e prática nas diferentes áreas que encerram a CAF, capacidade de gerenciamento, normatização, planejamento e noções de estatística.
- Art. 32º. - A CAF se constitui e será responsável pelas seguintes serviços:
- I - Almoxarifado (Material e Patrimônio);
  - II - Transporte;
  - III - Manutenção e Reparos.
  - IV - Pessoal;
  - V - Contábil e Financeiro;
  - VI - Cozinha;
  - VII - Recepção;
  - VIII - Serviço Gerais (limpeza e vigilância).
- Art. 33º. - Ao Titular da CAF compete:
- I - responsabilizar-se pelo Relatório Mensal, apresentando-o em tempo hábil, sob a forma de tabelas e gráficos;
  - II - responsabilizar-se pela lisura no uso dos cartões de ponto, encaminhar frequência mensal e escala de férias, dentro do prazo previsto, bem como fornecer informações que componham o prontuário dos empregados;
  - III - zelar pelo bom uso do material permanente e de consumo, otimizando a relação custo/benefício;
  - IV - responsabilizar-se pelo estado das instalações elétricas, hidráulicas, equipamentos, veículos, notificando os problemas ao Departamento de Manutenção e Obras da OVG;
  - V - responsabilizar-se pela segurança dos empregados e do prédio nos limites de sua competência;
  - VI - responsabilizar-se junto com a Coordenação Local pela emissão de cheques para pagamento de despesas da Unidade;

Organização das Voluntárias de Goiás  
DEPARTAMENTO DE APOIO TÉCNICO  
VILA VIDA

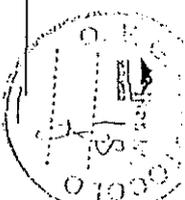


- VI - responsabilizar-se pela atualização e manutenção das informações dos controles bancários, controles das contas a pagar e receber e contábil, apresentando-a sempre que solicitado à Coordenação Local;
- VII - coordenar a elaboração do Relatório Mensal, relativo às informações de sua competência, obedecendo data de entrega;
- VIII - responsabilizar pela organização e venda dos produtos do bazar, bem como prestar contas dos recebidos;
- IX - responsabilizar-se pela segurança dos empregados e do prédio nos limites de sua competência;
- X - elaborar cronograma das atividades, normas e rotinas de trabalho e levá-lo a apreciação da Coordenação Local;
- XI - elaborar seu próprio orçamento;
- XII - desempenhar outras atividades correlatas ou necessárias ao funcionamento da Unidade Vila Vida;
- XIII - cumprir e fazer cumprir o Regimento da Unidade Vila Vida, normas e rotinas em vigor.

Art. 34º. - Ao Serviço de Almoxarife (material e patrimônio) compete:

- I - controlar entrada e saída de materiais, mantendo atualizado os lançamentos em instrumentais próprios;
- II - apresentar balancete trimestral e anual;
- III - manter estoque mínimo regulador;
- IV - preencher o Relatório Mensal das atividades, apresentando-o em tempo hábil;
- V - verificar data de vencimento do material de consumo evitando desperdício;
- VI - registrar as doações recebidas;
- VII - analisar as requisições de material das áreas da Unidade antes de repassá-lo;
- VIII - controlar o patrimônio entregue a cada área mediante termo de responsabilidade;
- IX - não permitir, sob qualquer pretexto, o ingresso no Almoxarifado de empregados ou pessoas alheias à área;
- X - manter sob sua guarda todas as chaves da Unidade;
- XI - zelar pela higiene e ordem do local de trabalho;
- XII - elaborar cronograma das atividades, normas e rotinas de trabalho e levá-lo a apreciação da Coordenação Local;
- XIII - elaborar seu próprio orçamento;
- XIV - desempenhar outras atividades correlatas ou necessárias ao

Organização das Voluntárias de Goiás  
DEPARTAMENTO DE APOIO TÉCNICO  
VILA VIDA



funcionamento da Unidade Vila Vida;

XV - cumprir e fazer cumprir o Regimento da Unidade Vila Vida, normas e rotinas em vigor.

Art. 35º. - Ao Serviço de Transporte compete:

- I - obedecer escala de trabalho previamente estabelecida pelo Coordenação Administrativo-Financeiro e o Serviço de Enfermagem;
- II - conservar em condições de uso os veículos, aferindo níveis de óleo, água, combustível e tarifas;
- III - preencher o Relatório Mensal das atividades, apresentando-o em tempo hábil;
- IV - transportar, sempre que solicitado, idosos, empregados em serviço. Não utilizar a viatura para outras finalidades;
- V - preencher diariamente o boletim de tráfego;
- VI - prestar orientação de uso do cinto de segurança para motorista e passageiros, respeitando as leis de trânsito;
- VII - orientar aos passageiros sobre o uso do cinto de segurança e o uso do crachá;
- VIII - após o uso da viatura, as chaves devem ser colocadas em local determinado pela chefia imediata;
- IX - o atendimento noturno, no caso de emergência, será feito através de um rádio-taxi previamente combinado.
- X - verificar a presença do Kit emergência no veículo;
- XI - elaborar cronograma das atividades, normas e rotinas de trabalho e levá-lo a apreciação da Coordenação Local;
- XII - elaborar seu próprio orçamento;
- XIII - desempenhar outras atividades correlatas ou necessárias ao funcionamento da Unidade Vila Vida;
- XIV - cumprir e fazer cumprir o Regimento da Unidade Vila Vida, normas e rotinas em vigor.

Art. 36º. - Ao Serviço de Manutenção e Reparos compete:

- I - executar, sempre que autorizado pela chefia imediata, reparos necessários dentro da Unidade;
- II - remover lixos e detritos;
- III - fiscalizar a limpeza das piscinas todos os dias pela manhã;
- IV - jardinagem e limpeza do pátio;
- V - executar, de acordo com a disponibilidade, outras atribuições solicitadas pela chefia imediata;

Organização das Voluntárias de Goiás  
DEPARTAMENTO DE APOIO TÉCNICO  
VILA VIDA



- VI - verificar diariamente o estado das instalações elétricas e hidráulicas;
- VII - zelar pelo bom uso dos equipamentos e instalações;
- VIII - preencher o Relatório Mensal das atividades, apresentando-o em tempo hábil;
- IX - preencher em instrumental próprio os reparos necessários repassados à CAF;
- X - manter cadastro de prestadoras de serviços;
- XI - elaborar cronograma das atividades, normas e rotinas de trabalho e levá-lo a apreciação do CAF;
- XII - elaborar seu próprio orçamento;
- XIII - desempenhar outras atividades correlatas ou necessárias ao funcionamento da Unidade Vila Vida;
- XIV - cumprir e fazer cumprir o Regimento do Vila Vida, normas e rotinas em vigor.

Art. 37º. - Ao Serviço de Pessoal compete:

- I - zelar pela lisura do registro de frequência, mantendo conduta de imparcialidade, e sempre que necessário informar a CAF as irregularidades;
- II - favorecer informações necessárias para atualização do dossiê dos empregados ao Departamento de Recursos Humanos da OVG;
- III - interessar-se por conhecer os deveres e direitos trabalhistas;
- IV - encaminhar em tempo hábil a folha de frequência;
- V - afixar no mural as escalas de trabalhos;
- VI - elaborar cronograma das atividades, normas e rotinas de trabalho e levá-lo a apreciação da Coordenação Local;
- VII - elaborar seu próprio orçamento;
- VIII - desempenhar outras atividades correlatas ou necessárias ao funcionamento da Unidade Vila Vida;
- IX - cumprir e fazer cumprir o Regimento da Unidade Vila Vida, normas e rotinas em vigor.

Art. 38º. - Ao Serviço Contábil e Financeiro compete:

- I - manter atualizado o controle de contas a pagar e a receber;
- II - executar a tomada de preços para as compras a serem efetuadas;
- III - manter atualizado o controle bancário da Unidade;
- IV - registrar em livro contábil todo o movimento de custos;

# Organização das Voluntárias de Goiás

## DEPARTAMENTO DE APOIO TÉCNICO

### VILA VIDA



- V - preencher o Relatório Mensal das atividades, apresentando-o em tempo hábil;
- VI - fornecer informações à CAF para a melhor relação custo/benefício no emprego da verba da Unidade;
- VII - elaborar cronograma das atividades, normas e rotinas de trabalho e levá-lo a apreciação da Coordenação Local;
- VIII - elaborar seu próprio orçamento;
- IX - desempenhar outras atividades correlatas ou necessárias ao funcionamento da Unidade Vila Vida;
- X - cumprir e fazer cumprir o Regimento da Unidade Vila Vida, normas e rotinas em vigor.

#### Art. 39º. - Ao Serviço de Cozinha compete:

- I - zelar pelo esboço e higiene da cozinha, refeitório e despensa;
- II - promover a higienização dos vasilhames com material apropriado;
- III - preparar as refeições observando atentamente o cardápio;
- IV - zelar pela conservação e controle dos alimentos;
- V - manter rigorosa higiene pessoal e zelar para que o auxiliar também mantenha;
- VI - requisitar alimentos do Almoxarifado e responsabilizar-se pelo preparo;
- VII - controlar entrada e saída de gêneros alimentícios e material da despensa;
- VIII - responsabilizar-se pelos equipamentos utilizados na área;
- IX - preparar as refeições observando atentamente o cardápio, bem como, as dietas elaboradas pela nutricionista;
- X - elaborar cronograma das atividades, normas e rotinas de trabalho e levá-lo a apreciação da Coordenação Local;
- XI - elaborar seu próprio orçamento;
- XII - desempenhar outras atividades correlatas ou necessárias ao funcionamento da Unidade Vila Vida;
- XIII - cumprir e fazer cumprir o Regimento da Unidade Vila Vida, normas e rotinas em vigor.

#### Art. 40º. - Ao Auxiliar de Cozinha compete:

- I - colaborar com a cozinha no desempenho de suas funções e substituí-la em sua ausência;
- II - manter todos os utensílios e aparelhos da cozinha em rigorosas condições



de limpeza:

- III - preparar o lanche dos empregados e idosos que participam de atividades Laborativas e moradores em dias de reunião.
- IV - desempenhar outras atividades correlatas ou necessárias ao funcionamento da Unidade Vila Vida;
- V - cumprir e fazer cumprir o Regimento da Unidade Vila Vida, normas e rotinas em vigor.

Art. 41º. - Ao Serviços Gerais compete:

- I - zelar pela higiene e asseio da parte interna e externa da Unidade;
- II - responsabilizar-se pela lavanderia;
- III - controlar a vigilância e segurança do prédio;
- IV - responsabilizar-se pelo adequado uso do material de limpeza evitando desperdício;
- V - preencher o Relatório Mensal das atividades em tempo hábil;
- VI - elaborar cronograma das atividades, normas e rotinas de trabalho e levá-lo a apreciação da Coordenação Local;
- VII - elaborar seu próprio orçamento;
- VIII - desempenhar outras atividades correlatas ou necessárias ao funcionamento da Unidade Vila Vida;
- IX - cumprir e fazer cumprir o Regimento da Unidade Vila Vida, normas e rotinas em vigor.

Art. 42º. - Ao Serviço de Limpeza compete:

- I - limpar e manter limpos todas as dependências da Unidade Vila Vida;
- II - fazer a desinfecção dos ambientes conforme procedimentos estabelecidos pelo responsável;
- III - fazer uso de produtos de limpeza e desinfecção obedecendo sistematicamente as instruções da Enfermeira;
- IV - atender prontamente chamadas para atuar em situações de emergências
- V - elaborar cronograma das atividades, normas e rotinas de trabalho e levá-lo a apreciação da Coordenação Local;
- VI - elaborar seu próprio orçamento;
- VII - desempenhar outras atividades correlatas ou necessárias ao funcionamento da Unidade Vila Vida;
- VIII - cumprir e fazer cumprir o Regimento da Unidade Vila Vida, normas e rotinas em vigor.

Organização das Voluntárias de Goiás  
DEPARTAMENTO DE APOIO TÉCNICO  
VILA VIDA



Art. 43°. - Ao Serviço de Vigilância compete:

- I - inspecionar continuamente, vigiar e proteger os bens da Unidade;
- II - informar a Direção sobre qualquer situação anormal;
- III - acionar os órgãos competentes e Coordenações da Unidade nos casos de roubo, assaltos, incêndios e outras situações emergenciais;
- IV - desempenhar outras atividades correlatas ou necessárias ao funcionamento da Unidade Vila Vida;
- V - cumprir e fazer cumprir o Regimento da Unidade Vila Vida, normas e rotinas em vigor.

Art. 44°. - Ao Serviço de Recepção compete:

- I - identificar e registrar em livro próprio a entrada de visitantes à Unidade e liberá-los após emissão do crachá;
- II - encaminhar ao Serviço Social os visitantes dos usuários;
- III - não permitir o acesso à Unidade de pessoas com alimentos, refrigerantes, animais de estimação;
- IV - registrar diariamente ocorrências na recepção;
- V - desempenhar outras atividades correlatas ou necessárias ao funcionamento da Unidade ASF;
- VI - cumprir e fazer cumprir o Regimento da Unidade ASF, normas e rotinas em vigor.

#### CAPÍTULO IV

#### Dos Idosos

Art. 45°. - O trabalho com os idosos será feita mediante:

- I - Encaminhamento da seda da OVG através do Departamento de Apoio Técnico - DAT, via protocolo com o conhecimento da Coordenação Geral;

PARÁGRAFO ÚNICO: Os casos omissos serão definidos pela Coordenação Geral da OVG.

Art. 46°. - Desde que registrados na Unidade Vila Vida os idosos deverão submeter-se aos critérios que regem o seu funcionamento.



Art. 47º. - Os idosos que cometerem infração terão a sua atenção chamada verbalmente, num primeiro momento. Persistindo em cometer infrações será notificado por escrito. Havendo reincidência, será desligado automaticamente.

Art. 48º. - Os prontuários e demais documentos relacionados ao Beneficiário serão arquivados na Unidade Vila Vida, que adotará o sistema integrado e centralizado de guarda.

PARÁGRAFO ÚNICO: Os prontuários são de propriedade da OVG/Vila Vida e dela não podem ser retirados.

#### CAPÍTULO V

##### DA RESPONSABILIDADE DA FAMÍLIA

Art. 49º. - No ato da admissão, a família deverá tomar conhecimento e ciência dos critérios e normas que regem o VILA VIDA.

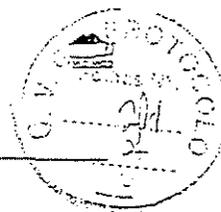
#### CAPÍTULO VI

##### DO PESSOAL

Art. 50º. - O quadro de pessoal da Unidade Vila Vida estará sujeito a alterações em função da demanda dos usuários visando sempre a qualidade do atendimento.

Art. 51º. - A indicação para os responsáveis pelas Coordenações e Serviços deverá recair em profissionais Qualificados dada a complexidade do atendimento prestado pela Unidade Vila Vida.

Art. 52º. - São consideradas funções com direito à gratificação a Coordenação Local, Coordenação Técnica e o Coordenação Administrativa-Financeira;



Art. 53º. - Os serviços de lavanderia e limpeza poderão ser executados por firma terceirizada mediante licitação pública.

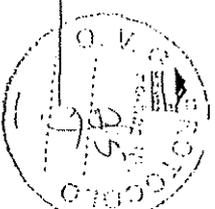
Art. 54º. - São deveres dos empregados:

- I - cumprir o presente Regimento;
- II - cumprir o horário de trabalho previsto em contrato e/ou escala;
- III - executar com presteza, zelo, interesse e atenção, as tarefas de sua responsabilidade;
- IV - atender com atenção e carinho todas as pessoas com quem mantiver contato dentro da Unidade Vila Vida;
- V - cooperar com a Administração no cuidado e/ou atenção na preservação do patrimônio da Unidade Vila Vida;
- VI - zelar pela manutenção da Unidade Vila Vida e de todo o material ou equipamento confiado à sua responsabilidade, comunicando imediatamente à Coordenação Local qualquer perda, desvio, dano ou irregularidade;
- VII - manter a ordem e disciplina no local de trabalho, bem como na ocasião de entrada e saída, evitando ruídos e aglomerações;
- VIII - observar absoluto sigilo em suas funções, nas atividades desenvolvidas na Unidade Vila Vida.

Art. 55º. - É vetado ao empregado:

- I - manter consigo ou trazer de fora das dependências da Unidade, bebidas alcoólicas, drogas, entorpecentes, armas ou explosivos;
- II - fumar no local de trabalho;
- III - participar de "jogos de azar" dentro da Unidade Vila Vida;
- IV - utilizar termos ou atitudes não condizentes ao atendimento proposto;
- V - executar dentro das áreas atividades que não sejam condizentes com as suas funções;
- VI - promover qualquer tipo de comércio com colegas e/ou beneficiários;
- VII - receber visitantes no local de trabalho sem autorização devida;
- VIII - Utilizar mensageiros ou outros empregados da Unidade para recados ou trabalhos pessoais;
- IX - Utilizar o telefone, impressos, equipamentos ou objetos do local de trabalho para interesses próprios;
- X - Permanecer em conversa fora do seu local de trabalho;

Organização das Voluntárias de Goiás  
DEPARTAMENTO DE APOIO TÉCNICO  
VILA VIDA



Art. 56º. São direitos dos empregados:

- I Todos que constam na CLT.

CAPÍTULO VII

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 57º. - Fica vetado aos empregados autonomia para divulgação pela imprensa, rádio, televisão ou quaisquer meios de comunicação, de notícias a respeito da Unidade Vila Vida e da OVG sem prévia autorização da Coordenação Geral da OVG.

Art. 58º. - É expressamente proibido, sob pena da aplicação das punições legais, aos empregados da Unidade Vila Vida receberem ou solicitarem pagamento ou gratificação em reconhecimento dos serviços ou a título de comissão, tomar por empréstimo objetos e valores em dinheiro dos idosos, fornecedores ou qualquer pessoa física ou jurídica que mantenha relações comerciais com a Unidade Vila Vida.

Art. 59º. Fica assegurado a todos os idosos e empregados o direito a tratamento igualitário independente de credo religioso, nível sócio-econômico-cultural e raça.

Art. 60º. - Para o desenvolvimento de suas atividades a Unidade Vila Vida poderá contar com voluntários de diversos segmentos civis que para ela prestarão serviços, a título gracioso, sem vínculo empregatício, sob a orientação da Coordenação Local e CT.

Art. 61º. - Este Regimento entrará em vigor na data de sua aprovação pela Coordenação Geral e Presidência da OVG.



CAPÍTULO VIII

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

- Art. 62º. - A Unidade Vila Vida tem autonomia (desde que autorizado pela Coordenação Geral) para promover eventos beneficentes e comercializar produtos que visem aumentar a receita da Unidade;
- Art. 63º. - A Unidade Vila Vida poderá formar dentro da clientela atendida uma comissão para acompanhamento dos gastos efetuados, bem como participar do processo administrativo da Unidade.
- Art. 64º. - Qualquer alteração neste Regimento deverá ocorrer mediante apresentação de termo aditivo, o qual será avaliado por comissão eleita pela Coordenação Geral da OVG;

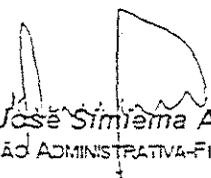
Organização das Voluntárias de Goiás  
DEPARTAMENTO DE APOIO TÉCNICO  
VILA VIDA

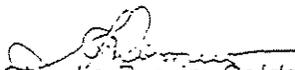


Goiânia, 15 de Junho de 1998

  
Tânia Maria Cassimiro  
COORDENAÇÃO LOCAL

COORDENAÇÃO TÉCNICA

  
Paulo José Simiama Araujo  
COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA-FINANCEIRA

  
José Claudio Pereira Caldas Romero  
COORDENADOR GERAL

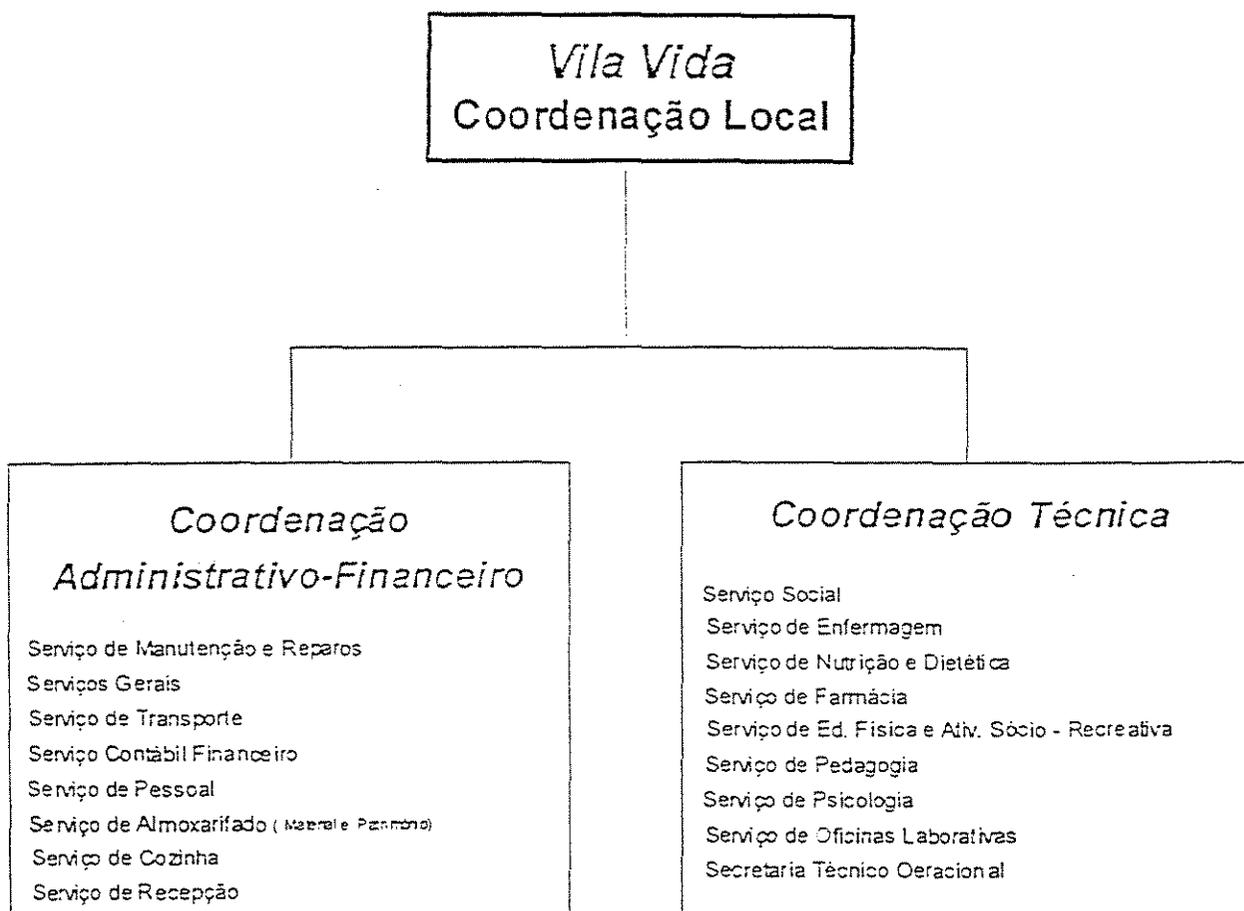


## ANEXO 1

ORGANOGRAMA DA UNIDADE VILA VIDA

# Organização das Voluntárias de Goiás - OVG

## Vila Vida

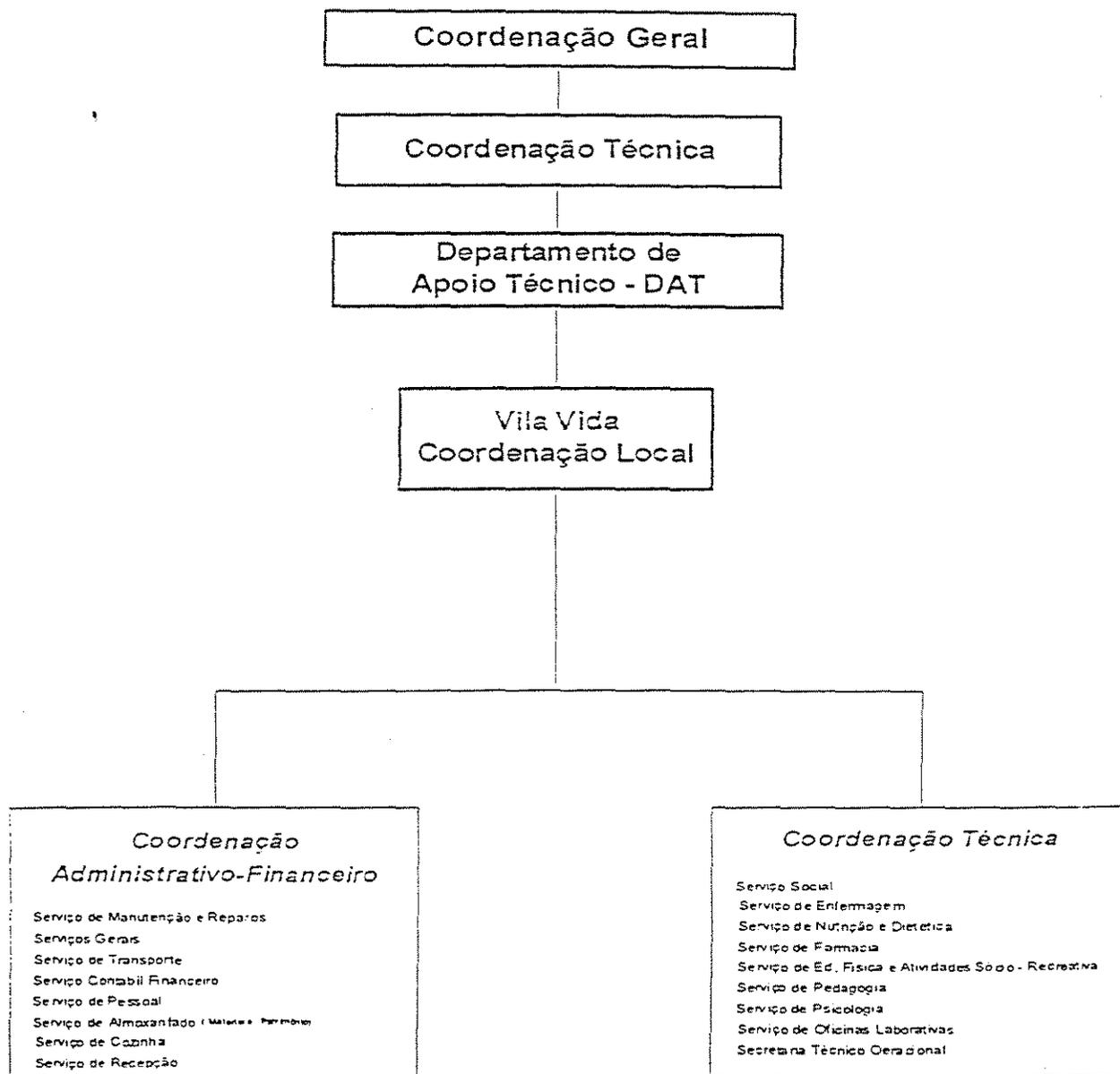




ORGANOGRAMA DA UNIDADE VILA VIDA NO CONTEXTO DA OVG

## Organização das Voluntárias de Goiás - OVG

### Vila Vida





Organização das Voluntárias de Goiás



PROCESSO N.º : 1998/06243  
INTERESSADO : CENTRO DE CONVIVÊNCIA VILA VIDA - CCVV  
ASSUNTO : REGIMENTO INTERNO DA UNIDADE

DESPACHO N.º 182

Acusando recebimento em 29-05-98 do presente Regimento, encaminhe-se ao DAT para análise e parecer, em forma conjunta e integrada com as coordenações do Centro de Convivência Vila Vida - CCVV.

Após, a Assessoria Jurídica para emitir parecer.

GABINETE DO COORDENADOR GERAL DA  
ORGANIZAÇÃO DAS VOLUNTÁRIAS DE GOIÁS, AO PRIMEIRO DIA DO  
MÊS DE JUNHO DE UM NOVECENTOS E NOVENTA E OITO.

  
José Cláudio Pereira Caldas Romero  
Coordenador Geral



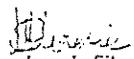
OVG

Organização das Voluntárias de Goiás

## PARECER

Após análise conjunta com a ASSIN, ASJUR, duas coordenações da Unidade Vila Vida e o DAT, concluímos que o presente Regimento corresponde à realidade local, servindo como instrumental de referência às ações da Unidade, com abertura para adaptações às mudanças que possam ocorrer mediante termo aditivo.

  
Teresinha Maria Teixeira  
DAT

  
Anselmo da Silva Moreira  
ASJUR

  
Marco Sérgio Batista Xavier  
ASSIN

  
Tânia Maria Cassimiro  
Coordenação Local

  
Paulo José Simicema Araújo  
Coordenação Administrativa-Financeira

# **ANEXO 6**



# **ANEXO 7**

**FIGURA 1 SALÃO DE DANÇA**



**FIGURA 2 PISCINA DO CONDOMÍNIO**



**FIGURA 3 OFICINA BORDADO COSTURA E PINTURA**

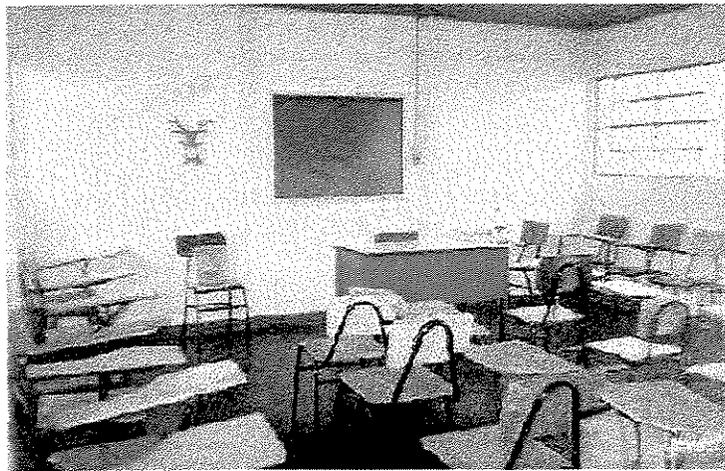


# **ANEXO 8**

**FIGURA 1 QUIOSQUE**



**FIGURA 2 SALA DE AULA**



# **ANEXO 9**

**FIGURA 1 ENFERMARIA**



**FIGURA 2 ALMOXARIFADO**



**FIGURA 3 ATIVIDADES FÍSICAS**



# **ANEXO 10**

**FIGURA 1 ATIVIDADES MANUAIS**



**FIGURA 2 LAGO DIACUÍ**



# **ANEXO 11**

**FIGURA 1 PRAÇA DA CATEDRAL**



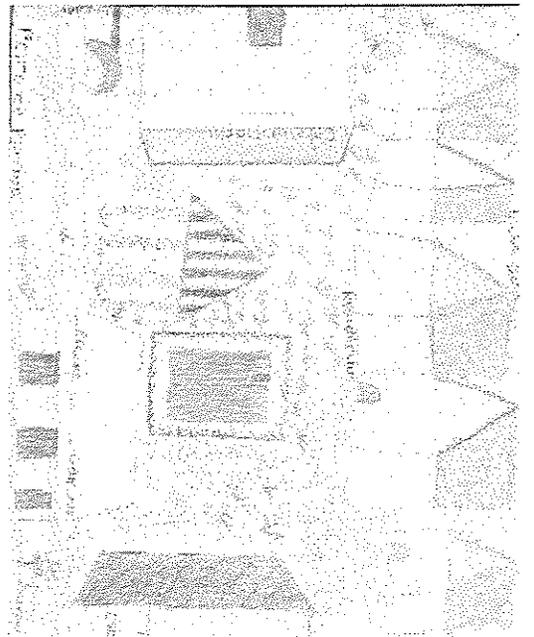
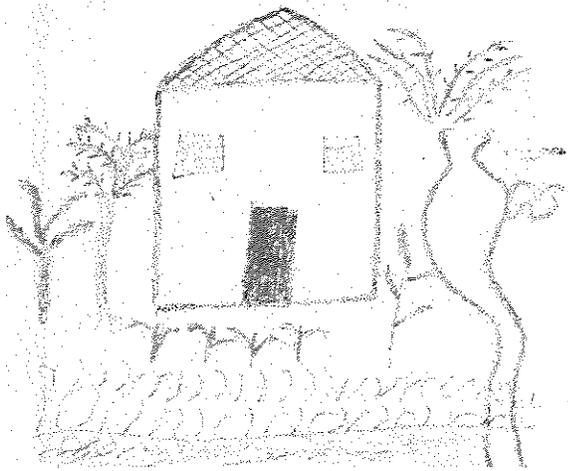
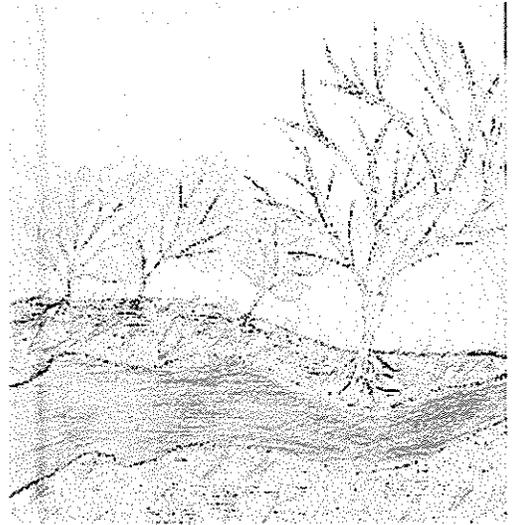
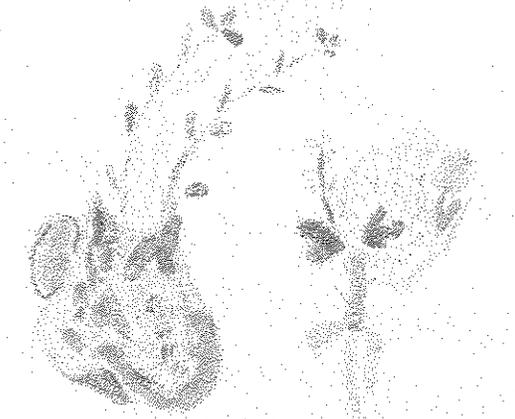
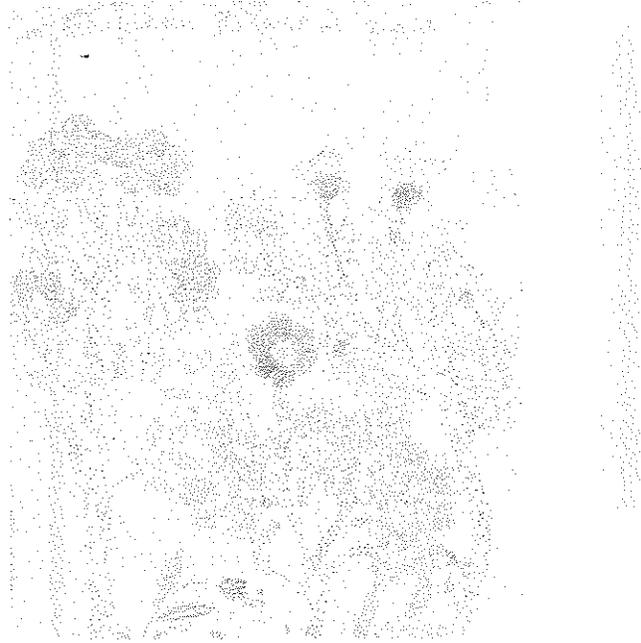
**FIGURA 2 MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE JATAÍ**



**FIGURA 3 MUSEU HISTÓRICO FRANCISCO HONÓRIO DE CAMPOS**

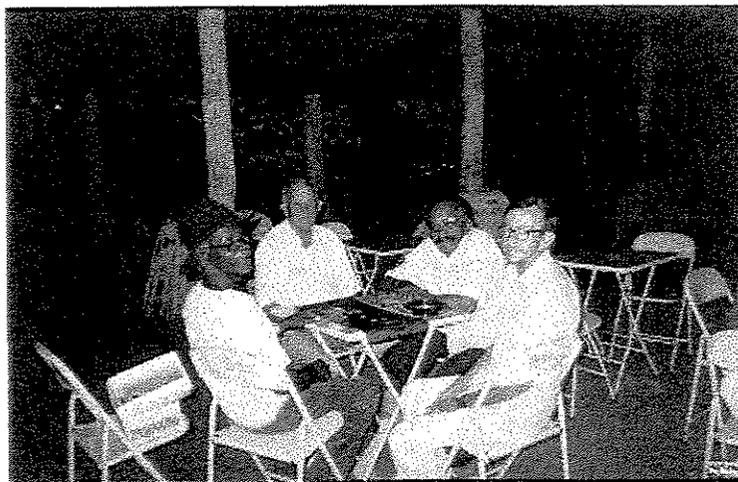


# **ANEXO 12**



# **ANEXO 13**

# ACAMPAMENTO



UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE